U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

Da utilidade do contexto rural na contemporaneidade: As hipóteses de reconversão e reinterpretação da casa do Capela

André Vendeira

M

2019

U.PORTO

André Vendeira. Da utilidade do contexto rural na contemporaneidade: As hipóteses de reconversão e reinterpretação da casa do Capela

M.FAUP **2019**

Da utilidade do contexto rural na contemporaneidade: As hipóteses de reconversão e reinterpretação da casa do Capela

André Vendeira

FACULDADE DE ARQUITETURA

Da utilidade do contexto rural na contemporaneidade

As hipóteses de reconversão e reinterpretação da *casa do Capela*[1]

Universidade do Porto
Faculdade de Arquitetura

Da utilidade do contexto rural na contemporaneidade

As hipóteses de reconversão e reinterpretação da *casa do Capela*[1]

André Filipe Alves Vendeira

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Orientador

Prof. Doutor José Alberto Abreu Lage

2019

1. Ao longo da Dissertação, o objecto de estudo, que, actualmente, não tem qualquer nome atribuído, surge com esta designação, por uma questão de coerência e, sobretudo, em jeito de homenagem ao meu avô, conhecido no lugar de Vilarinho como o *Capela*.

A presente Dissertação foi escrita segundo o antigo acordo ortográfico.
As imagens utilizadas foram editadas, nomeadamente aquelas que fazem parte do arquivo pessoal do autor. As referências bibliográficas encontram-se, em absoluto, na língua em que foram lidas, a qual não corresponde, necessariamente, à nacionalidade de cada um dos autores citados.

Sumário

Agradecimentos

Prefácio

Abstract
Resumo da Dissertação

Nota Introdutória 9

Parte I
1. O caso de estudo: lugar, contexto e memória
1.1. Do Minho: contextualização de uma região 13
1.2. Das arquitecturas populares 29
1.3. Da *casa do Capela* 41

Parte II
2. Das Reflexões
2.1. O Património enquanto material histórico: da valorização das *memórias do tempo* 57
2.2. Da condição e reconversão: *construir sobre o construído* 73

Parte III
3. Das Intervenções
3.1. Das intervenções dos outros 89
3.2. Das hipóteses de intervenção 117
3.3. Da proposta de intervenção 131

Considerações Finais 157

Referências Bibliográficas 161

Créditos de Imagens 165

Anexos 169

Agradecimentos

Aos meus pais e ao meu irmão, a certeza de que, como sempre, será tudo para e por eles...

Ao meu Pai, por ser, talvez, a minha maior inspiração. Por ser um exemplo e uma referência. Tanto orgulho tenho de com ele ser tão parecido.

À minha Mãe, por ser a mulher da minha vida. Por me ter ensinado a crescer e me ter permitido chegar até aqui. O que sou hoje a ela o devo.

Ao Bruno, por acompanhar todo o trajecto e senti-lo como se fosse ele.

À Bia, por ser um inesgotável apoio e o meu maior suporte. Por ver sempre o lado bom das coisas, por me incentivar e encorajar a ser melhor, todos os dias. Ela sabe o que penso. E o que sinto.

Aos meus avós, porque sem eles nada disto teria sido possível.

Ao Rodrigo Seara, pela incansável disponibilidade e por ter tido um papel determinante no desenvolvimento deste trabalho.

Ao Miguel Leal, pela amizade e por me ter acompanhado nestes últimos meses. Por ter sempre uma palavra de ânimo, de força e de coragem.

Ao meu orientador Alberto Lage, pelas 'provocações' sempre oportunas, pela enorme disponibilidade, pela confiança e motivação.

Aos Arquitectos Jorge Morgadinho, João Pedro Santos e Ramiro Guinote, pela confiança e pelas palavras de incentivo.

Ao Engenheiro António Alves, pelo apoio prestado.

E a todos os que me acompanharam, aos quais estou igualmente grato.

Prefácio

Um coberto abandonado. Por trás um terreno, ao qual se "encosta" a construção, à cota do telhado. À frente, três aberturas numa parede de pedra. Por cima, a cobertura de telha. Ao lado, um espigueiro.

Numa primeira fase da Dissertação[1], a aproximação ao caso de estudo teve como objecto um coberto abandonado que, juntamente com o espigueiro, se posiciona na propriedade agrícola da *casa do Capela*. Demarcada por um muro pré-existente em pedra que vai sofrendo torções, é precisamente em algumas dessas curvas que a estrutura se implanta e "encosta". Vinculada a um contexto rural confesso e esquecida pelo tempo e pelas práticas, outrora predominantemente agrícolas, apresenta-se, ainda assim, como um elemento de inegável valor – atendendo, sobretudo, à permanência e conservação do seu desenho. No que diz respeito à pré-existência, esta assume uma presença forte no contexto do sítio em que se insere, até pela forma como se implanta voltada a sul, para a paisagem. É um volume dissimulado nesta última, devidamente identificado com a natureza e plenamente assimilado pelo lugar, quase como se lhe pertencesse. Porém, a situação actual é, em todo o caso, apreensiva, resultado do desgaste exercido pela passagem do tempo e das precárias condições da própria construção.

Posto isto, a motivação que deu origem à Dissertação prendeu-se com a necessidade, mas também ambição, de intervir no existente e de reinterpretar esta estrutura rural. A apropriação de um coberto esquecido e a sua renovação permitiria convertê-lo num novo espaço para habitar. De dimensões manifestamente reduzidas, esta construção em pedra – de apenas um piso e dividida em dois espaços distintos – teria, forçosamente, que ser ampliada, ainda que se mantivesse, mesmo assim, como a peça estruturante que conduziria o exercício de projecto. A abordagem consistiria, através da construção paralela de um volume contemporâneo vinculado à pré-existência, na tentativa de conjugar o antigo com a nova arquitectura.

Entre várias hipóteses de intervenção e extensão da pré-existência, salvaguardando sempre essa mesma coexistência da proposta contemporânea e da construção antiga, sobram os desenhos de levantamento da planta e alçados do coberto e os esquiços que, por sua vez, atestam esse caminho do projectar.

Estender a construção para cima, acrescentando-lhe um novo piso; estendê-la para baixo, enterrando grande parte do programa voltado, igualmente, para a paisagem – esta solução permitiria aproveitar os dois níveis do terreno; estendê-la para o lado, "esticando" o edifício ao longo do muro que delimita a propriedade. Nesta última solução, o prolongamento da construção

1 Ver, em anexo, esquissos do processo;

permitiria introduzir na composição, de uma forma mais evidente, a grande árvore e o tanque existentes. A reinterpretação desta estrutura e o sítio enfatizam o sentido da composição, que em si representa a identidade do lugar. A árvore pré-existente condicionará a integração e adaptação do objecto arquitectónico, que não pode nem deve se alhear do que já lá estava. Como afirma Álvaro Siza, *"(...) a arquitectura não termina em ponto algum, vai do objecto ao espaço e, por consequência, à relação entre os espaços, até ao encontro com a natureza."*[2]. Afirmar que a natureza faz parte da arquitectura e que a arquitectura faz parte da natureza não é, de todo, um equívoco.

Posteriormente, uma "provocação" pertinente feita pelo orientador desta Dissertação levou a uma reconsideração do caminho traçado até então. Estudar uma reconversão da casa propriamente dita, a qual, por iniciativa própria, denominei a *casa do Capela*, era um desafio grande mas integralmente fundamentado. Se a forma como esta decisão, tomada naquele dia, permitiu desenvolver uma reflexão muito mais ponderada e coesa[3] não bastasse, há um motivo que desencadeou a escolha final. A *casa do Capela*, casa da família à qual os meus avós sempre se dedicaram incessantemente e que fez parte activa da minha infância, caminha gradualmente para a sua degradação.[4] Nesse sentido, esta possibilidade de estudá-la, enquadrá-la, levantar o seu desenho e propor uma reinterpretação do conjunto foi encarada como uma oportunidade de dar continuidade à casa, de renovar a sua finalidade e, consequentemente, de perpetuar o significado e a memória de um lugar que, aos meus avós, sempre lhes disse tanto. Evocando Emilio Tuñón e Luis Mansilla:

> *"(...) o pensar hoje, como o ensaio, como o projectar, é uma pista que se traça caminhando, meio meditando, meio compreendendo, numa espécie de reflexão orbital em que a própria aproximação é capaz de dar forma pessoal às coisas"*[5]

---

2 Álvaro Siza Vieira, *Imaginar a evidência*, pág. 31;

3 O estudo da *casa do Capela* permitiu desenvolver, de uma forma mais congruente e apropriada, alguns dos temas propostos, desde a questão da arquitectura popular rural à arquitectura enquanto elemento estabelecido e enquadrado num contexto específico;

4 Como resultado desse abandono cada vez mais notório, o meu tio e potencial cliente já vem, há mais tempo, ponderando esta possibilidade de intervir na *casa do Capela*, o que também contribuiu para a tomada de decisão;

5 E. Tuñón, L. Mansilla, En torno del ensayo, *Arquitectura*, citados por Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica - longa duração e desenho*, pág. 7;

Abstract

The lack of meaning rooted on an increasingly absent identity, which nowadays helps to explain Vilarinho's place and much of what is generally experienced in a rural context throughout the portuguese land, represents the restlessness that served as a starting point for the making of this dissertation despite its undeniable heritage value that is assured by the pre-existences' historic dimension. Vilarinho de Baixo, on the Póvoa de Lanhoso county, in Braga, it's a place of personal reference perhaps by its historic testimonials, which praise its architecture pronouncedly popular and reflect the memory of time, or by the preservation of its essence, evident in the people and traditions that define the land, but mostly by the underlined emotional and familiar connection.

For that matter, the object of study for this investigation - a casa do Capela - is the first name of a project proposal which arises as a popular housing that should be preserved, as should its memory, but also intends to serve as an example, through a reinterpretation of its design, and motivate the return to a rural scene which should be intertwined with a contemporary approach to the architectural exercise.

Resumo da Dissertação

A crise de significado assente numa identidade cada vez mais ausente, que, nos dias de hoje, ajuda a explicar o lugar de Vilarinho e muito do que se vive, na sua generalidade, em contexto rural no território português, representa, apesar do inegável valor patrimonial assegurado pela dimensão histórica das pré-existências, a inquietação que serviu de ponto de partida para a realização desta Dissertação. Vilarinho de Baixo, no concelho da Póvoa de Lanhoso, em Braga, é um lugar de referência pessoal, talvez pelos testemunhos históricos que enaltecem a sua arquitectura marcadamente popular e reflectem a memória do tempo ou pela conservação da sua essência patente nas gentes e tradições que definem o território, mas sobretudo pela ligação afectiva e familiar que assinala.

Nesse sentido, o objecto de estudo desta investigação - *a casa do Capela* - é o nome próprio de uma proposta de projecto que surge como uma habitação popular que interessa preservar, assim como a sua memória, mas que pretende também, através de uma reinterpretação do seu desenho, servir de exemplo e motivar o retorno a um cenário rural que deverá estar necessariamente interligado com uma abordagem contemporânea do exercício arquitectónico.

1. Silhueta do espigueiro da *casa do Capela*, lugar de Vilarinho de Baixo, Póvoa de Lanhoso, 2018;

Nota Introdutória

A imagem de uma região rural adormecida e cristalizada - que pode, ainda assim, ser reanimada - é o reflexo da desertificação e do abandono, em grande medida, de um território[1] que resiste, apesar de tudo, por força da resiliência de poucas pessoas que, ao longo de uma vida, garantiram a sua salvaguarda e sobre o qual se deve, por isso, reflectir criticamente. Propõe-se, por isso, um exercício de contextualização desse mesmo território e suas características sem nunca perder o envolvimento do objecto de estudo - material histórico, pese embora algumas alterações feitas ao desenho original, enquanto modelo representativo da arquitectura popular pré-existente que, numa perspectiva de continuidade e inovação, se coloca ao serviço da contemporaneidade -, situado no lugar de Vilarinho de Baixo, que deu origem a esta investigação. As reflexões teóricas que, seguidamente, desenvolvem as questões do património arquitectónico e do *construir sobre o construído*[2] terminam com uma proposta de intervenção que prevê a reconversão e reinterpretação da *casa do Capela*.

A dissertação divide-se em três partes que, assentes num processo ponderado, consciente mas ambicioso que conduziu a sua escrita e construção, se pretende que se conjuguem, interliguem entre si e, consequentemente, estabeleçam um fio condutor. A aproximação ao lugar, o estudo sobre as temáticas que permitem cruzar e discutir, simultaneamente, o território e o objecto e a proposta final de intervenção devem, por isso, complementar-se e, nesse caso, envolver-se no desenvolvimento da exposição crítica sempre que se achar pertinente, ao invés de funcionarem como componentes distintas. Embora se comece *"por conhecer o que é que se tem de fazer e onde, e um pouco o contexto"*[3], é o primeiro capítulo que assegura um primeiro olhar geral sobre a região minhota do nosso país. Já numa perspectiva mais particular - e ligeiramente mais orientada -, o que se pretende é contextualizar o lugar de Vilarinho de Baixo e, motivado pelas características marcadamente rurais e primitivas da aldeia e do próprio objecto de estudo, analisar a arquitectura de feição marcadamente popular que se estende por toda a região, intemporal e imune a ciclos, o valor patrimonial do material histórico construído e a forte presença dos espigueiros, construções de absoluta relevância dentro deste cenário.

O segundo capítulo, por sua vez, dá lugar a uma reflexão assumidamente teórica que decorre de temas como o património e a conservação da memória de um passado construído que, ainda

---

1 *"O território é o elemento permanente da identidade."*, retirado do prefácio da 2ª edição, de José Mattoso, *Portugal - O Sabor da Terra: um retrato histórico e geográfico por regiões*, pág. 6;

2 Motivada pelo livro *Construir en lo construido: la arquitectura como modificación*, de Francisco de Gracia;

3 Conversa entrevistada entre Álvaro Siza e Eduardo Souto de Moura, 2018, (disponível em: https://www.publico.pt/2018/02/25/culturaipsilon/entrevista/o-bonito-o-feio-o-janota-e-o-efeito-miles-davis-na-arquitectura-1804242/amp#);

hoje, permanece vivo[4]. Tal pretende, como referido anteriormente, conciliar o território e a arquitectura que influi sobre ele mas que dele faz, também, parte. Como referia Suzanne Daveau:

> *"Para entender geograficamente qualquer lugar é preciso situá-lo à superfície do Globo. Nenhum lugar pode ser devidamente compreendido quando considerado isoladamente; é sempre indispensável encará-lo através das relações mais ou menos intensas que mantém com os espaços que o circundam, próximos ou distantes."*[5]

De facto, o edificado, neste contexto, respira naturalidade e faz natureza. É permanente, intemporal e introduz, ao fixar-se, a ideia da pré-existência como um elemento perfeitamente enquadrado no sítio. Ainda no segundo capítulo, levanta-se, como referido anteriormente, a questão do construir no construído, que pressupõe a validação das estruturas antigas e da arquitectura vernacular - enquanto suporte e ponto de partida para novas interpretações - na perspectiva de uma actualização dessa mesma circunstância, que precisa de contemporaneizar-se sem alimentar, porém, uma atitude de negligência perante os valores históricos. A perpetuação da sua história passa pela renovação do seu significado, por uma contemporaneidade capaz de se adaptar e integrar no existente, assim como na paisagem.

No capítulo final, o primeiro tópico faz referência a algumas obras dedicadas à reabilitação e â reconversão de edifícios pré-existentes em áreas marcadamente rurais - são os casos da casa de férias em Briteiros, de Fernando Távora, da quinta de Bouçós, de Nuno Brandão Costa, dos palheiros de São Dâmaso, do Atelier 15 e do palheiro em Cortegaça, de João Mendes Ribeiro - que, de certa forma, ilustram a exposição teórica, ajudam a validar esse discurso, mas, simultaneamente, asseguram exemplos práticos que contribuem, certamente, para o desenvolvimento da estratégia de projecto. Nos últimos dois pontos, por sua vez, algumas hipóteses de intervenção apresentadas e testadas *a priori* dão origem à concretização de uma resposta prática a todas estas reflexões teóricas, que, directa ou indirectamente, procuraram nunca se desviar do tema central deste estudo, no formato de uma proposta de projecto que sugere uma estratégia de intervenção no existente assente na reinterpretação da *casa do Capela*, mas que, ainda assim, se pretende que seja capaz de a valorizar no sentido da preservação da sua memória.

Ainda que esta extensa investigação se tenha desdobrado sempre em torno do objecto que lhe dá origem, a referência a determinados autores, sobretudo com o recurso a citações[6], surge não só por uma questão de coerência, mas também por necessidade, ambas no sentido de apoiar

4 A origem da valorização da pré-existência está na sua natureza histórica. Está, completando o raciocínio, na estabilidade e na intemporalidade da arquitectura que integra o lugar;

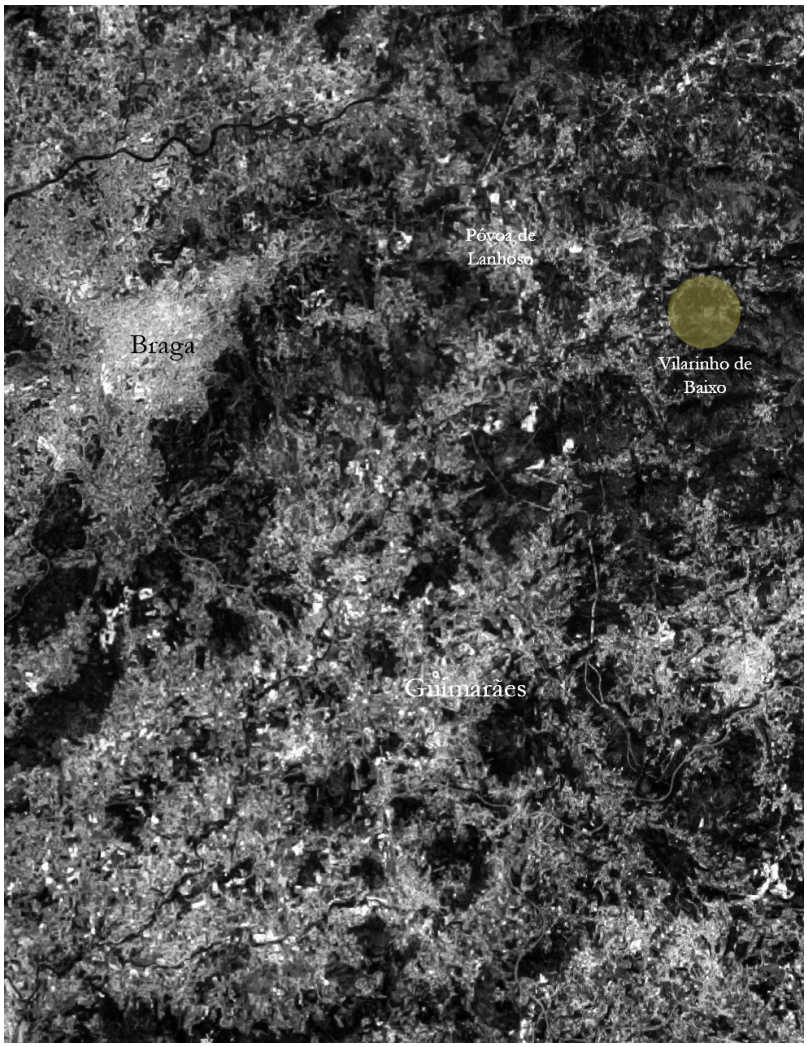
5 Suzanne Daveau, A posição de Portugal no mundo, *Portugal Geográfico*, pág. 9;

6 Que, de certa forma, poderiam desviar o foco do tema central da Dissertação por se referirem, na maior parte dos casos, a temas que nem sempre estabelecem uma relação directa com o caso de estudo;

o discurso e de lhe dar, também, a perspectiva de quem se debruça recorrentemente sobre temas como o património, a reconversão de construções pré-existentes em meio rural ou até a região do Minho e aspectos sobre o território.

Acreditamos que um dos maiores contributos desta investigação centrar-se-á na procura de uma resolução para a crise de identidade que assombra o meio rural. Outrora reconhecido e parte influente da vida das gentes que o habitavam, a sua reativação e das construções vernaculares adormecidas, que hoje são património, transforma-se num possível e renovado ponto de partida e de viragem, na medida em que é, nesta perspectiva, reinterpretado e readaptado aos novos tempos e usos. Só a retoma de um mundo rural plenamente identificado com o lugar e capaz de responder às circunstâncias actuais permitirá restabelecer o vínculo entre a arquitectura e o território.

2. Enquadramento geral da *casa do Capela*, situando Vilarinho de Baixo no mapa de Portugal;



1. O CASO DE ESTUDO. LUGAR, CONTEXTO E MEMÓRIA

1.1. Do Minho: contextualização de uma região

Considerando as potencialidades do caso e objecto de estudo que o lugar de Vilarinho de Baixo retrata, o motivo desta investigação prende-se com a oportunidade de conhecer e apre(e)nder uma região que, de certa forma, me tem envolvido, de interpretar a realidade existente e de com ela me confrontar. Talvez tenha sido, também, por essa razão, que a *casa do Capela*, associada à possibilidade e desejo de intervenção e reinterpretação da sua função actual, adquire uma dimensão, em todo o caso, mais pessoal. A consciência desta abordagem foi crescendo juntamente com a intenção de estruturar o discurso do geral para o particular e a necessidade de situar a *casa do Capela* e enquadrá-la, considerando a envolvente que o circunda como parte relevante da investigação.

> *"Não existe, por isso, pior heresia geográfica que a representação cartográfica de um estranho "Portugal-ilha" flutuando num espaço indiferenciado;"*[1]*. "Por isso, (...)", como instiga o Inquérito, "(...) procuraremos reconhecer o seu ambiente natural, saber da sua gente, como vive e de quê, entrar no espaço das suas casas e descobrir a ordem que lhes puseram, compreender os materiais dominantes sob as formas em que os talharam."*[2]

Numa primeira abordagem de carácter contextual e introdutório, pretende se dar a conhecer a evolução histórica da região, tendo como pano de fundo, naturalmente, a arquitectura, o traçado e respectivas construções locais – técnicas de construção, materiais predominantes –, falando também acerca das características que definem, no presente, a região minhota do nosso país.

Com base na economia de subsistência que absorve e abrange, na íntegra, a fatia rural desta

1 Suzanne Daveau, A posição de Portugal no mundo, *Portugal Geográfico*, pág. 9;
2 *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, pág. 118;

3. Lugar de Vilarinho de Baixo, Póvoa de Lanhoso, 2019;

região[3] e como consequência desse cenário, a ideia do permanente e do intemporal associada ao património construído é, na generalidade, uma constante. Sobre a permanência do desenho antigo que, nos dias de hoje, ajuda a justificar o carácter histórico deste lugar e da sua arquitectura, o *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal* faz referência ao traçado tradicional e primitivo e à feição popular das construções, propositadamente salvaguardada, afirmando que *"de forte sabor pitoresco (...) não são mais do que a permanência de sobreposições por vezes desconcertantes de formas, na massa urbana, não liberta da poesia das coisas frustes e abandonadas, ainda que plenas de ensinamentos potenciais."*[4]. *"Para compreender os fenómenos locais"*[5], aqui numa análise do geral para o particular que abrange, a uma escala mais aproximada, o concelho da Póvoa de Lanhoso[6], *"torna-se pois indispensável conhecer o modo como se distribuem (...)"*[7].

Território rico em história, o Minho, terra enraizada, singular e com identidade, *"oscila entre a agricultura de exploração quase primitiva à mais moderna indústria."*[8]. Dentro dessa linha de pensamento, assinala-se uma grande densidade de construções que fazem parte desta região e que alternam, não poucas vezes, entre espigueiros simples característicos do lugar rural no qual se inserem e casas de registo urbano[9].

Conhecida pela sua gente, pela *"multiplicidade de recursos que ela sempre foi capaz de criar"*[10] e pelas terras de cultivo que aprenderam a lavrar, a semear e dela colher o sustento, a região minhota viveu, durante largo período, da caça e da criação de gado, práticas comuns sob as exigentes condições dos pontos mais altos das regiões montanhosas. Desgovernado e pouco cultivado, o Minho era, aliás, na sua grande maioria, povoado nos cimos das montanhas e altas serranias. A essa maior tendência para o pastoreio, contrapõem-se, mais tarde, os rudes trabalhos nos campos das gentes minhotas, de rosto marcado pelo tempo, nos vales mais férteis/terras baixas, já que a cultura dos cereais iria assumir-se como a base do sustento dos habitantes da região, que rapidamente ajustaram os seus hábitos e se adaptaram ao habitat sedentário, primitivo mas

---

3 Em contrapartida, assiste-se a uma optimização do sentido de auto-suficiência, a uma maior e evidente aptidão agrícola e a um espírito comunitário assente numa produção que pretende dar resposta e satisfazer as necessidades de cada indivíduo;

4 *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, pág. 34; do valor histórico e patrimonial que a *casa do Capela* encerra em si mesma. Das várias fases da casa, das *sobreposições* que recuperaram, acrescentaram e demoliram, também, muita coisa, mas que deixaram outras intactas;

5 *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, pág. 7;

6 O seu castelo, o castelo de Lanhoso, de fundação anterior à nacionalidade portuguesa, localiza-se no cimo de um morro rochoso granítico no qual é possível encontrar uma escada escavada que dá acesso ao topo. Em 1680, o castelo foi parcialmente demolido no sentido de as reutilizar – às pedras resultantes dessa demolição – para construir o Santuário da Senhora do Pilar, também na Póvoa de Lanhoso;

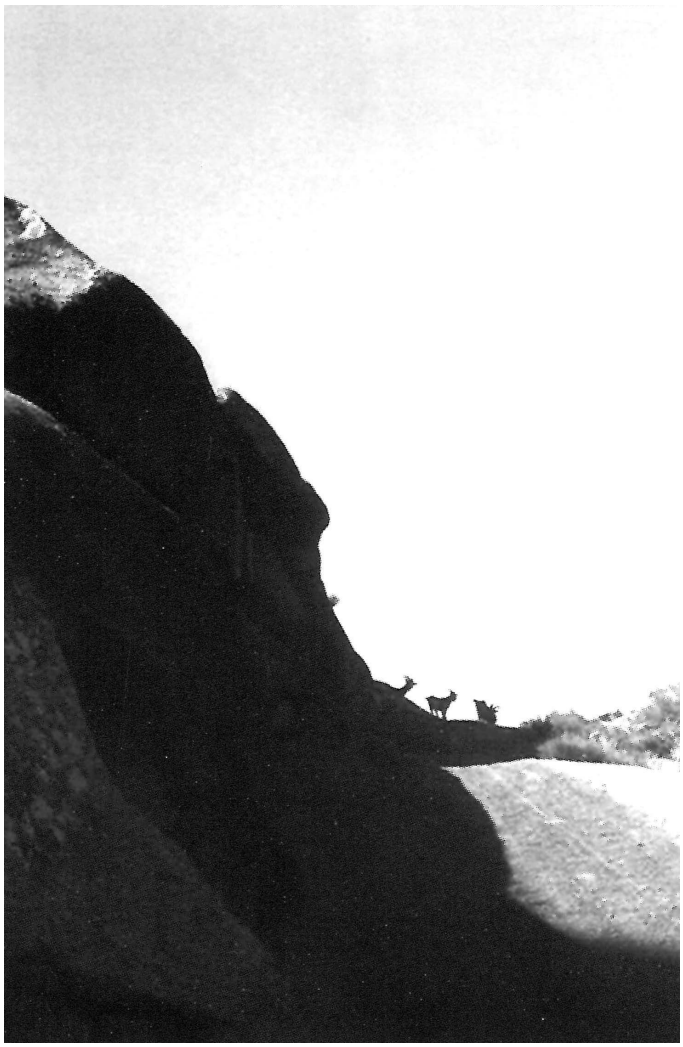
7 *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, pág. 7;

8 Op. cit., pág. 3;

9 O Minho apresenta um *"carácter predominantemente rural da área minhota polarizada por Braga e um carácter mais urbano da área duriense polarizada pelo Porto (...)"*, Suzanne Daveau, Minho, *Portugal - O Sabor da Terra: um retrato histórico e geográfico por regiões*, pág. 102;

10 Suzanne Daveau, Minho, *Portugal - O Sabor da Terra: um retrato histórico e geográfico por regiões*, pág. 140;

4. Pastoreio e criação de gado nas altas serranias;



rigoroso que ainda hoje a distingue:

> *"(...) Os campos imprimem o traço mais vigoroso da paisagem agrária portuguesa. "Se o pão, o vinho e o azeite formam a trilogia da alimentação nos países mediterrâneos, aos cereais, que constituem a base tradicional da nossa exploração agrícola, cabe de direito nessa trilogia o primeiro lugar" (Amorim Girão, Atlas de Portugal). O cereal acompanha por toda a parte as instalações humanas, no vale, na planura, na encosta ou na montanha, onde ultrapassa de 500 metros o limite do povoamento."*[11]

Na mesma época, a plantação da oliveira e a produção do azeite surgem associadas a esse fenómeno. De facto, a forma como este se adaptou às terras e ao solo característico da região promoveu um aumento substancial da produtividade agrícola. A partir daí, foram várias as tentativas a procurarem estabelecer-se na região minhota, situações novas às quais as gentes sempre souberam se adaptar. Quanto à produção agrícola que mais se evidencia nesta zona do país, verifica-se – e diga-se que em larga escala – *"o predomínio do milho sobre os outros cereais"*[12], o que, de certa forma, justifica a marcada presença do espigueiro nestas regiões mais a norte das quais a Póvoa de Lanhoso e o lugar de Vilarinho de Baixo são exemplo. A emancipação do milho na forma contundente como se espalhou por toda a parte e assumiu o domínio de toda a exploração agrícola, não só na região minhota, mas um pouco por todo o País, fruto do crescimento exponencial na sua produção, motivou quase uma espécie de revolução – especialmente na paisagem rural, modificada sobretudo com base na construção dos sequeiros, espigueiros[13] e respectivas eiras junto às habitações. Esta proximidade permitia agrupar as diferentes lides, fossem elas domésticas ou agrárias. No Lindoso, que já faz parte do Minho montanhoso, os espigueiros, excepcionalmente, não acompanhavam as casas de habitação. Por outras palavras:

> *"O milho foi, no século XVI, um providencial enriquecimento do património agrário. Ao Norte do Mondego, a faixa atlântica, muito povoada, onde já se praticava a rega e a poli cultura, recebeu sem custo a nova planta e dela aprendeu depressa a tirar proveito. (...) Por toda a parte onde a pressão demográfica se faz sentir, o novo cereal substitui os antigos, multiplicam-se as regas, elimina-se o pousio, arroteia-se sem descanso."*[14]

---

11 Orlando Ribeiro, *Portugal, o mediterrâneo e o atlântico*, citado por António Menéres, *Arquitecturas populares: memórias do tempo e do património construído*, pág. 21;
12 *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, pág. 22;
13 Religiosamente sobrelevados para facilitar o processo de secagem das espigas do milho;
14 Orlando Ribeiro, *Portugal, o mediterrâneo e o atlântico*, citado por António Menéres, *Arquitecturas populares: memórias do tempo e do património construído*, pág. 22;

5. Terras de cultivo e exploração agrícola, lugar de Vilarinho de Baixo, Póvoa de Lanhoso, 2019;

Não obstante a hegemonia imposta pelo milho e sua enorme disseminação, importará, talvez, salientar a relevância dos campos de cultivo neste contexto sobre o qual dissertamos, bem como da produção do cereal enquanto alimento-base dessa exploração. A firme ocupação do território, tendo em consideração a oferta e resposta dada pela região e suas terras, altamente férteis, era, de facto, incontrolável. A abundância de água, o relevo acidentado e a grande densidade de arborização são alguns dos traços que ajudam a definir o clima, a geologia e a ocupação territorial da paisagem rural e configuram a actualidade do território minhoto, abundantemente granítico. O facto de o Minho ser o lugar com a pluviosidade mais elevada do País explica, em parte, a fertilidade do solo abundantemente irrigado e solicitado pelas águas da chuva. A presença das rochas graníticas também contribui para essa produtividade, embora em áreas mais altas e acidentadas – como é o caso da serra do Soajo – isso, naturalmente, não se verifique, dado que a altitude própria das serras e a pluviosidade excessiva impedem a prática da agricultura intensiva.

Sendo este o cenário que serve de pano de fundo ao longo da Dissertação, é a propósito da ruralidade e do que essa realidade pressupõe que propomos entender e explorar o *"viver rude e simples"*[15] das gentes do Minho, identificando algumas das suas particularidades:

> *"Nesta ou naquela encosta, onde a fonte e o riacho acodem às necessidades do ser vivo, onde o solo é propício à rompida das leiras, que hão de dar o sustento, e a injunção dos caminhos que dos vales ascendem à serrania se faz, logo se estabelece o ser humano."*[16]

Nesta região a norte de Portugal as comunicações físicas entre os diferentes aglomerados populacionais nunca foram fáceis, já que as altas colinas que a circundam e desenham e os rios que a atravessam separam-nos e dificultavam a sua aproximação.

O objecto de estudo, construção marcadamente popular que representa, ainda hoje, o período assinalado pelas múltiplas intervenções desse cariz, confirma a *"homogeneidade da arquitectura desta região"*[17] e reforça a sua personalidade e carácter enquanto algo consistente que perdura ao longo do tempo, estável em contexto rural. Evocando novamente o *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, podemos assistir em muitas dessas intervenções ao *"carácter lírico dos moldes tradicionais já abandonados, que a idade transforma em verdadeiros documentos humanos."*[18].

O pertinente tema acerca das particularidades que definem os sequeiros[19] faz deste, tendo

---

15 António Menéres, *Arquitecturas populares: memórias do tempo e do património construído*, pág. 9;
16 *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, pág. 25;
17 Op. cit., pág. 46;
18 Op. cit., pág. 54;
19 Divisões de apoio à prática da agricultura onde o milho, principal colheita da região minhota, e outros produtos da terra se abrigam e se expõe à acção do sol. Embora a função da eira seja precisamente essa, a intensa pluviosidade que se verifica nestes lugares torna fundamental o recurso a este tipo de abrigos enquanto complemento. Diz-nos o *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal* que *"em locais húmidos, (...) este tipo de abrigo é indispensável"*, pág. 50;

6. Casa da Capela, aldeia de Carreira, Póvoa de Lanhoso, 2019;

7. Espigueiro da *casa do Capela*, lugar de Vilarinho de Baixo, Póvoa de Lanhoso, 2018;

em consideração a região minhota em particular, o elemento que, provavelmente, melhor e de forma mais clara anuncia a variedade do seu desenho, da sua construção e (in)dependência, atendendo às circunstâncias e lugar a que pertence.[20] Nesse sentido, a questão da dependência está presente, por sua vez, na forma como, vulgarmente, o sequeiro se adossa à habitação, encontrando um equilíbrio entre si – cuja finalidade é agrícola – e a casa propriamente dita. Dado o modo como se adequam e se integram no desenho do conjunto como um todo, são, até, vistos como uma *"dependência complementar"*[21] que acaba por fazer parte da composição. A Casa da Capela, citada mais à frente, é um extraordinário exemplo desta associação no qual encontramos, actualmente, um antigo sequeiro absolutamente integrado no espaço habitável, funcionando como mais uma divisão que faz, efectivamente, parte do que é a habitação propriamente dita. De facto, é precisamente a posição do sequeiro que permite estender a habitação e incluir também a capela na estrutura-base do aglomerado, que é, dessa forma, lido como um todo. Esta complementaridade, porém, não invalida que outras arquitecturas nos possam apresentar um conjunto semelhante na sua organização tipológica, mas com o sequeiro dissociado do resto da habitação, já que servem distintas necessidades. A versatilidade destas composições é muita, uma vez que os elementos que delas fazem parte são vários[22] e a sua função é, também, diversificada. Apesar disso, há uma identidade própria reconhecível e transversal a todos estes exemplos de arquitectura popular da região minhota, não existindo, contudo, um modelo fixo a seguir mas um modo de leitura e actuação que resulta, sobretudo, das exigências e circunstâncias do sítio e da própria região.

Adicionalmente, os espigueiros erguem-se instalados na proximidade dos sequeiros – atendendo a que partilham da mesma função –, construções que serviam, em contexto unicamente rural, de arrecadação e de sala de secagem para as grandes quantidades de milho resultantes da prática agrícola. Por estarem elevados em relação ao nível do solo – quase como se estivessem sobre um pedestal –, acabam por ser o elemento que mais sobressai do conjunto. À semelhança dos sequeiros, estas estruturas são também o complemento da eira. O fecho dos vãos laterais é normalmente feito através de réguas de madeira dispostas na vertical e afastadas ligeiramente umas das outras para permitir o arejamento do interior, a conservação das espigas e a sua protecção.[23] Em obras mais cuidadas e refinadas em que os prumos laterais de madeira são mais largos e resistentes, abrem-se-lhes frestas verticais a meio no sentido de reduzir-lhes a dimensão

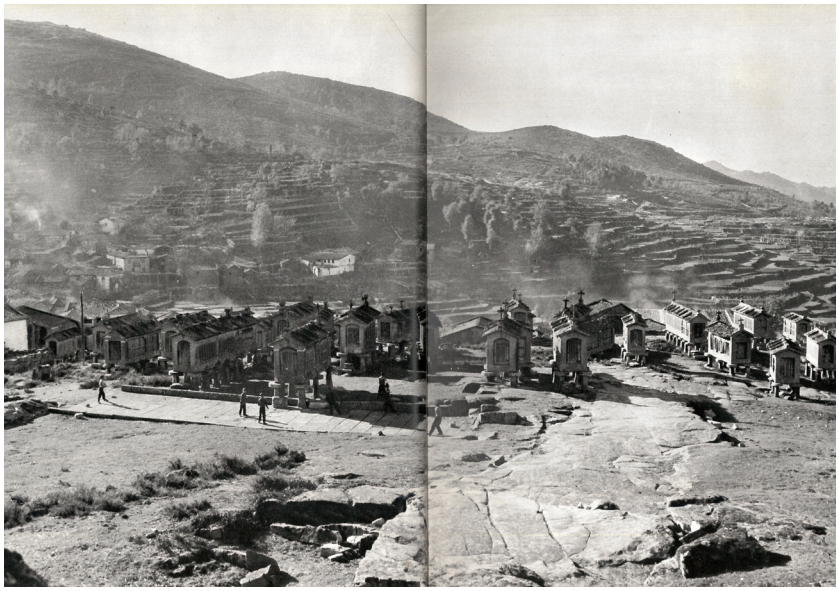
20 Na proximidade das cidades de Guimarães e Braga, identificam-se sequeiros com vários pisos: de planta quadrada, em Oriz; perto de Paredes, encontramos os sequeiros térreos; e perto de Penafiel existem, na sua maioria, sequeiros fechados;

21 *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, pág. 50;

22 Espigueiro, sequeiro, capela, habitação, loja, lagar, cortes dos animais;

23 *"Resulta assim uma forma-tipo que o tempo afeiçoou (...)"*, *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, pág. 61, acerca da utilidade, da solidez e da intemporalidade associada aos espigueiros;

8. Concentração de espigueiros, Parada do Lindoso;



9. Pormenor de um dos espigueiros, Parada do Lindoso;

e, com isso, assegurar o processo de secagem e preservação das espigas.

No seguimento desta discussão, torna-se imprescindível assinalar o cenário da Parada do Lindoso, um povoado de montanha singular que se destaca, sobretudo, pela forte concentração de espigueiros, exemplares no aperfeiçoamento das suas formas, no refinamento da sua construção e na manifesta competência na arte de construir em pedra que nos é possível vislumbrar em alguns exemplos remanescentes[24]. O detalhe na execução de cada um dos elementos que compõe estas estruturas, afeiçoados e trabalhados meticulosamente, revela-se, consequentemente, fundamental para a elevação do esqueleto principal do espigueiro. *"Praticamente "à sombra" do velho castelo medieval"*[25] e em grande número, eram distribuídos quase de forma aleatória, mas, ainda assim, reunidos sempre em torno de eiras comunitárias. Esta partilha vai de encontro ao sentido de trabalho colectivo enquanto premissa estabelecida por essas comunidades. O lajeado aplicado, também em granito – tal como os espigueiros – e composto por grandes peças rectangulares, define a área da eira correspondente a um deles e outros que com ele se agrupam. Num dos espigueiros que fazem parte desta invulgar mas original composição rural, excepcionalmente, o envasamento é fechado e a sua fenestração é horizontal, modelo muito pouco habitual em terras minhotas. Sobre a relação que o Castelo desta região montanhosa, contido *"pelos planos das suas muralhas"*[26], estabelece com os espigueiros, António Menéres afirma:

> *"Notável e único na sua dimensão, é o conjunto dos espigueiros levantados numa enorme laje que, por vezes, é trabalhada para permitir a construção de algumas eiras, servindo um determinado número de espigueiros, facilitando assim a secagem do milho. A imagem próxima do castelo, contido pelos planos das suas muralhas, conjuga-se com a orgânica disposição dos espigueiros, sempre utilizando da forma mais natural, o afloramento rochoso."*[27]

O forte sentimento religioso das gentes minhotas que vivem no campo explica as cruzes, visíveis não apenas no povoado do Lindoso, que rematam os espigueiros, símbolo de fé como prece para que as colheitas do milho não fracassem.

Por entre todas as interpretações possíveis da forma-tipo dos espigueiros, que variam conforme os costumes locais e as posses de cada um, há, de facto, algumas que revelam uma estrutura inquestionavelmente mais sólida e duradoura, fruto dos materiais utilizados e da forma

---

24 Segundo o *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, *"(...) distinguem-se, as melhores, pelo porte típico e o talhe da alvenaria seca, em blocos esquadrados, assentes na perfeição."*, pág. 69;
25 António Menéres, *Arquitecturas populares: memórias do tempo e do património construído*, pág. 22;
26 Op. cit., pág. 18;
27 Op. cit., pág. 18;

como eles se equilibram e complementam.[28] A concentração deste aglomerado no alto do Soajo prende-se, sobretudo, com a exposição solar e os ventos fortes que se fazem sentir nas zonas montanhosas, dois factores que, naturalmente, intensificam o processo de secagem das espigas. A personalidade dos habitantes do Soajo e do Lindoso, povoados que não fazem jus à vida mais limitada e primitiva do serrano, sem tantos recursos, rude mas intensa, foi, ao largo da sua história, inteligentemente transposta para a arquitectura. O já referido apuro no tratamento da pedra, o seu tamanho e os espaços de pequenas dimensões – três particularidades visíveis do exterior – são, por isso, algumas características específicas da arquitectura popular rural que configuram as construções desta região. Por entre casas, algumas já arruinadas, que predominam na povoação da Parada do Lindoso[29], o esquema adoptado – na distribuição dos espaços e na relação entre estes –, por sua vez, é muito semelhante ao que temos verificado nos exemplos de casas populares aos quais temos feito referência. No que diz respeito à organização no interior das casas, a comprida varanda – uma das particularidades destas construções no alto do Soajo e em torno da qual se distribuem as divisões – funciona como corredor para o quarto grande e para a cozinha e é rematada, no final, pelo quarto do topo, manifestamente mais pequeno, mas, ainda assim, útil. A forma como a escada, sem parecer um elemento externo e desanexado, se assume como parte integrante da composição e da fachada da casa é também um dos traços comuns à arquitectura encontrada neste lugar.

Porém, os casos de Soajo e Lindoso são dois exemplos excepcionais, já que, se olharmos para a generalidade da arquitectura dos povoados de montanha da região minhota, a falta de recursos é, aí, por demais evidente – lugares isolados e desprotegidos, climaticamente hostis e de reduzido rendimento agrícola, o que, por si só, justifica a pouca habilidade das suas gentes na arte de construir e trabalhar a pedra. Em algumas regiões do Minho, a aplicação do granito surge, por isso, acompanhada de um uso mais regular e frequente da madeira, este último visível sobretudo nas varandas[30], nos sequeiros e espigueiros. Embora sejam várias as vantagens associadas à utilização frequente deste material[31], levanta-se a pertinente questão da sua curta duração, ainda para mais tendo em conta a forte pluviosidade e humidade característica da região,

28 A construção dos topos do espigueiro e da base que o eleva em granito dá-lhe uma estabilidade maior, sendo que os prumos e o telhado completam um sistema bem estruturado e sólido que a arquitectura preservou. Os espigueiros típicos da região de Arouca, pela sua singularidade e raridade, merecem um parêntesis: os lados são inclinados e a base é uma peça única, em granito. É no alto do Soajo, porém, que encontramos as formas melhor conseguidas e o talhe da pedra mais trabalhado e apurado;

29 *"toscas cabanas de pedra solta e colmo"*, *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, pág. 69;

30 *"Apoiadas em pilares isolados; retraídas ou projectadas suspensas, de traves lançadas desde o interior e de lajes de pedra engastadas na parede; abertas ou entaipadas (...)"*, *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, pág. 83, são várias as soluções que, em todo o caso, se revelam iguais a si mesmas;

31 O custo de produção, a facilidade no seu transporte e acondicionamento e o facto de não exigir mão-de-obra especializada como a que exige o trabalho de pedreiro são algumas das razões que fazem da madeira o material mais indicado;

factor absolutamente desfavorável se comparado com a resistência e durabilidade oferecida pelo granito[32].

A Guimarães, cidade medieval em variadíssimos apontamentos que ainda hoje, no centro histórico, se fazem notar, pertencem os exemplos mais recuados – casas que datam dos séculos XVII e XVIII. A varanda em madeira é, novamente, o elemento que mais se destaca, ora pela sua saliência em sacadas sucessivas, *"procurando no exterior o espaço que lhes falta por dentro"*[33], ora por estarem alinhadas pela parede inferior, no mesmo plano da casa. Em todo o caso, sobressaem pelo seu desenho, ornamentação característica do tempo ao qual pertencem e valor histórico. O beirado consideravelmente saliente é outra das particularidades que se repete casa após casa, situação, mais uma vez, explicada pelas fortes chuvas que caem sobre a região minhota. À falta de soluções, é o avanço dos beirados que procura assegurar a manutenção e protecção destas estruturas. Com um traçado mais apurado e rigoroso e uma arquitectura de influências, a cidade de Braga apresenta-nos, contrariamente ao presumível, uma abordagem simples, contida nas formas e absolutamente ortogonal, destacando apenas alguns elementos pontuais no desenho e composição das fachadas[34] – visíveis em muitas das suas edificações – característicos da nossa arquitectura regional. Tal como nos vai dando conta o *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal* através de múltiplas ilustrações que servem de referência[35], a valorização da entrada da casa – a enfatização da escada que dá acesso ao nível da habitação e a varanda dominante – e a sua relevância na composição geral da maioria dos exemplos de arquitectura popular em ambiente rural é o aspecto que merece maior destaque, sobretudo por ser quase um dado adquirido que diferencia as casas populares da região do Minho.

Além do granito, elemento predominante e hegemónico, existem algumas regiões de menor dimensão – consideradas as terras pobres da região minhota – onde é identificável a utilização do xisto. A desolação cultural e a falta de identidade que afectam estas terras naturalmente férteis e vastas, dado que englobam já uma área substancial, não estarão ligadas a uma pobreza económica, mas sim associadas à falta de uma tradição construtiva válida.

Falando agora da arquitectura religiosa através de uma pequena mas relevante abordagem, presença forte no Minho – nenhuma outra terra portuguesa se equipara – e indissociável de

---

32 Adicionalmente, vale a pena acrescentar que as extensas varandas de pedra que vimos no alto do Soajo são, nestas regiões, ultrapassadas em comprimento pelas varandas construídas em madeira. Em todo o caso, o seu papel é rigorosamente semelhante, dado que funcionam, igualmente, como corredores de ligação exteriores cobertos entre a entrada da casa e todas as outras dependências. Quanto à preponderância na fachada, essa permanece intacta;

33 *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, pág. 85;

34 *"(...) a simetria dos portais contidos pelas faixas de pedra envolventes, os postigos ovais ou rectangulares que lembram as construções de Palladio, a ordenação marcadamente ortogonal, serena e simples dos alçados (...)"*, *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, pág. 87;

35 São, de facto, inúmeros os exemplos nos quais a enfatização do lanço de escadas exterior que dá acesso à varanda e desta última na forma como permite aceder isoladamente a cada uma das divisões da habitação é por demais evidente;

10. Povoação da Parada do Lindoso;

todo o resto da arquitectura popular da região, importa ressalvar, nomeadamente, aqueles exemplos que se deixaram influenciar pelas dominantes locais, pelo gosto popular e crença das suas gentes. No alto do Soajo, na Parada do Lindoso, a longínqua e abandonada capela de Santa Maria Madalena destaca-se pelas proporções, pela simplicidade arquitectónica e é apenas uma das variadíssimas instituições religiosas de peregrinação que se instalam nos planaltos ou zonas montanhosas da região minhota, sobretudo nestas últimas. Envolvidas frequentemente por arborização e natureza sem ordem, o que contribui ainda mais para o seu isolamento, esta capela rectangular reduz-se ao essencial e sobressai pelo desenho marcadamente ortogonal. As paredes caiadas, as colunas que sustentam o alpendre coberto e a cobertura de telha sintetizam a perspectiva exterior de uma construção que vive em contraste com a paisagem do sítio. Como afirma António Menéres, *"Os seus alçados são uma bela lição de simplicidade."*[36]. Quando instaladas, embora em menor número, em baixa altitude, onde as terras férteis predominam e a distância aos povoados é superficial, as capelas de peregrinação denotam uma melhoria evidente assente numa construção mais apurada e ornamentação superior – que no alto das montanhas é praticamente inexistente, diga-se. Para albergar os peregrinos, os quartéis tipicamente rurais que acompanham as capelas resumem-se à extensa varanda, elevada e apoiada em pilares isolados, enquanto galeria de distribuição que estrutura toda a casa e serve os quartos, dispostos sob o tecto comum, e à escada exterior que lhe dá acesso, como, aliás, temos visto serem dois elementos recorrentes no esquema das casas rurais minhotas de feição popular. Quanto às Alminhas, importa assinalar que se apresentam em quantidade e espalhadas por esta região nos seus mais variados tamanhos e formas. Repetidamente situadas na berma das estradas, essa multiplicidade de técnicas e formatos encontra alguma semelhança, por força da predominância do granito, precisamente na região norte do País. A monumentalidade e imponência associada aos mosteiros da região, habitualmente compostos por vários corpos de edifícios contíguos, são duas das características que definem estas estruturas. O exemplo do Mosteiro de S. Martinho de Crasto demonstra, precisamente, a expressividade e o interesse de uma composição simples, discreta mas imponente e bem ordenada.

Falar do Minho é, de facto, fazer referência às terras, ao cultivo, à vida rural que o preenche e sustenta as pessoas[37]. São os traços marcadamente rurais evidentes na prática da agricultura de exploração intensiva e na abundante vegetação e a peculiaridade motivada pela posição geográfica que ocupa – situa-se entre uma sucessão de altas serranias e as terras baixas do litoral – que ajudam a explicar a origem da região, a sua organização e os padrões que a estruturam.

---

36 António Menéres, *Arquitecturas populares: memórias do tempo e do património construído*, pág. 55;

37 *"Foi a partir das suas condições naturais peculiares que eles criaram hábitos de trabalho, formas de organização, ocupações predominantes, padrões culturais, ritos e provérbios. A maior parte dos autores que procuram definir sinteticamente as condições aqui impostas pela terra referem-se ao anfiteatro minhoto, à vegetação luxuriante, à abundância de água. São efectivamente três características importantes do espaço minhoto."*, Suzanne Daveau, Minho, *Portugal - O Sabor da Terra: um retrato histórico e geográfico por regiões*, pág. 103;

11. Lugar de Vilarinho de Baixo, Póvoa de Lanhoso, 2019;

1.2. Das arquitecturas populares

No sentido de desmistificar a ideia de contradição entre a arquitectura popular e vernacular pré-estabelecida e, simultaneamente, lhes atribuir uma definição, importa, antes de mais, realçar que ambas surgem a partir de construções primárias e obedecem às suas próprias exigências, necessidades e ao próprio contexto social. Os exemplos que as ilustram destacam-se pelo seu carácter tradicional, regional e marcadamente rural, aproximando-se uns dos outros se considerarmos os elementos-base que os determinam. De facto, ambas se associam a um saber empírico, muito próprio e perfeitamente enraizado com as características do lugar, tirando proveito, simultaneamente, dos materiais locais. Acerca de um desejável retorno às arquitecturas vernaculares, Solà-Morales afirma que *"A pesar de su carácter utópico y a veces marginal, de su actual impotencia política, no cabe duda de que esta es hoy por hoy una de las vías más vivas y creativas en la búsqueda de una salida a los problemas de la arquitectura y la constitución de la ciudad hoy."*[38]

Diversificada conforme as regiões e condições específicas correspondentes a cada lugar, a feição popular da arquitectura, que assinala uma posição regional e primitiva assegurada por uma manifesta proximidade com as condições naturais e a paisagem rural de um determinado território, é reinterpretada e alterada ao longo de gerações, conforme as necessidades. Ainda assim, a identidade e o carácter intemporal associado a estas estruturas persiste, uma vez que assumem a permanência e originalidade do desenho como algo que as define: *"A Arquitectura popular regional não é urbana de origem nem de tendências. Pode "urbanizar-se", melhorar de cuidados construtivos e apuros formais, mas, se lhe cortam as raízes que a prendem fortemente à terra e aos seus problemas, desvirtua-se, perde a força e a autenticidade."*[39]. As casas populares são, comparativamente com outros casos, modelos de uma arquitectura mais rudimentar, informal, tipicamente rural e imune à passagem do tempo.

38 Ignasi de Sola-Morales, La posibilidad de la arquitectura popular, *Periferia*, nº2, págs. 5-9;
39 *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, Introdução, pág. XIX;

12. Paisagem rural;

"Ó minha,

Terra encantada, cheia de sol,

Ó campanários, ó Luas-Cheias,

Lavadeira que lavas o lençol,

Ermidas, sinos das aldeias,

Ó ceifeira que segas cantando,

Ó moleiro das estradas,

Carros de bois, chiando ...

Flores dos campos, beiços de fadas,

Poentes de Julho, poentes minerais,

Ó choupos, ó luar, ó regas de Verão !

Que é feito de vocês ? Onde estais, onde estais ?"[1]

1 António Nobre, excerto do poema *Lusitânia no Bairro Latino*, citado por António Menéres, *Arquitecturas populares: memórias do tempo e do património construído*, pág. 71;

O vínculo dessas construções ao lugar e a forma como interagem e se integram na paisagem, num contexto específico, são duas das premissas que validam o entendimento popular da arquitectura. As grandes diferenças regionais, essencialmente no que diz respeito, sobretudo, às matérias-primas utilizadas nas mais variadas interpretações da arquitectura popular em Portugal, explicam-se pela necessidade de adaptação do edificado às condicionantes materiais e sociais de cada região e às circunstâncias contextuais do lugar, que a isso obrigam. A construção precária – de paredes espessas – e a rudeza destas arquitecturas rurais de feição popular justificam-se por servirem de apoio às actividades agrícolas e às necessidades do campo e, simultaneamente, por assentarem e se enquadrarem harmonicamente em contexto rural e primitivo. Os exemplos de arquitectura popular, sempre assentes nos recursos locais, anunciavam-se, apesar de tudo, como habitações rurais absolutamente adequadas às formas de cultura, articuladas nos espaços interiores, resistentes – o desgaste e o carácter primitivo das construções são o resultado da acção do tempo – e capazes de dar resposta às necessidades imediatas. Numa perspectiva inversa, critica-se o desprezo pela tradição das casas desenraizadas[40], ainda que autênticas, porque genuínas, que, ocasionalmente, invadem o mundo rural.

Como resultado dos movimentos migratórios das populações das aldeias, porém, assiste-se a uma desvalorização progressiva da paisagem rural e de um património construído reconhecido na forma como influi sobre o lugar e diminuição do impacto de uma identidade própria e enraizada conferida pelo sítio e pela singularidade das arquitecturas de inegável valor histórico. Estas tendem a mudar-se para as cidades e a regressar apenas esporadicamente num registo de manutenção das instalações e gestão da exploração agrícola dos campos de cultivo. Isto reflecte-se, por sua vez, no abandono gradual dessas casas populares, hoje maioritariamente desocupadas. As memórias do lugar apagam-se progressivamente como consequência da irresponsabilidade assente no esquecimento e renúncia das construções de carácter popular que fazem património e definem a identidade de uma região. A contínua negligência ditará o seu desaparecimento, perdendo-se a *"dimensão social que nela se exprime e, naturalmente, também com ela vai desaparecendo."*[41]. *"A "memória" sempre se prende ao território."*[42].

Face a um mundo rural, aparentemente, interrogado e esquecido pelo tempo, é preciso impulsionar as aldeias, ameaçadas pelo abandono do território e inadaptadas às novas necessidades do mundo actual. Ainda que obedeçam a um contexto do qual devem, conscientemente, fazer parte, os exemplos desta arquitectura popular não se traduzem unicamente na reprodução das matérias-primas locais, assumindo, por força da necessidade de se reinterpretarem, uma

40 Casas de emigrantes, construídas de raiz pelos emigrantes regressados e absolutamente contraditórias na forma como se desagregam e desconsideram o lugar no qual estão inseridas;
41 António Menéres, *Arquitecturas populares: memórias do tempo e do património construído*, pág. 7;
42 Op. cit., pág. 11;

13. Casa de Pardelhas, Fernando Távora;

14. Casa de Pardelhas, Fernando Távora;

abordagem contemporânea. Esta mentalidade renovada no sentido de acompanhar e satisfazer as necessidades actuais de um mundo e uma arquitectura em constante transformação surge assente no recurso a novas formas e na modernização e reinterpretação dos espaços.[43]. Esta reflexão defende, antes de mais, a valorização inequívoca de um passado que deve fazer parte do presente, que deve condicioná-lo e integrar-se nele[44], mas que não pode, apesar de tudo, ignorar o pensamento contemporâneo. Por esta razão, validamos o gesto de dotar a contemporaneidade – que, inevitavelmente, exercerá o seu papel no sentido de reinterpretar a pré-existência e reconvertê-la em algo adequado aos tempos que vivemos – de elementos de uma arquitectura de cariz popular, de inegável valor histórico e intemporal, capaz de dar resposta e se adequar às necessidades da população. E a definição de arquitectura popular diz-nos precisamente isto: em simultâneo com a tradição, com a ideia de permanência e com o carácter rústico que deve caracterizar as construções locais, pretende-se que exista, também, uma capacidade de adaptação à contemporaneidade no sentido de propor novos elementos, novos materiais e técnicas inovadoras que estimulem um renovado olhar sobre essas arquitecturas e condições de vida, também essas, mais facilitadas. A estabilidade, a monotonia e a *"placidez tradicional"*[45] que a vida no campo retrata e que é, a todos os níveis, evidente nos modos de viver das pessoas e no seu comportamento são valores que devem, por isso, ser reconhecidos, acima de tudo tendo em conta que a arquitectura popular rural também se revela imune à renovação constante. *"Contribuir para salvaguardar o que merece ser mantido"*[46] é, por isso, um dos temas que motiva esta Dissertação, sendo que as necessárias transformações no sentido de apropriar a arquitectura popular e a introdução de técnicas inovadoras – aqui associadas também a uma abertura e disponibilidade importante do meio rural para essa readaptação – visam aproximar a arquitectura das pessoas, reinterpretar o contexto e o território rural, através da reintegração dessa arquitectura, e acompanhar a passagem do tempo, sem nunca, porém, descurar os elementos que resistem por força de um passado inequivocamente valioso ao qual pertenceram e que, felizmente, foi tido em conta nos longínquos anos que se lhe seguiram.

Citando Solà-Morales:

> *"En realidad se trata de un desesperado intento de hacer pervivir este marco de la vida humana que pertenece a otras condiciones del habitar pero que a pesar de su desajuste cronológico sigue*

---

43 *"Aqui, mais que em qualquer outra tipologia arquitectónica, o programa impôs-se e determinou a forma pela necessidade de cumprir a finalidade de proteger e de satisfazer as necessidades quotidianas."*, Paulo Simões Rodrigues, Das origens da arquitectura popular em Portugal no século XIX: Arqueologia de uma ideia, *Arquitectura Popular – tradição e vanguarda*, pág. 24;
44 *"(...) un valor documental (...) como un elemento de memoria colectiva (...) que explica con la evidencia de la imagen la historia de un territorio (...)"*, Ignasi de Sola-Morales, La posibilidad de la arquitectura popular, *Periferia*, nº2, págs. 5-9;
45 *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, Introdução, pág. XX;
46 *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, Introdução, pág. XXI;

15. Lugar de Vilarinho de Baixo, Póvoa de Lanhoso, 2019;

ofreciendo suficientes atractivos como para que sea algo deseable y en el cual se produzcan empeños también arquitectónicos."[47]

É, por isso, fundamental *"acautelar um património que encerra ainda preciosas lições(...)."*[48]. Só a extensão do seu uso e sua valorização ditará a salvaguarda de um mundo rural ameaçado, cada vez mais, por uma modernização desmedida.

"Mais do que um modo de vida ele era uma forma de civilização, com todo o peso da tradição que a transmitia e o complexo de inovações que nela se havia harmoniosamente incorporado. Essa civilização está hoje seriamente ameaçada pela atracção urbana, pela emigração, pela subversão da vida moderna e da sua implacável rasoira que, depois de transformar as cidades, penetra, pelo adensamento da rede de estradas, cada vez mais fundo no campo."[49]

Nesta perspectiva, os projectos de reconversão das manifestações populares da arquitectura rural minhota, à margem de um cenário que dá origem a esta Dissertação e que pressupõe um novo desenho do interior da *casa do Capela* e uma reinterpretação do conjunto existente e das suas funções actuais, pretende-se que se processem, como temos visto até agora, *"entre a obediência a regras atávicas(...) e a apropriação de novas fórmulas impostas pela contínua evolução dos povos."*[50].

A ideia e conceito da cabana primitiva[51], considerada o primeiro paradigma da arquitectura, enquanto abrigo - que terá representado, nesse período, um importante passo para o desenvolvimento civilizacional - dava início a uma arquitectura primitiva cuja construção dependia em exclusivo dos recursos materiais locais. Os modos de habitar eram, por essa altura, rudimentares e condicionados em absoluto pelas circunstâncias e propriedades do lugar[52]. Uma vez introduzido o tema da relevância dos recursos providenciados pela natureza local no desenvolvimento desta arquitectura, é lógico que a definição de arquitectura popular encontre aqui um paralelismo plenamente justificado. O conceito de cabana primitiva e de habitação popular rural estão, por isso, interligados, dado que recorrem aos materiais disponíveis no lugar. Os exemplos que obedecem a essa definição de arquitectura traduzem, igualmente, no que à estabilidade, autenticidade e

47 Ignasi de Sola-Morales, La posibilidad de la arquitectura popular, *Periferia*, nº2, págs. 5-9;
48 *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, Introdução, pág. XXI; a ideia do permanente *"como história e como desenho"*, Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica - longa duração e desenho*, pág. 10;
49 Orlando Ribeiro, *Opúsculos geográficos IV*, citado por António Menéres, *Arquitecturas populares: memórias do tempo e do património construído*, pág. 21;
50 *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, pág. 37;
51 Retirado do livro de Joseph Rykwert, *A casa de Adão no paraíso : a ideia da cabana primitiva na história da arquitetura*;
52 *"La arquitectura primitiva de las construcciones de cabañas, tiendas, abrigos, refugios en madera, tierra, lonas, cañas, desechos o restos de la producción de otros objectos, une a su condición de arquitectura anónima y esencial la de ser una edificación extraordinariamente sintética en todos sus aspectos tanto morfológicos como constructivos y de uso."*, Ignasi de Sola-Morales, La posibilidad de la arquitectura popular, *Periferia*, nº2, págs. 5-9;

16. *Casa do Capela*, lugar de Vilarinho de Baixo, Póvoa de Lanhoso, 2019;

tradição diz respeito, a vida dos rurais.[53] As arquitecturas populares em contexto rural evoluíam como a população, já que procuravam acompanhar a passagem do tempo e satisfazer as suas necessidades – as das pessoas –, reinventando-se[54], mas sem nunca perderem o traço e as arestas que as diferenciam e lhes conferem identidade. A construção é progressiva em função das necessidades. Por conseguinte, interessa estudar e reflectir acerca dos valores que pressupõem o renovado e actual interesse pelo campo e pela reapropriação do mundo rural, não apenas do ponto de vista do retorno, mas também da curiosidade turística. Este lugar revela um inegável valor patrimonial assegurado pela materialidade tipicamente regional e por alguns elementos que, ainda hoje, permanecem intactos. No entanto, é também inevitável que a preservação das pré-existências surja interligada com uma abordagem contemporânea do exercício arquitectónico. Por isso, esta nova procura prender-se-á com as atracções que a paisagem e o meio natural podem oferecer e, sobretudo, com a conservação de todo um património edificado que merece ser (re)visitado, na medida em que encerra em si uma forte tradição assente na autenticidade das suas formas, do seu traço e dos elementos de inegável valor histórico que nele participam e dele fazem parte. Fazendo alusão a uma espécie de padrão regional minhoto, a casa de habitação de feição popular, visível de forma recorrente, apresenta poucas ou nenhumas variações:

> *"(...) a habitação propriamente dita localizava-se no primeiro piso, ao qual se acedia por uma varanda, assente numa parede frontal que, a partir do solo, se elevava à altura de 1 a 2 metros; o piso térreo era destinado à adega nas casas nobres (por isso não tinha portas nem janelas, mas óculos) e à recolha de animais nas casas de gente remediada; não ultrapassavam os três andares e apresentavam telhados de beirais alongados."*[55]

Quanto ao interior, *"um corredor, que serve muitas vezes de vestíbulo e assegura a independência das divisões. O corredor distribui para dois ou três quartos, uma sala de visitas, uma casa de banho e a cozinha."*[56]. As escadas exteriores e as varandas corridas, cobertas e salientes são, de facto, duas das premissas que confirmam estarmos perante uma casa tipicamente minhota de traço popular. A cozinha era, por norma, a divisão mais importante deste tipo de construções, espaço amplo e agregador com uma chaminé que se destacava, sobretudo vista do exterior, enquanto elemento

---

53 *"(...) e o hábito dos mesmos gestos de semear, de plantar, de tratar e de colher, geração após geração, tudo isso imprimiu à vida dos rurais, às suas ideias e às suas iniciativas, uma marcada tendência para a estabilidade que fatal noutros meios, com outras ocupações – e que a arquitectura popular reflecte fielmente."*, *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, Introdução, pág. XIX;

54 A *casa do Capela* é exemplo disto, tendo em consideração as alterações das quais já foi alvo, ao longo do tempo – sempre no sentido de (cor)responder às necessidades imediatas;

55 António Menéres, *Arquitecturas populares: memórias do tempo e do património construído*, pág. 33;

56 Isabel Raposo, Transformação da habitação popular em meio rural em Portugal na segunda metade do século XX, *Arquitectura popular – tradição e vanguarda*, pág. 226; esta descrição da organização interior que, usualmente, se encontra nas casas de habitação popular na região minhota corresponde, na íntegra, ao interior da casa que serve de objecto de estudo;

17. Perspectiva da casa do Olival, casa-sequeiro;

18. Planta da casa de Calvelhe;

preponderante na composição da fachada.

A casa do Olival, casa-sequeiro situada na região norte de Portugal, é, como afirma o *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, *"um exemplar equilibradíssimo, sob o ponto de vista plástico."*[57], que a arquitectura popular minhota encerra em si. Que acrescenta ainda: *"Como tantos outros objectos saídos da mão do artífice popular, assim a Arquitectura exterioriza o seu ser completo, a florescência da sua personalidade."*[58]. Desde a lógica construtiva, entre pisos, ao desenho ortogonal da fachada e ao contraste dos materiais. Desde a falta de paralelismo quase espontânea trazida pelo desalinhamento e torção dos pilares do piso inferior à marcada horizontalidade do conjunto contrabalançada pela verticalidade desses pilares em granito e dos prumos de madeira – que propõem, por sua vez, ritmos diferentes mas evidentes na composição e desenho da fachada –, são várias as características que fazem deste um caso assinalável de carácter popular da região nortenha. De assinalar é, também, uma particularidade perceptível no desenho do interior da casa e respectiva distribuição dos espaços: a cozinha surge no piso inferior e no meio do corpo da casa, o que, por si só, levanta algumas interrogações do ponto de vista funcional que, por norma, não se colocam neste tipo de construções populares. À semelhança desta casa-sequeiro, também a casa de Calvelhe sobressai na qualidade de uma das estruturas mais completas e exemplares de carácter popular que encontramos implantada nesta região, na medida em que, além do espaço da casa destinado à habitação, compreende, dentro do agregado, a adega, o espaço das lojas, as cortes de gado, o sequeiro, espigueiro e respectiva eira, os cobertos e uma capela.

O processo de modernização e readaptação da arquitectura popular em contexto rural é uma consequência, possivelmente, do resultado do estudo levado a cabo pelo *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal* acerca desse tipo de construções, na medida em que activou uma perspectiva de salvaguarda dessas estruturas precárias mas carregadas de história e promoveu a procura de soluções actuais que, simultaneamente, respeitassem as pré-existências. Algumas das intenções postas em prática, que, em certa medida, ajudam a sustentar este processo de reactivação do património construído, prendem-se com a reconversão e readequação do interior do espaço doméstico, relação da casa com a rua e com o espaço do aglomerado, localização e implantação na forma como se enquadra no lugar e com o tratamento da fachada. Como afirma Solà-Morales:

> *"(...) conocer estructuralmente nuestra propia tradición es el primer eslabón de un conocimiento racional de una parte de la realidad en nuestro caso del territorio construido y por ello la condición de posibilidad de un discurso ya no ingenuo sino consciente de lo que en este haya sucedido y pueda llegar a suceder."*[59]

---

57 *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, pág. 52;
58 *Op. cit.*, pág. 54;
59 Ignasi de Sola-Morales, La posibilidad de la arquitectura popular, *Periferia*, nº2, págs. 5-9;

19. Perspectiva geral do lugar de Vilarinho de Baixo, Póvoa de Lanhoso, 2019;

1.3. Da *casa do Capela*

Talvez pela forte dimensão histórica que se traduz na arquitectura popular que domina a região, mas sobretudo pela ligação afectiva, familiar e de empatia que sempre se impôs, o crescente interesse pelo lugar de Vilarinho foi, desde que me conheço e por entre várias visitas e encontros de família, se acentuando paralelamente à minha tomada de consciência, fruto do decorrer do percurso académico, relativamente às potencialidades do património arquitectónico construído. Nesse sentido, a possibilidade de estudar e propor uma intervenção e reinterpretação da casa da família ganha uma dimensão suplementar que, por sua vez, motivou a realização desta Dissertação.

O lugar de Vilarinho situa-se a poucos quilómetros do centro do concelho da Póvoa de Lanhoso, no distrito de Braga, e dispõe de uma localização elevada. Assim sendo, na medida em que apresenta uma ordenação folgada e descontinuada do edificado, desprovida de regras e condizente com o contexto marcadamente rural em que se insere, promove um esquema de povoamento no qual as casas *"aproximam-se e encostam-se, embora livremente, consoante as contingências."*[60]. Daqui resulta, sobretudo em pequenos povoados, um aglomerado de construções concentradas que se dispersam à medida que se distanciam. Como tal, facilmente identificamos esta aldeia como uma região *"identitária na sua relação com o lugar"*[61] e assente nos recursos da terra onde o milho se cultiva e onde o pastoreio é, também, *"um dos sustentáculos principais da vida do serrano."*[62]. Na agricultura e na criação de gado reside, na maior parte dos casos, a esperança e a procura da subsistência. A abundância de água, resultado do elevado índice de pluviosidade que se verifica no concelho da Póvoa de Lanhoso e região minhota, na sua generalidade, por sua vez, permite que o milho se mantenha como o principal produto de exploração agrícola dos rurais.

60 *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, pág. 25;
61 Paulo Simões Rodrigues, Das origens da arquitectura popular em Portugal no século XIX: arqueologia de uma ideia, *Arquitectura Popular - tradição e vanguarda*, pág. 45;
62 *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, pág. 29;

20. Rua Senhor do Pilar, lugar de Vilarinho de Baixo, Póvoa de Lanhoso, 2019;

21. Rua de Vilarinho de Baixo, lugar de Vilarinho de Baixo, Póvoa de Lanhoso, 2019;

Assim sendo, a grande predominância deste último em zonas com estas características e, por conseguinte, a construção em massa de espigueiros e eiras que lhe está, necessariamente, associada[63], promove o enriquecimento das formas construtivas e do seu valor patrimonial.

Posto isto, a distribuição das povoações e a ordenação urbana das aldeias, tal como as conhecemos hoje, apresentam uma disposição democrática, espontânea e não mais orientada de forma sistemática num esquema ortogonal[64]. Desta forma, os principais eixos viários – Rua de Vilarinho de Baixo e Rua Senhor do Pilar – que permitem chegar a Vilarinho de Baixo são rapidamente identificáveis, já que se iniciam, precisamente, na estrada que liga este lugar ao concelho da Póvoa de Lanhoso e desenham os limites da aldeia a norte e a sul, respectivamente, contornando as múltiplas propriedades agrícolas que compõem esta região e algumas casas isoladas que assinalam a presença de edificado, ainda que manifestamente descontinuado. De facto, o carácter desocupado e livre das estruturas, do terreno e do próprio território, sobretudo este, e a ausência de um núcleo habitacional organizado ao longo das duas vias que dão acesso a este lugar justificam a grande predominância da paisagem verde natural. O encontro entre essas duas vias, referidas anteriormente, que representam grande parte da estruturação viária da aldeia de Vilarinho de Baixo, resulta na definição da sua área mais povoada e urbanizada, contribuindo para isso a densidade de construções, que é consideravelmente maior, e a grande proximidade entre as casas que, por sua vez, forma pequenos arruamentos entre elas. Consequentemente, estes últimos oferecem outro tipo de acessos e ligações – aqui de menor escala – a mais habitações e, também, propriedades agrícolas associadas.

O olhar atento sobre esta arquitectura primitiva, rural e típica da região, não obstante algumas diferenças ligeiras fruto de intervenções tardias, permite identificar a existência de um princípio absolutamente contextualizado e característico do lugar. Na verdade, e porque estamos perante um núcleo pouco extenso mas densamente edificado, é interessante observar a forma como se posicionam, o modo como se distribuem e os elementos que as constituem. Assim sendo, ressalvamos a marcada utilização da pedra de granito como material de construção plenamente enraizado e distintivo da região que, no que lhe diz respeito, propõe um discurso diferente conforme a localidade onde se estabelece.[65] É, nesse sentido, de enaltecer uma arquitectura estruturada pelo uso do granito e, nessa perspectiva, de destacar a habitação popular rural desta região e as instalações destinadas ao trabalho nos campos pela solidez da construção em pedra, bem como pela qualidade da sua execução que, particularmente no lugar que serve de caso de

63 O número de espigueiros encontrados e assinalados em algumas propriedades de Vilarinho de Baixo e Vilarinho de Cima, ora na proximidade das casas, ora em terrenos agrícolas, é, de facto, significativo;

64 Referência às povoações castrenses;

65 Além da pedra de granito que predomina na região que serve, na Dissertação, de caso de estudo, existe também, por exemplo, a pedra de granito amarelo ou granito azul que, por sua vez, diferenciam os usos, as próprias texturas e acabamentos;

22. Perspectiva geral da *casa do Capela* a partir do eido, lugar de Vilarinho de Baixo, Póvoa de Lanhoso, 2019;

23. Fachada da *casa do Capela*, lugar de Vilarinho de Baixo, Póvoa de Lanhoso, 2019;

24. Travessa de Vilarinho de Baixo que dá acesso à entrada principal da *casa do Capela*, lugar de Vilarinho de Baixo, Póvoa de Lanhoso, 2019;

estudo, onde assume uma forte presença, ajuda a sustentar a posição e expressão da arquitectura popular.[66] Ainda assim, assiste-se a um elevado número de intervenções e alterações posteriores que introduzem outros materiais e adulteram os moldes tradicionais e a autenticidade das formas originais, sem, contudo, desvirtuar a poesia das construções dominantemente graníticas e pitorescas. Sem embargo, um dos maiores contributos da presente Dissertação aponta para a preservação dos testemunhos do passado assente numa fundamental sensibilidade à história. De entre todas as construções que fazem parte deste núcleo de casas referido acima[67], há uma que serve de objecto de estudo na medida em que corresponde à casa dos meus avós, a *casa do Capela*.

O termo "casa", que, por norma, é lido maioritariamente na forma de um edifício ou construção destinada à habitação, é, em contexto rural, um termo mais genérico, já que engloba também as instalações de carácter agrícola e as terras cultivadas que garantem, por sua vez, a subsistência de quem as explora. Na fachada da casa virada para o caminho público destacam-se, como é habitual neste tipo de construções em meio rural, as *"minúsculas janelas dos quartos e o largo portão de acesso ao quinteiro."*[68]. Parafraseando o *Inquérito à arquitectura popular em Portugal*, que descreve de forma paradigmática estas arquitecturas de carácter popular da região minhota do norte de Portugal e entre as quais se encontra, precisamente, a casa que serve aqui como objecto exemplificativo:

> *"O pátio ou eido, vedado à volta pelo conjunto de que se compõem estes organismos, é uma autêntica sala ao ar livre. Por ela se tem acesso a tudo e para ela dão todas as portas. A moradia, cabeça da composição, estende-se num único piso, sobradado, por cima das lojas. Nestas se instalam o lagar, a tulha e as cortes dos animais."*[69]

Convenientemente adaptada ao terreno onde se encontra implantada, que apresenta, desde logo, um declive significativo, a habitação situa-se na Rua Senhor do Pilar, via a partir da qual se consegue aceder ao interior – no caso à loja, outrora em funcionamento, onde se encontravam também a corte dos animais, a tulha e o - ainda existente - lagar *"(...) que, igualmente, servia de adega e, naturalmente, lugar de convívio."*[70] – e também na Travessa de Vilarinho de Baixo, pequeno trecho, maioritariamente, pedonal que dá acesso à entrada principal da casa e a múltiplas propriedades agrícolas que rodeiam esta última e que, não raras vezes, vão desenhando e preenchendo

---

66 *"A qualidade da pedra, o gosto pelas proporções pesadas, densas e gordas, conferem às obras, particularmente às populares que são muitas, o carácter duma forma e expressão enraizada, tipicamente regional."*, *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, pág. 19;
67 Além deste aglomerado dominante onde se estabelece a maioria das casas de Vilarinho de Baixo, inclusive o objecto de estudo, existem também outras que, ocasionalmente e de uma forma mais espaçada e dispersa, vão pautando o percurso;
68 *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, pág. 38;
69 Op. cit., pág. 38;
70 António Menéres, *Arquitecturas populares: memórias do tempo e do património construído*, pág. 37;

25. Pequeno largo. À direita, o muro que delimita a *casa do Capela*, lugar de Vilarinho de Baixo, Póvoa de Lanhoso, 2019;

26. Perspectiva geral da *casa do Capela*, lugar de Vilarinho de Baixo, Póvoa de Lanhoso, 2019;

o território. O encontro entre estes dois caminhos dá-se na forma de um pequeno largo rapidamente detectável em vista aérea, não obstante as dimensões reduzidas, e delimitado a sul pelo muro em pedra de granito que circunscreve e delimita o objecto de estudo.

O primeiro olhar sobre o interior do lote onde a casa está inserida é, a todos os níveis, impactante: *"(...) a casa, enquanto "abrigo", é um factor fundamental nas relações do homem com o meio natural que o rodeia."*[71]. A entrada principal, dadas as circunstâncias e o seu enquadramento privilegiado na relação visual que estabelece com os outros elementos da composição, oferece uma perspectiva geral de todo o conjunto, denunciando a distribuição programática comum a todas estas arquitecturas populares e o eido, pátio central para o qual se vira a grande parte dos espaços da casa e através do qual se tem acesso a tudo. Esta entrada, por sua vez, já se encontra a uma cota superior relativamente à loja *"(...) e arrecadações onde sempre se guardavam os produtos e alfaias agrícolas."*[72] e está ao nível, grosso modo, do volume em *L* que corresponde ao piso superior e no qual se distribuem os espaços domésticos e elementares de toda a composição – entenda-se a cozinha, sala de visitas, quartos de dormir e casas de banho, como era habitual neste tipo de estruturas. A casa é, na sua essência, composta, unicamente, por esse mesmo volume, elevado do pátio e assente numa plataforma acessível por dois lanços de escadas exteriores e independentes. É também uma característica bem visível nesta casa, e na grande maioria, se não todos, dos exemplos de arquitectura popular que ocupam esta região, o telhado assimétrico que deixa descair o beirado sobre a varanda, conferindo a todo o conjunto uma unidade volumétrica evidente.

No que diz respeito ao estado da casa e à sua condição, esta encontra-se, à data de hoje, em bom estado de conservação, já intervencionada numa perspectiva de expansão mas, ainda assim, conservada quanto ao seu significado, à memória de um tempo histórico e a elementos do passado que pertencem ao presente e que, ainda hoje, permanecem vivos. No sentido de esclarecer a afirmação anterior, valerá a pena referir que falamos de uma arquitectura de feição popular, típica da região minhota, que terá sido alvo de duas intervenções posteriores à sua construção original. Considerando o desenho original, a forma como o projecto se desenvolvia e como as parcas divisões se agrupavam, a casa não servia, numa primeira fase e aquando da chegada dos meus avós e respectivos filhos, o número de pessoas que se exigia. O reconhecimento dessas limitações tornava, por isso, fundamental que se se debruçasse sobre o desenho da casa e a sua organização interior no sentido de a expandir, que perante as necessidades foi irremediavelmente ampliada e alterada nas suas proporções e dimensões. Contudo, o esquema-base manteve-se idêntico, fruto da vontade de respeitar e salvaguardar a pré-existência, a estrutura-tipo que padroniza estes agregados e a organização e distribuição programática habitual que os mesmos encerram em si. Ainda hoje podemos confirmar, a partir da antiga adega, o aumento da área dos

---

71 António Menéres, *Arquitecturas populares: memórias do tempo e do património construído*, pág. 31;
72 Op. cit., pág. 37;

27. Espigueiro e coberto na propriedade agrícola da *casa do Capela*, lugar de Vilarinho de Baixo, Póvoa de Lanhoso, 2018;

quartos e consequente avanço da varanda da casa[73] testemunhado pela laje existente construída *a posteriori*, numa fase, consideravelmente, mais recente. A outra intervenção feita nesta casa é significativamente mais recente e isenta de trabalhos no interior da habitação. Nesse sentido, é o confronto do meu avô com o espaço exterior da casa e com a incontestável passagem do tempo, que, por seu lado, atestou a perda gradual da utilidade e da importância de alguns elementos que faziam parte da composição[74], que abre a possibilidade de reinterpretar estas áreas e lhes dar uma nova expressão, mais limpa e adequada às necessidades de então.

O coberto e o espigueiro, elementos que estão mais ligados à prática da exploração agrícola, abrigo do milho e outros produtos da terra, encontram-se na propriedade agrícola junto à casa. A existência de uma eira, do espigueiro e de uma construção de apoio à agricultura, dividida em dois compartimentos que garantia o que era necessário para a utilização agrária da terra, assegura, ainda assim, a denominação de sequeiro, uma vez que o propósito dessa construção era, grosso modo, o mesmo. Apesar disso, este assunto levanta questões importantes relacionadas com a distância entre a habitação propriamente dita e as construções que pressupõem um fim unicamente agrícola, intervalo, além de pouco habitual, suficiente para que se perca o equilíbrio pretendido e a simultaneidade das lides domésticas e agrícolas. O estatuto, a pertinência e o valor destas estruturas, sobretudo do espigueiro, é uma conjugação de factores que resulta na necessidade de olhar e valorizar a composição como um todo e estudá-lo como tal.[75] Sobre esse assunto, interessa, também, observar que, em muitos exemplos de arquitectura popular da região minhota do norte do país e, acima de tudo, tendo em conta a pluviosidade e a humidade que a diferencia, os sequeiros surgem, como já foi referido anteriormente, associados ao espaço da habitação, integrados na própria composição – a casa da Capela, reconvertida em turismo rural no sentido de optimizar as actuais necessidades e exigências da contemporaneidade, exemplifica esta variante. A estabilidade encontrada na ligação entre todos os elementos, quase como se de uma dependência se tratasse, resulta da forma como esta se adequa e se integra no desenho da casa, complementando-a. É reconhecível, de facto, a reconversão de uma estrutura completa – dentro do que encontrámos, também, na casa de Calvelhe – de feição marcadamente tradicional e casa típica das aldeias minhotas. Jaime Cortesão, citado por António Menéres, descreve esta última nos moldes em que, considerando estes dois casos exemplares e extremamente completos de carácter popular, se manifesta:

---

73 Que, também em forma de *L*, se desenvolve ao longo de todo o alçado tardoz virado para o eido, acompanhando o desenho da casa;

74 Aqui referimo-nos às cortes – desviadas do volume principal da casa e onde ficavam alguns animais, há não muito tempo atrás – e ao facto de, com o desaparecimento destes últimos, estas terem deixado de fazer sentido;

75 A inclusão do espigueiro enquanto elemento fundamental e parte integrante da composição resulta do seu próprio estatuto adquirido ao longo do tempo, dado que a pertinência da sua condição, a sua intemporalidade e o seu significado patrimonial fazem dele um indubitável valor histórico que deverá, dentro deste cenário, ser também salvaguardado no sentido da sua preservação;

28. Fachada virada para a rua, casa da Capela, aldeia de Carreira, Póvoa de Lanhoso, 2019;

29. Relação entre antigo sequeiro, capela e espigueiro, casa da Capela, aldeia de Carreira, Póvoa de Lanhoso, 2019;

"A casa típica, de granito e carvalho, aproxima ou funde numa só, a modos de presépio, a vivenda humana e o curral do gado. Uma escada de pedra, desguarnecida e de um só lanço, sobe ao longo da fachada à varanda de madeira, coberta com alpendre, por onde se entra ao sobrado. (...) E, ao lado, espigueiros com patas de granito, tantos deles encimados pela cruz, erguem-se como sacrário de pão, tornado humana eucaristia."[76]

Ainda dentro do lote que circunscreve a casa, constata-se a existência do espaço da adega, do antigo lagar e da capela que lhe dá o nome, todos estes contíguos à habitação.

Não podemos ter medo de adoptar uma postura de valorização das formas e tradições antigas conjuntamente com a proposta de uma visão mais abrangente do espaço habitável. Numa tentativa de reinterpretação da obra, o piso inferior que acomodava as cortes dos animais foi transformado em cozinha e salas de visitas, ao passo que o piso superior se destina aos quartos, casas de banho e a uma área de recepção que serve as duas entradas no espaço doméstico e liga, por conseguinte, os dois níveis. Um dos quartos é, precisamente, o antigo sequeiro reconvertido em dependência do espaço da habitação. Ainda que isto seja entendido, sobretudo, como uma extensão da casa propriamente dita, a perspectiva de uma composição agora consolidada é evidente. A capela – e, na frente, o espigueiro – remata o volume da casa que, em conjunto, delimitam a eira. O antigo lagar permanece intacto, bem como a identidade do objecto arquitectónico.

Regressando à *casa do Capela* e dada a solidez desta construção, a intemporalidade que a define e a dimensão histórica que encerra, o objecto de estudo, associado à pertinência da sua condição e do espigueiro existente, surge como uma estrutura de carácter popular que interessa preservar, assim como a sua memória. Nesse sentido, a proposta que prevê uma reconversão desta casa e uma reinterpretação do espaço doméstico e do seu desenho é vista como uma oportunidade de valorizar as suas potencialidades e lhe oferecer uma renovada finalidade. A desvalorização actual da *casa do Capela* é o resultado do desgaste de alguns elementos, da sua descaracterização fruto das intervenções que foi sofrendo ao longo do tempo e da perda progressiva da identidade de um conjunto que se pretende plenamente identificado com o lugar e capaz de responder às circunstâncias actuais. Nessa perspectiva, a reactivação destas estruturas adormecidas do nosso território e das construções típicas da região, que, muitas das vezes, são abandonadas e esquecidas pelo tempo, pode potenciar as novas necessidades e os modos de viver contemporâneos de quem retorna ao campo, de quem o procura, ao mesmo tempo que lhes proporcionam um novo começo. A valorização das formas antigas e, simultaneamente, de uma linguagem contemporânea com traço de arquitecto testemunham a intenção clara de revitalizar o meio rural e construções populares que a ele pertencem, lhe oferecer uma renovada visão, sobretudo, no que

76 Jaime Cortesão, *Portugal – A Terra e o Homem*, citado por António Menéres, *Arquitecturas populares: memórias do tempo e do património construído*, pág. 39;

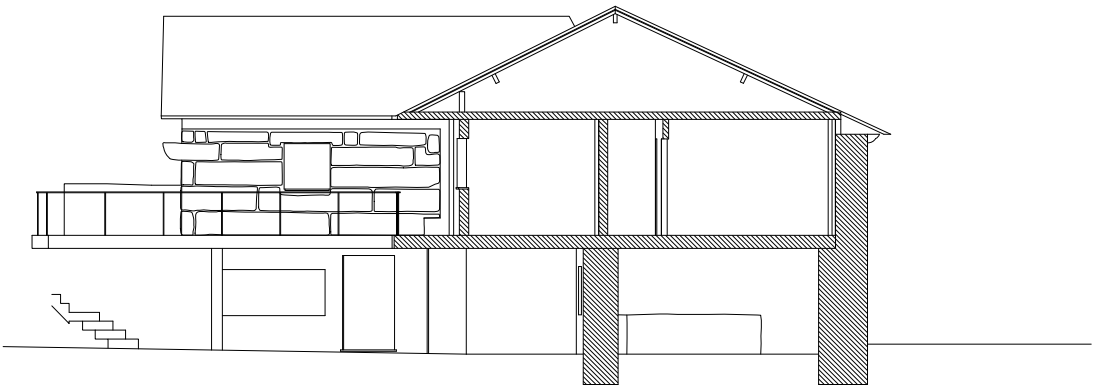
30. Varanda de madeira, casa da Capela, aldeia de Carreira, Póvoa de Lanhoso, 2019;

diz respeito ao espaço habitável e adaptá-lo às necessidades actuais. A *turistificação* do território rural e a elevada procura de que este é alvo, cada vez mais um caso sério[77], também justifica esse processo de modernização e reconversão do património construído em estruturas capazes de interligar uma abordagem declaradamente actual do exercício arquitectónico com o uso e linguagem rural que lhe confere identidade.

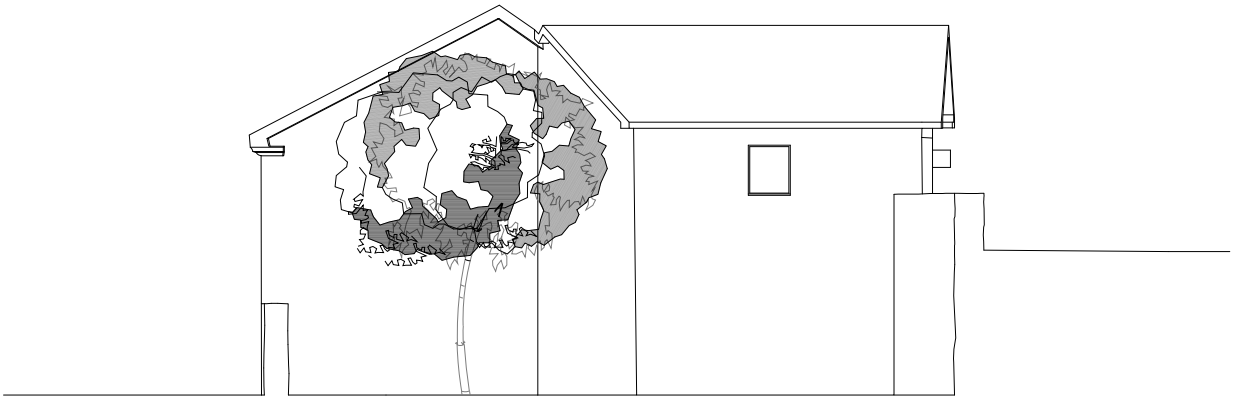
> *"Ao contrário do que acontece noutras regiões do País, o Minho é dominado pelo tempo curto. Não permanece quase imóvel como Trás-os-Montes. As gerações sucedem-se umas às outras e vão sempre criando qualquer coisa de novo. O Minho está em renovação constante como tudo o que é vivo. E todavia continua igual a si mesmo."*[78]

77 *"As distâncias deixaram, praticamente, de constituir obstáculo a esse alastramento."*, *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, Introdução, pág. XX;
78 Suzanne Daveau, Minho, *Portugal - O Sabor da Terra: um retrato histórico e geográfico por regiões*, pág. 140;

[Desenhos de levantamento]



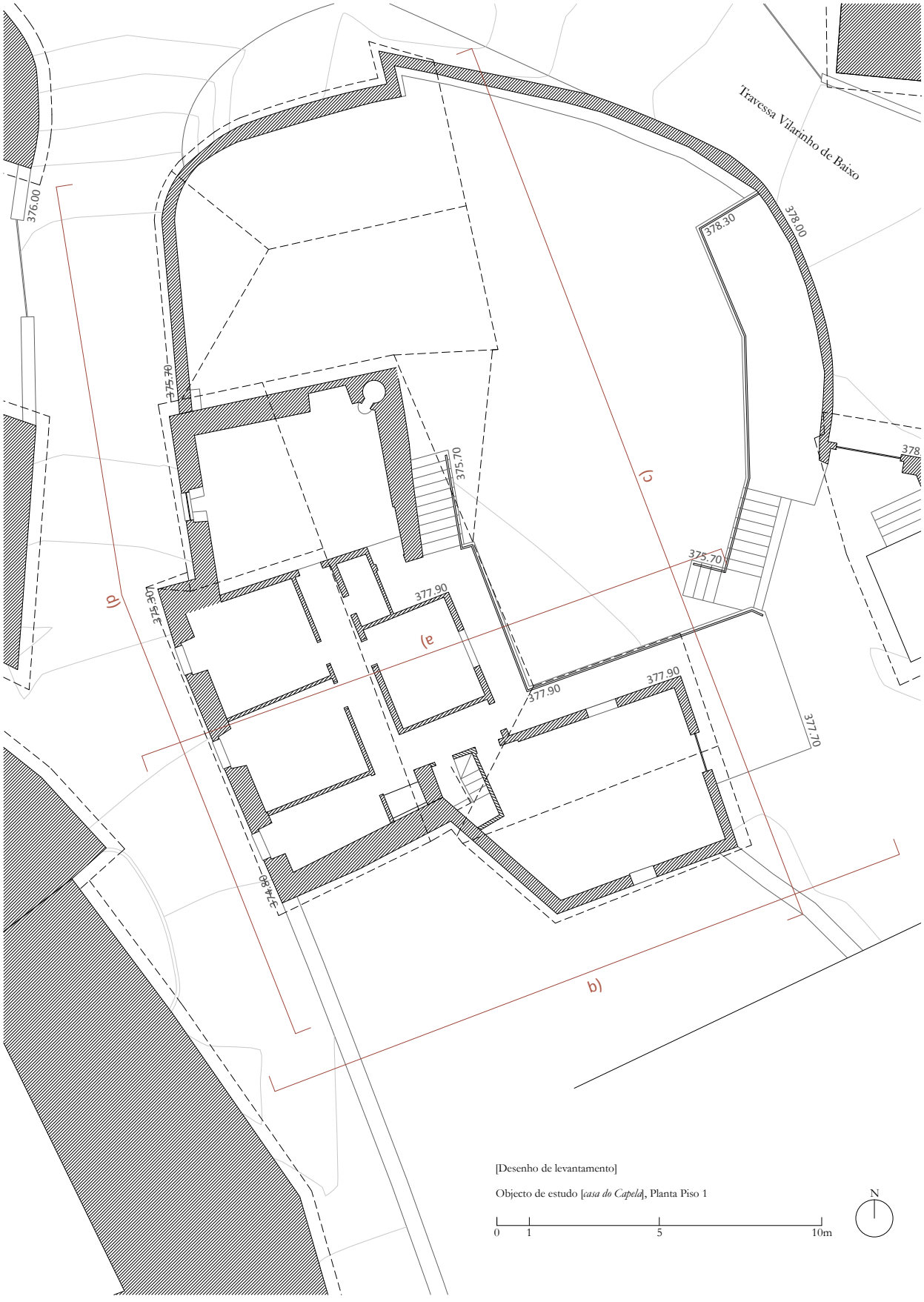
Corte-Alçado Norte a)



Alçado Sul b)

Objecto de estudo [*casa do Capela*]

0 1 5 10m



[Desenho de levantamento]

Objecto de estudo [*casa do Capela*], Planta Piso 1

0 1 5 10m

N

31. Espigueiro da *casa do Capela*, lugar de Vilarinho de Baixo, Póvoa de Lanhoso, 2018;

a. (Retirado de) António Menéres, *Arquitecturas populares: memórias do tempo e do património construído*, Arcos de Valdevez: CMAV, 2013;

2. DAS REFLEXÕES

2.1. O Património enquanto material histórico: da valorização das *memórias do tempo*[a]

> *"(...) "património entende-se, corrente e genericamente, como uma colecção de bens, como um depósito de testemunhos da História. A ideia de herança ou legado conduz ao património como algo por transmitir e que por isso pede e requere uma operatividade específica. Mas junto ao património como conjunto de elementos constituintes desse legado, também interessa o patrimonial, um conceito identificável em torno das atitudes e práticas dedicadas ao património". "*[79]

Conservação e restauro. A questão que parece, quase, contradizer-se ao desenvolver abordagens tão distintas no sentido da valorização do património edificado, ainda que – admitamos – pertinentes e objectivas, merece que, sobre ela, reflictamos.[80]

Sempre que se destaca o valor documental do património edificado, deverá destacar-se também a imprescindibilidade de o conservar, *"(...) espelho de vida social e expressão da densidade cultural, histórica e tradições, valorizando as raízes ancestrais da comunidade local, sinal de identidade e referência concreta a um espaço e tempo concreto."*[81]. Nessa perspectiva, *"(...) deverá ser estudado e tratado como um complexo no qual coexistem a matéria e a sua organização, os significados culturais e os valores estéticos, a memória social, o desempenho urbano, as funções passadas e presentes. Por consequência, a sua preservação deverá significar muito mais que a presença de um objecto apto para o consumo turístico ou estético."*[82].

---

79 Eduardo Mosquera, De la Utilidad de la Arquitectura para el Patrimonio, *Arquitectura y Patrimonio: memoria del futuro: una reflexión sobre la relación entre Patrimonio y Arquitectura*, citado por Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica - longa duração e desenho*, pág. 2;

80 *"(...) "Será necessário que esta pequena Europa, este canto do nosso globo engastado no cinzento de tantas igrejas antigas, será necessário que este pequeno fragmento do pavimento do mundo, gasto pelos passos de tantos peregrinos, seja integralmente varrido e ornado de novo para a mascarada do Futuro?""*, J. Ruskin, citado por Françoise Choay, *Alegoria do Património*, pág. 150; por outro lado, *"O que podiam a tese sentimental do deixar envelhecer (e perecer), e as suas complexas considerações acerca da consolidação, contra o projecto racionalizado e espectacular dos arquitectos e dos historiadores intervencionistas?"*, Françoise Choay, *Alegoria do Património*, pág. 166;

81 Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, fazendo referência à Carta do Restauro (1987), pág. 13;

82 Op. cit., pág. 4;

32. Parthenon, Atenas, Grécia, 2019;

"A preservação dos monumentos antigos é, antes de mais, produto de uma mentalidade."[83]

Só fará sentido conservar os edifícios antigos e estender a sua existência se, efectivamente, identificarmos neles o valor que encerram em si enquanto património *"(...) essencialmente definido pelas gerações humanas que nos precederam."*[84].

Por força da instauração da modernidade e do inevitável mas lógico distanciamento relativamente aos modelos tradicionais, as alterações nos modos de vida das sociedades foram, à semelhança da desvalorização dos edifícios antigos, que passaram a constituir um obstáculo à evolução e inovação do território, das cidades e da própria arquitectura, significativas: *"É o caminhar da história, a ideia de progresso e a perspectiva de futuro que determinam o sentido e os valores do monumento histórico (...)"*[85]. Porém, *"(...) os monumentos do passado são necessários à vida do presente, não sendo nem ornamento aleatório, nem arcaísmo, nem tão-somente portadores de saber e de prazer, mas parte do quotidiano."*[86].

Debruçando-se sobre os escritos e princípios de Ruskin, Françoise Choay fala na dimensão da memória e reitera que a permanência da arquitectura do passado tem a função de nos fazer recordar da sua existência e olhá-la como algo intemporal, que deverá sempre acompanhar o presente, porque envolve-se, com ele, num infinito diálogo; para ele, *"a arquitectura é o único meio de que dispomos para conservar vivo um laço com um passado ao qual devemos a nossa identidade e que é constitutivo do nosso ser."*[87]. A cidade antiga, reconhecida enquanto figura histórica, serve, por isso, de base à criação de uma cidade contemporânea *"(...) que responda às necessidades originais de uma civilização sob os efeitos de uma transformação técnica, económica e social."*[88]. A industrialização das cidades, absolutamente técnica, não pode ser estranha ao contexto e à sua condição.

A herança edificada representa o trabalho dedicado e rude de gerações sucessivas que, por sua vez, revelaram, através desse trabalho, a competência de edificar[89]. Sobre essa aptidão, Manuel Mendes, no texto *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, refere-se, curiosamente, a uma *"manufactura histórica"*[90]. E Françoise Choay acrescenta: *"Fazendo-nos ver e tocar o que viram e tocaram as gerações desaparecidas (...)"*, a arquitectura do passado tem *"(...) o poder de nos colocar em comunicação, quase em contacto, com elas."*[91]. A arquitectura do presente só fará sentido, nesta perspectiva, se fizer uso da sua essência original que lhe confere identidade e nos fizer

---

83 Françoise Choay, *Alegoria do Património*, pág. 155;
84 Op. cit., pág. 148;
85 Op. cit., pág. 146;
86 Op. cit., pág. 147;
87 Op. cit., pág. 148;
88 Op. cit., pág. 200;
89 *"Património é hoje quase tudo, é o somatório do que vem e chegou das gerações anteriores, do que sobra e ainda do que faz parte deste nosso tempo de rápidas, profundas, e por vezes dramáticas transformações (...)"*, Adalberto Dias, Mudar sem Mudar – o Património e o Espaço Público, *A intervenção no Património. Práticas de Conservação e Reabilitação*, pág. 113;
90 Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica - longa duração e desenho*, pág. 13;
91 Françoise Choay, *Alegoria do Património*, pág. 148;

recordar um passado valioso. A elevação do património e a sua conservação gera riqueza e assegura a presença dessa identidade. Manter e preservar o tecido histórico permite, antes de mais, salvaguardar uma identidade evidentemente forte e vincada. A conservação dessas referências, que, nos dias de hoje, testemunham uma arquitectura do passado de inegável valor patrimonial, confirma o seu valor, interesse específico e a capacidade de se integrar na arquitectura actual e no modo como a olhamos, hoje. Falamos, portanto, de uma necessária *"(...) compatibilidade de uma conservação viva dos tecidos antigos e da sua lógica de articulação com uma organização a outra escala (...)"*[92], leia-se contemporaneidade.

"Hoy está casi en la calle la conciencia de que la arquitectura del pasado es un patrimonio, escaso e irreproducible, que hay que conservar a toda costa."[93]. A propósito da importância de cultivarmos e, sobretudo, capacidade de salvaguardarmos a herança histórica, que devemos preservar incondicionalmente, Gabriel de Andrade valida a carga histórica de uma arquitectura inquestionavelmente relevante:

> *"Os monumentos de um povo, portadores de uma mensagem do passado, são um testemunho vivo das suas tradições seculares. A humanidade tem vindo progressivamente a tomar mais consciência da unidade dos valores humanos e a considerar os monumentos antigos como uma herança comum, assumindo colectivamente a responsabilidade da sua salvaguarda para as gerações futuras e aspirando a transmiti-los com toda a sua riqueza e autenticidade."*[94]

A memória colectiva das gentes e o forte significado que os testemunhos vivos do passado contêm em si são hoje, reconhecidamente, noções alargadas. Devemos, nesta perspectiva, dedicar o nosso sentido de consciência à preservação da memória dessas estruturas históricas[95]. O reconhecimento da necessidade de restabelecer a memória dos lugares e de recuperar os significados intrínsecos ao património histórico edificado surge como resultado da sua validade enquanto *"ponto de referência para tentar a compreensão da totalidade"*[96], bem como no sentido de evitar o esquecimento desses valores e a perda do sentido do lugar. Evocando Marina Waisman:

---

92 Françoise Choay, *Alegoria do Património*, pág. 265;

93 Ignasi de Sola-Morales, La posibilidad de la arquitectura popular, *Periferia*, nº2, págs. 5-9;

94 Carta de Veneza (1964), citada por Gabriel de Andrade, Intervenção na Igreja de S. Leocádia, *A intervenção no Património. Práticas de Conservação e Reabilitação*, pág. 193;

95 *"Como também importa reconhecer o direito à coerência e persistência de culturas regionais nas mais ínfimas escalas de um país, isolando em classificações regionais e locais os símbolos de alguns valores que as gentes instintivamente respeitam como suporte de identidades próprias."*, Domingos Tavares, O significado histórico e sócio-cultural do Monumento como primeiro critério de conservação e reabilitação, *A intervenção no Património. Práticas de Conservação e Reabilitação*, pág. 587;

96 *"(...)"Frente a um mundo povoado de simulacros e despovoado de realidades, a presença do património representa uma ancoragem, um ponto de referência para tentar a compreensão da totalidade"."*, Marina Waisman, El Patrimonio en el Tiempo, *Astrágalo*, nº 7, citada por Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, pág. 5;

"(...)"o pensamento moderno, que caracterizou um mundo "desencantado", está a ser substituído por um pensamento holístico que aspira ao "reencantamento" do mundo. A presença viva do património arquitectónico e urbano, que afirma a continuidade do tempo e das tradições culturais, que materializa o espaço em dissolução ao outorgar sentido aos lugares, que se une ao desenvolvimento da vida urbana para criar novos significados, é, sem dúvida, um dos instrumentos válidos para o avanço deste processo, para a busca de um mundo reencantado"."[97]

A arquitectura do passado interpretada como presente histórico[98] corresponde, efectivamente, à eternização de um património que faz (parte do) presente. Entender as estruturas antigas enquanto presente histórico é valorizar a história que lhes está associada, como salienta, convictamente, Lina Bo Bardi, quando refere que *"(...) "o que você tem que salvar – aliás, salvar, não, preservar – são certas características típicas de um tempo que pertence ainda à humanidade"."*[99]. E Manuel Mendes reitera: *"Dito isto, é preciso não desvalorizar simplesmente o passado e toda a sua história. Ao contrário é preciso considerar o passado como presente histórico."*[100].

Na verdade, uma das possibilidades de intervenção e valorização do património passa, precisamente, por exaltar o seu simbolismo através de uma atitude de isolamento e permanência do edifício. Neste caso, a valorização da pré-existência está salvaguardada pela sua própria dimensão simbólica e representativa[101]. O culto da ruína sobre o qual se debruça a atitude romântica de Ruskin afasta *"(...) uma possível intervenção activa no edifício, aceitando unicamente preservar as suas ruínas, sinal máximo da sua sobrevivência e duração."*[102]. Evocando Alexandre Alves Costa e no sentido de enaltecer o património arquitectónico e alertar para a necessidade da sua preservação, assume-se como fundamental *"(...) desenvolver a consciência popular patrimonial."*[103]. Conservar a sua pátina – assim que o estado do edifício o permita – é, de facto, visto como uma das intenções claras no sentido da preservação do monumento, reduzindo a intervenção ao mínimo possível.[104]. O anti-intervencionismo radical assente no carácter identitário dos modelos do passado e na necessidade de lhes dar continuidade elucida a concepção de Ruskin, que, por sua vez, denuncia e condena, por completo, as tentativas de restauro de edifícios antigos e o pastiche das formas

97 Marina Waisman, El Patrimonio en el Tiempo, *Astrágalo*, nº 7, citada por Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, pág. 5;

98 *""Na prática, não existe o passado. O que existe ainda hoje e não morreu é o presente histórico"(...)"*, Lina Bo Bardi, citada por Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, pág. 10;

99 Op. cit., pág. 10;

100 Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica - longa duração e desenho*, pág. 10;

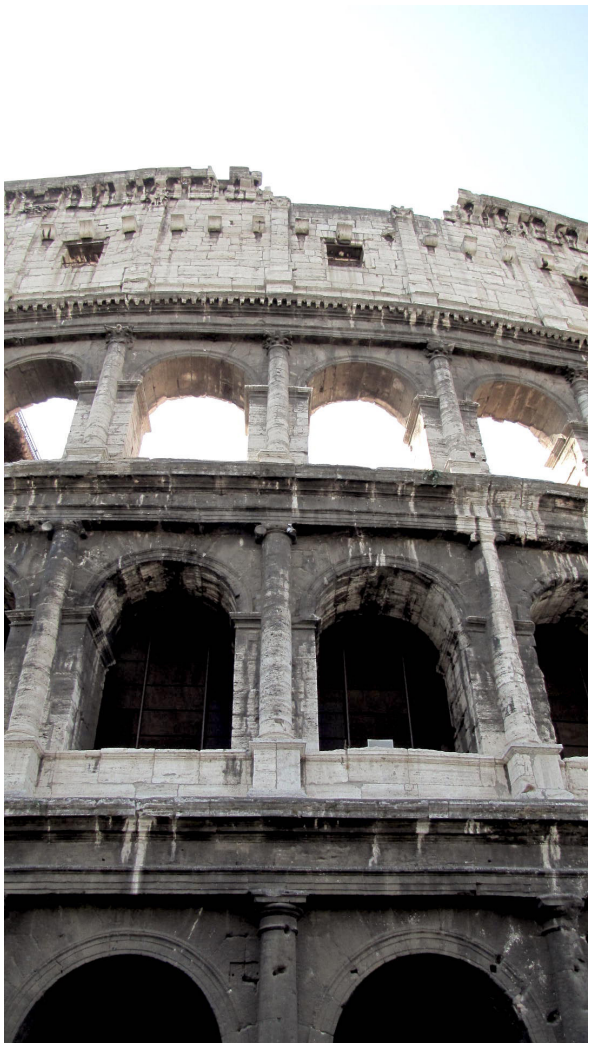
101 Exaltação da ruína; *"Parece que para eles o destino de qualquer monumento histórico é a ruína e a desagregação progressiva."*, Françoise Choay, em *Alegoria do Património*, pág. 160;

102 Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, pág. 13;

103 Alexandre Alves Costa, Arquitectura como arte de transformar, *A intervenção no Património. Práticas de Conservação e Reabilitação*, pág. 591;

104 *"(...) Consolidá-los, impedi-los de cair, é tudo o que se deve permitir."*, Victor Hugo, citado por Françoise Choay, *Alegoria do Património*, pág. 163;

33. Coliseu de Roma, Roma, Itália, 2013;



"Emoção estética engendrada pela qualidade arquitectónica ou pelo pitoresco, sentimento de abandono imposto pela percepção da acção corrosiva do tempo: a ascensão destes valores afectivos integra o monumento histórico (...)"[1]

1 Françoise Choay, Alegoria do Património, pág. 143;

do passado construído: *"(...) "Nós não temos o mínimo direito de o fazer. Eles não nos pertencem. Eles pertencem, em parte, aos que os edificaram, em parte ao conjunto de gerações humanas que nos seguirão""*[105]. A intenção de deixar o edifício como está[106] e de salvaguardar o seu estado original surge, por isso, associada à crítica sobre a reconstituição dessas estruturas e as tentativas de simulação e repetição do edifício tal como ele foi construído inicialmente, uma tarefa ingrata dado isso implicar o restabelecimento das intervenções de uma época que, invariavelmente, não é a de hoje: *"(...) querer restaurar um objecto ou um edifício é ferir a autenticidade que constitui o seu próprio sentido."*[107]. *"O trabalho das gerações passadas confere aos edifícios que elas nos legaram um carácter sagrado. As marcas que o tempo imprimiu sobre eles fazem parte da sua essência."*[108]. E acrescenta que esses edifícios históricos incumbem-nos de os salvaguardarmos.

Contudo, não seriam as práticas conservadoras um entrave ao desenvolvimento e actualização, respectivamente, do território e do património edificado?[109]. De facto, validamos, numa perspectiva da necessária manutenção, dos elevados custos associados à primeira e da absoluta inadaptação às necessidades actuais, a necessidade de inovar e inventar novas utilizações e interpretações. Como exemplifica Françoise Choay, *"A sedução de uma cidade como Paris resulta da diversidade estilística das suas arquitecturas e dos seus espaços, que não devem ser travados por uma conservação intransigente, mas continuados: é o caso da pirâmide do Louvre."*[110].

Com base na dialéctica História e Arquitectura, pede-se que a reconversão e intervenção no património seja capaz de dialogar com a pré-existência e de se relacionar com a cidade histórica, sem nunca, pese embora, perder a capacidade e o engenho de actuar sobre ela – sobre a arquitectura do passado. Pede-se uma leitura *""(...) que possibilite à arquitectura, sem restrições à sua contemporaneidade, intervir no processo histórico que dá forma às cidades, com o conhecimento suficiente dos valores que elas encerram"."*[111]. Considerando esta coordenação entre longa duração e restauro, que prevê uma simultaneidade entre a permanência do património e a inovação, é necessário, por parte do arquitecto, *"(...) gerir escalas no desenho da relação do antigo e do novo para projectar uma nova urbanidade."*[112]. Na verdade, Fernando Távora mostra-se, igualmente, de acordo com esse vínculo quando fala em *"(...) adoptar modelos e formas que, "contribuindo para valorizar aspectos positivos da circunstância pré-existente, pudessem criar nova e favorável circunstância, realizando assim obra de colaboração*

---

105 J. Ruskin, *The Seven Lamps of Architecture*, citado por Françoise Choay, *Alegoria do Património*, pág. 159;
106 *"Poesia da antiguidade, drama do seu confronto com o que se designa por nova civilização (...)"*, Françoise Choay, *Alegoria do Património*, pág. 144;
107 Françoise Choay, *Alegoria do Património*, pág. 160;
108 Op. cit., pág. 159;
109 *"(...) que pede o Património à arquitectura e o que a arquitectura traz ao Património? (...)"*, Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, pág. 2;
110 Françoise Choay, *Alegoria do Património*, pág. 16;
111 Angel Isac, Duas décadas de cultura e política de reabilitação, *O Chiado, Lisboa. A estratégia da memória*, citado por Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, pág. 22;
112 Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, pág. 17;

34. Casa de férias em Briteiros, Fernando Távora;

35. Pirâmide do Louvre, Paris, França;

e de educação""[113]. O projecto de restauro e de reinterpretação da construção antiga - mais que intervir para transformar - é visto, sobretudo, como uma forma de repor os valores da pré-existência, as relações que nela se estabelecem e a identidade turva.

> *"No problematizar este "re-habitar centros antigos" "não é mais possível considerar o projecto apenas incremento do património edificado através de novas construções. Ao contrário, aquele evoluirá como um sistema de teorias e de práticas orientadas para o completamento dos tecidos urbanos já edificados e à recomposição das relações que ali se assumem como cenários. Reconstruir mais que construir significa, então, penetrar a cidade existente aceitando-a como um sistema de certo modo fechado"."*[114]

Isto é, acima de tudo, educar a pré-existência, construções com valor histórico, através da introdução de elementos actuais da arquitectura contemporânea numa proposta de modificação e modernização que pressupõe, complementarmente, a continuidade do tecido histórico. Não obstante a relevância de uma visão inovadora no sentido da evolução contínua do edificado antigo, cabe-nos sublinhar a ancoragem do património enquanto ponto de referência que se associa à intenção de modificar-inovar[115]:

> *"Mas na distância para o plano disciplinar, esse "re-habitar", movimento de retorno, alarga a consciencialização da importância do existente como material estruturador no próprio processo da projectação: um progressivo interesse por parte da cultura arquitectónica pela noção de modificação e pela noção de pertença que a acompanha – pertença a uma tradição, a uma cultura, a um lugar."*[116]

A herança histórica e a natureza da arquitectura de um passado, competente e tradicional na arte de edificar, assumem um papel decisivo ao serviço da contemporaneidade. É lógico, por isso, o reconhecimento e importância da permanência do património enquanto factor

---

113 Fernando Távora, *Da Organização do Espaço*, citado por Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, pág. 17;
114 Franco Purini, citado por Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, pág. 7;
115 Evocando Manuel Mendes, *"A evolução contínua, a permanência da estrutura formal e dos princípios que a suportam, o respeito pela identidade arquitectónica é o que garante a conservação."*, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, pág. 20;
116 Vittorio Gregotti, Modificazione, *Casabella*, citado por Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, pág. 8;

de desenvolvimento[117]. Este valor intrínseco à própria herança histórica edificada já será, ou deveria ser, o ponto de referência para toda e qualquer reaproximação e/ou intervenção transformadora. Como afirma Alexandre Alves Costa:

> *"Foi sempre a natureza do preexistente, os aspectos programáticos da reposição, reconversão ou reutilização ou do simples restauro, foi o resultado pretendido pelo autor, que determinaram as opções tecnológicas, no sentido de ser encontrada uma coerência global de forma e conteúdo, para cada intervenção."*[118]

A conjugação dos valores antigos com a intervenção nova é, a todos os níveis, fundamental. É o que dá sentido ao restauro destas estruturas que fazem parte do nosso património. Esta leitura actual do objecto deve imprimir nele uma progressão evidente, deve actualizá-lo constantemente, conforme as necessidades, não obstante o cenário seja sempre, de forma intencional, a pré-existência.

> *"O projecto "inscreve-se num processo que não é o início ou final de algo. Na vida do edifício é mais uma etapa. Imprime-lhe um carácter progressivo, sempre uma melhoria da situação anterior, nunca uma recuperação de um esplendor passado. (...) Não se trata de dar em cada caso uma lição de história aclarando todas as fases do edifício, antes dar a leitura do hoje e onde o anterior é o que fica em fundo; o enredado é o que dá sentido à obra completa.""*[119]

Por isso, não podemos ter medo de adoptar posturas de valorização do património mais profundas. *"(...) como deve construir-se a cidade moderna na ponderação do conjunto das heranças históricas, e materiais da cidade e do território."*[120]? A visão intervencionista na qual se apoia Viollet-le-Duc reconhece que *"(...) "Restaurar um edifício é restabelecê-lo num estado completo que pode nunca ter existido num dado momento"."*[121]. Ainda assim, essas intervenções inventivas mas, sobretudo, correctivas agem *"entre um passado terminado e um presente em gestação."*[122], nunca se dissociando do contexto em

---

117 Estamos perante testemunhos históricos que apelam ao seu passado e à memória colectiva de gerações que elevaram, durante épocas sucessivas, a consciência popular no sentido da sua preservação, mas também que, até pela continuidade que nos compete, a nós, hoje, ser-lhes dada, devem ser objecto de uma reconstituição – quando necessária – capaz de os restabelecer. O respeito pelo património arquitectónico também passa por essa capacidade e consciência, sobretudo consciência, de saber continuá-lo sem o desvirtuar;

118 Alexandre Alves Costa, Arquitectura como arte de transformar, *A intervenção no Património. Práticas de Conservação e Reabilitação*, pág. 593;

119 Fernando Villanueva Sandino, Construir sobre el Passado, *Rehabilitacion y Ciudad Historica*, citado por Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, pág. 21;

120 Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, pág. 22;

121 Viollet-le-Duc, citado por Françoise Choay, *Alegoria do Património*, pág. 160;

122 Françoise Choay, *Alegoria do Património*, pág. 200;

que o objecto antigo se insere. Nesse contexto, acreditamos – dentro deste raciocínio – que se deve dar continuidade ao que existe, introduzindo uma capacidade reinterpretativa do objecto capaz de inovar e corrigir momentos de descontinuidade e de desequilíbrio do próprio edificado arruinado. Entendemos, efectivamente, que devemos restabelecê-lo e completá-lo. Sobre este assunto, Adalberto Dias refere que o nosso conhecimento contemporâneo exige-nos isso, *"(...) acrescentando o que falta, relacionando e unindo o que se encontra solto ou disperso. Restabelecer as continuidades perdidas, com todos os tempos (...)"*[123]. Os acrescentos inventados e as tentativas de reconstituição do edifício ou de cópia das formas originais do passado são alguns dos traços que definem esta prática intervencionista de valorização do património arquitectónico. Os monumentos antigos arruinados são restaurados, acima de tudo, com base numa reconstituição das partes em falta. O restauro e a reconstrução da pré-existência no sentido de a reconstituir, consolidar e lhe atribuir um renovado começo explicam, de facto, a natureza da intervenção de Viollet-le-Duc que, segundo afirma Françoise Choay, *"(...) sente nostalgia pelo futuro e não pelo passado."*[124].

> *"(...) o restauro é a outra face, obrigatória, da conservação; necessário, ele deve e pode ser fiel. É uma questão de método e de competência técnica."*[125]. *"Não se trata "de preservar o património arqueológico de todo o contacto com a cidade real, isolando-o ou destruindo-o, mas estudar modos e vestígios do passado, determinando o que ainda pode "viver" (...)""*[126]

Esta questão da fidelidade e aproveitamento dos vestígios do material histórico edificado que ainda podem *viver* surge, neste caso, associada a uma intenção transformadora que, ainda assim, considera as pré-existências e o que ainda podem oferecer. Domingos Tavares referia, a certa altura, ser a favor da manutenção da lógica organizacional do edificado pré-existente. Nesse sentido, propõe que se vá ao encontro do que já existe, que se seja o mais fiel possível ao modelo original. Por outro lado, sugere também que se recorra a técnicas construtivas convencionais como forma de adaptação e adequação à estrutura da pré-existência. Descartado o culto da ruína ou a sua destruição, a manutenção de alguns desses elementos originais é, nesta perspectiva, a salvaguarda da identidade do objecto. Neste processo de renovação e restauro do património histórico, devemos considerar este último a base de um exercício reinterpretativo de conhecimento-preservação-modificação das pré-existências, que devem ser completadas e, até, reparadas, conforme o estado do monumento: *"(...) "os arquitectos devem "seguir" a cidade (...) Diante*

123 Adalberto Dias, Mudar sem Mudar – o Património e o Espaço Público, *A intervenção no Património. Práticas de Conservação e Reabilitação*, pág. 114;
124 Françoise Choay, *Alegoria do Património*, pág. 162;
125 Op. cit., pág. 164;
126 Fernando Villanueva Sandino, Construir sobre el Passado, *Rehabilitacion y Ciudad Historica*, citado por Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, pág. 20;

36. Recuperação da praça de San Michele, em Borgo, Pisa, de Massimo Carmassi;

de si, cada um tem uma cidade e um território já construídos, os quais é necessário completar e, amiúde, reparar, quaisquer que sejam as suas tendências ou tiques arquitectónicos"."[127].

> *"Temos que colocar-nos num ponto de vista exclusivo, libertar-nos de qualquer ideia actual e esquecer o tempo em que se vive para nos tornarmos contemporâneos do monumento que se restaura, dos artistas que o construíram, dos homens que o habitaram. Há que conhecer a fundo todos os procedimentos da arte, não apenas nas suas épocas principais, mas neste ou naquele período de cada século, a fim de restabelecer, se for necessário, qualquer parte de um edifício a partir de simples fragmentos, não por capricho ou por hipótese, mas por uma severa e conscienciosa indução."*[128]

Porque, como afirma Adalberto Dias, *"(...) do património nasce outro património. Nesta contínua transformação, há formas e valências que permanecem, outras que são transportadas."*[129].

Conservação e restauro. Para todos os efeitos, a resposta à questão levantada inicialmente surge no formato de uma ideologia que, assente na valorização do património, funde ambas as noções de restauro – conservativo e intervencionista. Nessa tentativa de consubstanciar os dois gestos, à noção de autenticidade que acompanha o processo de conservação da pátina dos edifícios antigos e do próprio património construído como um todo e de singularidade que particulariza cada monumento, associa-se, também, a legitimidade da intervenção – em último caso – quando esta, de facto, for indispensável à manutenção do edificado. Evocando Françoise Choay:

> *"O restauro não deve ser praticado senão in extremis, quando todos os outros meios de salvaguarda (manutenção, consolidação, reparações não expostas à vista) falharam. Então, o restauro revela-se como o complemento necessário e indispensável de uma conservação cujo próprio projecto não pode subsistir sem ele."*[130]

Isto, apesar de tudo, não corresponde a uma perspectiva que valoriza o exercício do restauro, mas sim a uma aceitação desta prática enquanto solução de recurso que pode, mesmo assim, significar a salvaguarda do património construído. Uma vez restabelecido, a intervenção nova deve estar visivelmente assinalada, marcar a sua posição enquanto acrescento e novidade e distinguir-se, de forma clara, dos elementos originais que reclamam a identidade do edifício. Por outro lado, a zona restaurada deve, simultaneamente, ser complementar ao tecido antigo e

---

127 Alain Guiheux, citado por Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, pág. 7;
128 Vitet, citado por Françoise Choay, *Alegoria do Património*, pág. 164;
129 Adalberto Dias, Mudar sem Mudar – o Património e o Espaço Público, *A intervenção no Património. Práticas de Conservação e Reabilitação*, pág. 114;
130 Françoise Choay, *Alegoria do Património*, pág. 168;

enaltecer o seu valor histórico, fazendo-o sobressair.

O caminho será, talvez, o da compatibilidade e, por conseguinte, da conservação da capacidade de continuarmos o património, mas também de o restaurar. Como defende Françoise Choay, *"(...) as duas aproximações são complementares, com a condição de se respeitarem as suas especificidades e as suas lógicas respectivas, sem procurar assimilá-las umas às outras."*[131]. A congruência entre o antigo e o novo consegue-se com base numa necessária complementaridade que, por seu turno, permite que ambos coexistam, se adaptem e relacionem entre si, numa só composição. Acreditamos que a introdução de pequenos apontamentos e a reinterpretação de um edificado desequilibrado e descontinuado permite restabelecê-lo dentro de uma ideia e visão da arquitectura actual contemporânea que não descarta, de todo, a preservação da pré-existência enquanto testemunho histórico. É, de facto, possível trabalhar a percepção de um lugar que constitui património sem, respeitando a sua condição, transformar a sua essência.

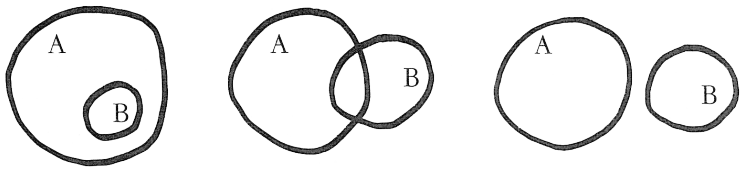
> *""(...) O exercício de uma boa administração e de um bom plano regulador consiste em fazer proliferar, facilitar os acessos a esses mundos plurais sobrepostos e cruzados numa cidade"". ""(...) O paradoxo da cidade que imaginamos hoje deve poder reconciliar, dentro do mesmo desenho, duas paixões opostas (...)""*[132]. *"Mudar sem mudar, talvez seja hoje, uma das formas de intervir no património."*[133]

131 Françoise Choay, *Alegoria do Património*, pág. 269;

132 Remo Bodei, La città tra Memoria e Identità, *La Nuova Dimensione Urbana*, citado por Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica - longa duração e desenho*, pág. 24;

133 Adalberto Dias, Mudar sem Mudar – o Património e o Espaço Público, *A intervenção no Património. Práticas de Conservação e Reabilitação*, pág. 122;

37. Relações de inclusão, intersecção e exclusão;



"(...) Construir o construído.
Construir com a esperança do futuro.
Construir com a necessidade do presente.
Construir sobre o passado, pois vivemos em cidades do passado e sobre ela ou com ela fazemos a cidade para o futuro e assim foi na história, quase sempre."[1]

1 Fernando Villanueva Sandino, Construir sobre el Passado, *Rehabilitacion y Ciudad Historica*, citado por Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica - longa duração e desenho*, pág. 20;

b. (Retirado de) Francisco de Gracia, *Construir en lo construido: la arquitectura como modificación*, Madrid: Nerea, 2001;

2.2. Da condição e reconversão: *construir sobre o construído*[b]

> *"He leído en Rem Koolhaas que las ciudades son como nubes. Me gusta esta imagen. La forma de la ciudad como nube en continuo movimiento. Su forma hoy, en este preciso instante, viene de la de ayer, del instante que fue. Y su materialidad nos empuja a indagar en los mecanismos que hacen que emerja una nueva forma construida."*[134]

Num tema a que recorro com frequência, em torno do *"potencial de un contexto preexistente"*[135], Sebastiano Brandolini e Pierre-Alain Croset defendem uma necessária e fundamental sensibilidade na protecção dos significados de uma tradição e cultura historicamente vinculadas ao lugar e à pré-existência *"seen as a patrimony in its physical and material dimensions: an existing reality no longer to be negated through the project, but rather to be accepted in its heterogeneity and historical stratifications."*[136].

Temos por assente que a necessidade humana – talvez até física e com certeza psicológica – de preservar o rasto das construções antigas, do *"pasado artístico"*[137], é a causa da dificuldade do cidadão actual em desprender-se desse testemunho histórico, pois reconhece-se no que é antigo. Na prática, refugia-se na memória de um passado que quer manter presente, não só pela sua capacidade de adaptação à contemporaneidade, mas também pelo que a sua extinção representaria. Já que constitui uma *"pura base material"*[138] que, invariavelmente, pretende-se que sirva de ponto de partida e referência na continuidade da história, a condição existente deverá ser, em definitivo, considerada, o que, em matéria de permanência e conservação, permite classificá-la como um testemunho temporal de absoluto interesse.

---

134 Rafael Moneo, Construir lo construido: adecuación y continuidad con el pasado, *Arquitectura Viva*, nº110, 2006, pág. 25;
135 James Stirling, Nuestras intervenciones en contextos históricos, *Proyecto y ciudad histórica*, pág. 213;
136 Sebastiano Brandolini, Pierre-Alain Croset, Strategies of modification 1, Architettura come modificazione, *Casabella*, nº498/99, pág. 16;
137 Francisco de Gracia, *Construir en lo construido*, pág. 58;
138 Ignasi de Sola-Morales, Teorías de la intervención arquitectónica, *Intervenciones*, pág. 16;

38. Intervenção e restauro do Odeão de Herodes Ático, década de 50, Atenas, Grécia;

Por outro lado, esta ideia de conservação exaustiva pressupõe, se nada for feito em contrário, a museificação da arquitectura, isto é, a salvaguarda perpétua do material histórico, o que ignora, de forma declarada, a permanente renovação da qual o património, presente histórico que se projecta no futuro, deve ser alvo.

Na aproximação à pré-existência, reconhecer a inevitabilidade de modificar os seus limites formais, especialmente, tendo como base o enquadramento do próprio objecto e o contexto no qual está inserido, é, de facto, aceitar a passagem do tempo como algo que influi sobre e condiciona a arquitectura no sentido da reinterpretação do seu desenho e significado. O restauro e reconversão do uso original de um determinado edifício deverá, por isso, ser visto *"especially as critical interpretation of the existing."*[139], como uma forma de o enfatizar através do impacto visual, motivado pelos contrastes, que a novidade, assente nos novos materiais, imprime na pré-existência: *"(...) through the material of the project (...) emerge the existing under a new light, and also modify the existing through subtle contrasts and differences."*[140]. Construir no construído para modificar pressupõe, sejam quais forem as intenções que motivam essa intervenção, a vontade, inequívoca, de fazer sobressair o valor histórico e da memória que define a arquitectura existente, *"always understood as collective patrimony."*[141]. Neste sentido, a permanência histórica estaria sempre salvaguardada, ainda que as transformações e a consequente renovação das cidades e do território sejam, em todo o caso, indispensáveis. *"(...) the modern city will transform itself by mixing itself with the existing city, and continuing its hierarchies between inside and outside, and between public and private."*[142].

> *"Si mirar al futuro es sinónimo de optimismo y lleva a las ciudades a soñar con edificios innovadores que representen su capacidad de progreso, la renovación de su patrimonio construido se convierte con frecuencia en una gran oportunidad para que los arquitectos desarrollen proyectos de vanguardia enriquecidos con el valor inherente de lo histórico."*[143]

Mas, afinal, qual a relevância e o papel das estruturas físicas existentes no desenvolvimento de uma contemporaneidade que se pretende compatível com as primeiras?

---

139 Sebastiano Brandolini, Pierre-Alain Croset, Strategies of modification 1, Architettura come modificazione, *Casabella*, nº498/99, pág. 18;

140 Op. cit., pág. 18;

141 *"At all scales, anyway, the physical and material modification of the building happens through projects of extension and of completion, of addition and of superimposition, of collage and of internal modification, of simplification and of complexification, of substraction and of repetition: all address the problem of reinforcing the value of what is existing, always understood as collective patrimony. It is through the process of design as modification that this is made possible."*, op. cit., pág. 18;

142 Sebastiano Brandolini, Pierre-Alain Croset, Strategies of modification 2, Architettura come modificazione, *Casabella*, nº498/99, pág. 42;

143 Retirado da synopse da revista Pasado presente, *Arquitectura Viva*, nº110, Madrid, 2006;

"(...) Pueden reunirse al amparo de la misma noción de arquitectura objetos que obedecen a mundos culturales y productivos prácticamente antagónicos? (...)"[144]. Daqui poderia, talvez, deduzir-se que, com base na analogia entre a intervenção nova e as pré-existências e valorização mútua de um construir que pretende exaltar o valor do construído através da novidade, bem como das estruturas físicas remanescentes que também enriquecem a cidade moderna, prolongando e reproduzindo nela os seus rasgos dominantes e característicos da arquitectura histórica[145], não pode haver *"una arquitectura que emerja sin exaltar al mismo tiempo todo lo que ella misma parece superar."*[146]. Na visão de Ignasi de Sola-Morales, a representação da modificação deve privilegiar uma sensibilidade[147] na forma como a nova arquitectura interpreta o existente e se relaciona com ele. Não se pode alhear do construído, do que já existia naquele lugar. Essa relação de contraste que a sensibilidade contemporânea – à qual Sola-Morales faz referência e testemunho da temporalidade do objecto assente, precisamente, na conjugação física do novo com o antigo – estabelece com a arquitectura histórica visível, por exemplo, na diferença das texturas e materiais está, também, vinculada ao valor de antiguidade que lhes é atribuído – aos monumentos históricos – e que pressupõe, como o próprio nome indica, a valorização do material histórico-monumental e, sobretudo, a exaltação do antigo enquanto testemunho do tempo histórico visível nas marcas da sua passagem. O gosto pelas texturas rugosas e a conservação da pátina dos antigos edifícios contrasta, dessa forma, com o carácter contemporâneo das novas arquitecturas, geometrias abstractas que interpretam os traços dominantes da pré-existência *"con el fin de hacerse eco de ellos en la parte que se trataba de añadir."*[148]. *"(...) continuar la historia significa hacer lo nuevo con absoluta contemporaneidad, pero aceptando que el material histórico de nuestra memoria se va a entrecruzar en el proceso."*[149].

> *"El proyecto de una nueva arquitectura no sólo se aproxima físicamente a la ya existente, se relaciona visual y espacialmente con ella, sino que establece además una verdadera interpretación del material histórico con el que se mide, de modo que éste es objeto de una verdadera lectura que acompaña explícita o implícitamente a la nueva intervención en su significación global."*[150]

144 Francisco de Gracia, *Construir en lo construido*, pág. 168;

145 *"Notwithstanding the differences, the minimum common denominator fixes a terrain of consent. Underestimating the differences would be like ignoring their particular content, while ignoring the minimum common denominator would be like negating that the last years have witnessed a common field of experiences, references and efforts."*, Sebastiano Brandolini, Pierre-Alain Croset, Strategies of modification 2, Architettura come modificazione, *Casabella*, nº498/99, pág. 42;

146 Giorgio Grassi, *La arquitectura como oficio y otros escritos*, pág. 161;

147 *"Lo que caracteriza la nueva sensibilidad (...) es el contraste entre novedad y antiguedad"*, Ignasi de Sola-Morales, del contraste a la analogía. transformaciones en la concepción de la intervención arquitectónica, *Intervenciones*, pág. 74;

148 Ignasi de Sola-Morales, del contraste a la analogía. transformaciones en la concepción de la intervención arquitectónica, *Intervenciones*, pág. 42;

149 Francisco de Gracia, *Construir en lo construido*, pág. 107;

150 Ignasi de Sola-Morales, del contraste a la analogía. transformaciones en la concepción de la intervención arquitectónica, *Intervenciones*, pág. 35;

Enfatizar a novidade sem desconsiderar a história permite *"utilizar el pasado para explicar el presente"*[151] e reafirma, dessa forma, a absoluta contraposição entre o antigo e o novo[152] que, invariavelmente, se complementam. Como refere Sola-Morales, *"(...) el contraste entre lo antiguo y lo nuevo se convertía no sólo en el resultado de una contraposición radical, sino también en el procedimiento perceptivo a través del cual una y otra arquitectura, mutuamente, establecían su sentido dialéctico en el conjunto de la ciudad metropolitana."*[153]. No sentido de unificar o conjunto, à confrontação entre o novo e o velho – que devem ser, por princípio, facilmente distinguidos – emerge-se, paralelamente, a similitude[154] nas suas dimensões e traços característicos como forma de haver uma correspondência entre a nova arquitectura e a lógica compositiva do edificado original, aproximando-se mutuamente. Este confronto, lido, desta feita, enquanto diferença e semelhança, dá origem a um novo mas familiar significado, uma vez que o passado e a nova arquitectura se revêem e reconhecem nessa justaposição. *"Na sua mútua dependência ambos se atribuem significado, e a união das partes dá lugar a um significado que não existia em cada uma isoladamente."*[155]. Assiste-se, como afirma Francisco de Gracia, a *"(...) una rara simbiosis entre arquitecturas de gestación conceptualmente antinómica que se logra de abajo hacia arriba, de lo particular a lo general."*[156].

Ainda assim, o contraste entre o antigo e o novo é, em todo o caso, notório – o que não será, segundo Le Corbusier[157], necessariamente negativo. Na verdade, esse efeito contrastante originado pela cidade histórica e pela nova arquitectura – que com ela se confronta – e o conflito patente nas diferenças de texturas, materiais e geometria confere-lhes, enquanto composição, uma contradição compatível. Para essa compatibilidade contribui, diga-se que significativamente, a analogia entre os rasgos representativos da arquitectura histórica e aqueles propostos pela intervenção contemporânea, que funcionam, nessa perspectiva, como um prolongamento das características e do ritmo compositivo do objecto histórico pré-existente. É como se a conjugação de diferentes gestos acontecesse sem cada um deles perder a sua própria autonomia e carácter, estabelecendo, ao mesmo tempo, uma congruência entre a arquitectura contemporânea e a histórica. Dispõe, de forma ordenada, elementos heterogéneos.

A (in)coerência no que diz respeito à condição existente é, com efeito, uma das questões

---

151 Ignasi de Sola-Morales, del contraste a la analogía. transformaciones en la concepción de la intervención arquitectónica, *Intervenciones*, pág. 39;

152 Evocando Sola-Morales, *"(...) se produce por yuxtaposición, interrelación y contraste de formas, texturas o materiales fundamentalmente heterogéneos."*, op. cit., pág. 40;

153 Op. cit., pág. 42;

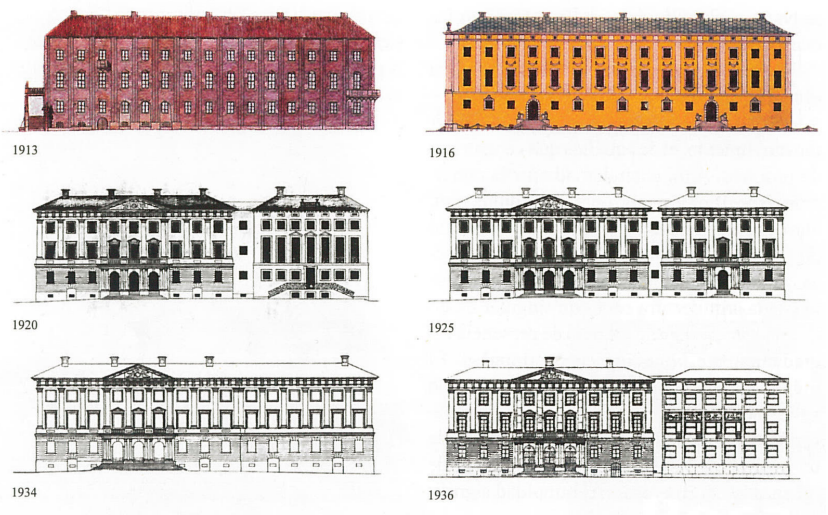
154 *"(...) cosas distintas presentan similitud a través de su acertada yuxtaposición espacial."*, Francisco de Gracia, *Construir en lo construido*, pág. 164;

155 Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, pág. 4;

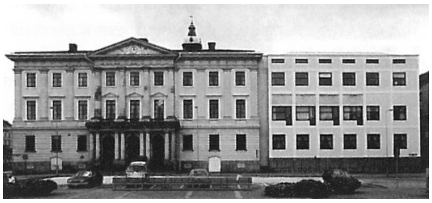
156 Francisco de Gracia, *Construir en lo construido*, pág. 85;

157 *"(...) "las nuevas dimensiones modernas y la puesta en valor de los tesoros históricos aportan una gracia encantadora"."*, Le Corbusier, citado por Ignasi de Sola-Morales, del contraste a la analogía. transformaciones en la concepción de la intervención arquitectónica, *Intervenciones*, pág. 36;

39. Hipóteses realizadas por Erik Gunnar Asplund até à proposta final, a propósito da ampliação da Câmara Municipal de Gotemburgo;



40. Proposta final de ampliação da Câmara Municipal de Gotemburgo;



centrais neste tipo de intervenções: *"(...) a intervenção nova deve manter-se higiénica e claramente diferenciada da antiga e ajudando a esclarecê-la, deve mostrar-se e mostrá-la."*[158]. Como afirma Sola-Morales, *"La intervención como operación estética es la propuesta imaginativa, arbitraria y libre por la que se intenta no sólo reconocer las estructuras significativas del material histórico existente, sino también utilizarlas como pauta analógica del nuevo artefacto edificado."*[159]. A ideia que serve de base para a intervenção está, por isso, presente na arquitectura do edifício existente, que, aparentemente, se desdobrar-se-á numa leitura contemporânea que siga esse modelo. Encarar o edifício antigo como matriz referencial do projecto deve ser o ponto de partida do exercício de reconversão da pré-existência, seguindo, nessa perspectiva, a sua pauta compositiva. Por oposição à alternativa do pastiche histórico, a linguagem arquitectónica pretendida no exercício das novas intervenções em áreas históricas remete, precisamente, para uma arquitectura actual que, dentro da assumida diferença, se assemelhe nos traços e revele uma dimensão integradora. Que estimule a relação e identificação visual entre si e a circunstância local [contexto] e que promova a continuidade da imagem. Que estabeleça uma compatibilidade compositiva e coerência figurativa com o edificado original.

> *"(...) una ciudad se convierte en algo donde los elementos y los fragmentos arquitectónicos dialécticamente opuestos coexisten uno junto a otro, a veces contradiciéndose y a veces completándose mutuamente, pero siempre enriqueciendo el tejido urbano y, por tanto, el tejido intelectual de la ciudad."*[160]

A cidade homogénea é, nesta perspectiva, o resultado da comunhão entre a nova arquitectura e as estruturas existentes. É construir no construído. A nova arquitectura representa, aliás, uma mais-valia, ao exercer e intervir sobre o edificado histórico para o modificar, mas, acima de tudo, o fazer pertencer a uma composição global e unitária que, simultaneamente, se revela adequada aos tempos modernos.[161] Na maior parte das situações, a operação de intervenção sobre um edifício existente cinge-se à sua estrutura prévia e completa o seu desenho, adaptando-se às circunstâncias originais do objecto e prolongando as suas proporções.

---

158 Alexandre Alves Costa, Arquitectura como arte de transformar, *A intervenção no Património. Práticas de Conservação e Reabilitação*, pág. 592;

159 Ignasi de Sola-Morales, del contraste a la analogía. transformaciones en la concepción de la intervención arquitectónica, *Intervenciones*, pág. 50;

160 Francisco de Gracia, *Construir en lo construido*, pág. 133;

161 *"(...) la conciencia de la diferencia, es decir, de que hay un pasado y un presente, y de que las condiciones del pasado son diferentes de las del presente y de que, por tanto, la intervención debe tenerlas en cuenta, sea a favor o en contra, para asumirlas o para distanciarse de ellas;"*, Ignasi de Sola-Morales, teorías de la intervención arquitectónica, *Intervenciones*, pág. 17;

41. Renovação e expansão da ala Este do Museu de História Natural, Berlim, 2010;

"(...) por tanto, restauración es todo lo contrario de la intervención activa del arquitecto; es dejar hablar al edificio y creer que en el edificio ya hay una lógica que, de algún modo, tiene en potencia la posibilidad de terminación y plenitud." E acrescenta: *"(...) una operación puramente de ayuda, de clarificación, de distinción, un trabajo analítico para que el edificio hable por sí mismo y de alguna manera, él solo explique cómo acabarlo."*[162]

Nesta perspectiva, a intenção da intervenção de restauro é vista como uma forma de completar e terminar o que já existe previamente. Deve ser o resultado de um conhecimento seguro das arquitecturas do passado, do seu discurso e da multiplicidade de interpretações possíveis. Sola-Morales associa a intervenção a uma manifesta dependência da lógica e intenções da estrutura existente, que, por sua vez, se expressa por si mesma e define o caminho do restauro, quando defende *"(...) la comprensión de que el edificio existente tiene por sí mismo una lógica, así como de que lo que conviene es dejar hablar a esta propia lógica sin intentar superponer un discurso diferente."*[163]. No âmbito dessas mesmas intervenções em arquitecturas pretéritas, Fernando Távora valoriza, também, o gesto oportuno de *"(...) "deixar o edifício falar"."*[164], dado que reconhece valor e capacidade ao edifício existente para se expressar. Mostrar-se e, simultaneamente, preservar o seu carácter é, como confirma Ignasi de Sola-Morales, uma *"actitud responsable y lúcida ante un problema de restauración."*[165].

Ainda que, por norma, a estrutura contemporânea se imponha, logicamente, perante a antiga, há outros casos em que, excepcionalmente, a imperceptibilidade de uma intervenção nova mínima permite que a estrutura antiga existente tome conta da obra, quase como uma exaltação da conservação do valor antigo da estrutura prévia.[166] *"Las intervenciones, ya sean puntuales o más intensamente unitarias, significan siempre el intento de releer esta realidad construida existente para intervenir sobre ella con un instrumento, el proyecto de arquitectura, para, a través de esta intervención, conseguir la unificación del espacio de la ciudad."*[167]. E acrescenta que *"(...) en el momento de intervenir no interviene en el vacío sino que interviene sobre las arquitecturas de una ciudad existente con el fin de someterlas y subsumirlas en este proyecto unitario (...)"*[168].

Ainda assim, o projecto de arquitectura não deverá, necessariamente, introduzir alterações

---

162 Ignasi de Sola-Morales, teorías de la intervención arquitectónica, *Intervenciones*, pág. 24;
163 Op. cit., pág. 23;
164 Fernando Távora, *Da organização do espaço*, pág. 11;
165 Ignasi de Sola-Morales, teorías de la intervención arquitectónica, *Intervenciones*, pág. 32;
166 *"(...) por un lado, en principio debe preferirse la conservación a cualquier operación más compleja, es decir, que en los edificios históricos son preferibles siempre las operaciones más sencillas a las más complejas; si es posible una simple repintada, para decirlo de una manera caricaturesca, que no se hagan obras; y si es necesario hacer obras, debe evitarse, a ser posible, que sean de estructura y, si lo son, que afecten lo menos posible a los componentes más generales, etc. Es decir, la ley de la mínima intervención en el edificio como primer criterio de conservación."*, Ignasi de Sola-Morales, teorías de la intervención arquitectónica, *Intervenciones*, pág. 27;
167 Op. cit., pág. 18;
168 Op. cit., pág. 21;

42. Intervenção de Carlo Scarpa, Museu Cívico de Castelvecchio, escadaria, Verona, 1959-1973;

profundas de uma forma desregrada, na medida em que, na realidade, conservar alguns elementos antigos permite não fazer desaparecer a herança histórica e identificar, facilmente, a interdependência entre a nova intervenção e a estrutura pré-existente, bem como a sua justaposição. Intervir sobre o construído, salvaguardando a estrutura física existente: *"(...) esta intervención consiste en superponer con toda su contundencia y rigor el nuevo modelo al edificio existente, modificándolo sin duda, cambiándole el sentido, pero sin aniquilarlo, sin negarlo del todo."*[169]. As modificações técnicas e a introdução de uma nova arquitectura são sensatas se, no limite, não adulterarem o carácter do edifício existente. Aceitar a realidade existente e entender o projecto com base nessas estruturas é, também, dar continuidade ao passado histórico.[170] Neste sentido, o termo renovação ou reinterpretação prevêem, note-se, a interpretação *"(...) pura e simples das estruturas físicas existentes como condição apriorística da adaptação das cidades herdadas às "necessidades da vida moderna"."*[171]. A importância dos edifícios históricos e testemunho de memórias colectivas, ainda que desenquadrados, deve ser tida em conta no exercício de adaptação às necessidades habitacionais contemporâneas que prevê, então, a contabilização e integração dessas estruturas. Integrar um elemento actual em contexto histórico e interligá-los revela, nesse sentido, uma sensibilidade conjuntiva e uma congruência compositiva entre a nova arquitectura e a pré-existência, como afirma Nuno Portas quando refere que *"De facto, a chave do êxito da intervenção na cidade existente está na capacidade de conjugar diversos agentes e diversos níveis de actuação num processo que é eminentemente horizontal."*[172].

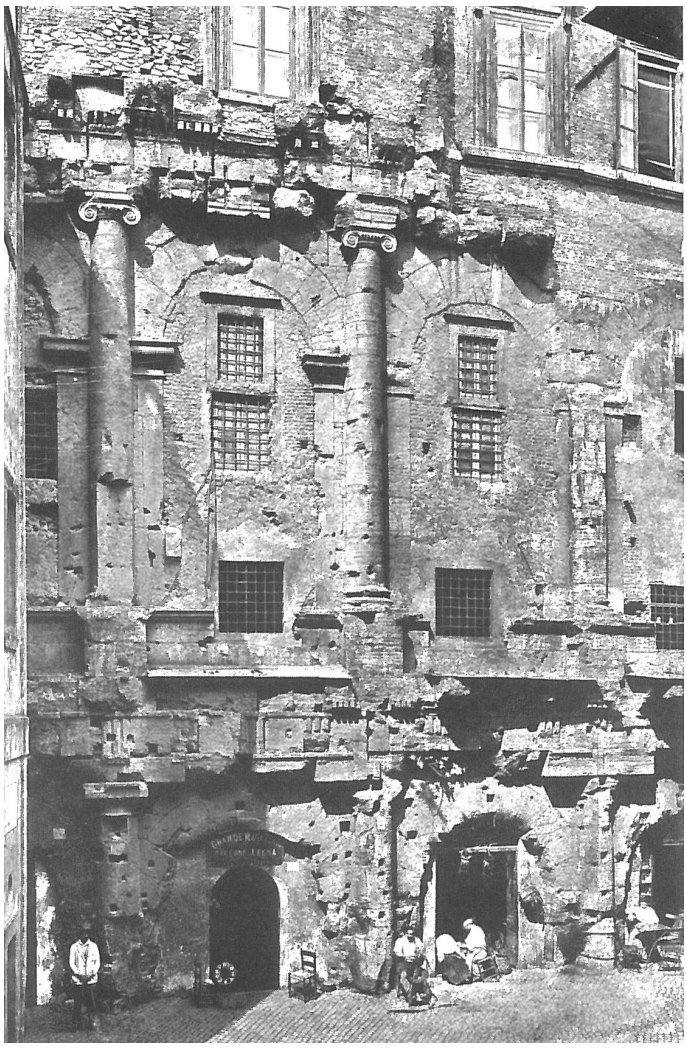
> *"Layering is part of our day-to-day perception, based on the simultaneous existence of objects of different age and provenance. Added to this, there are traditions, connection, and memories that give our daily existence an historic dimension."*[173]

Há uma intenção clara de adaptar e trabalhar, em conjunto, a arquitectura contemporânea e a arquitectura antiga. No entanto, essa premissa não supõe uma reinterpretação dos valores e características de cada período. É no contraste genuíno que o próprio desfasamento temporal evidencia que se identifica a analogia e aproximação entre as duas abordagens, sobretudo, na forma como se completam e como a nova arquitectura reinterpreta e se assemelha à anterior fazendo uso, logicamente, de uma linguagem actual.

---

169 Ignasi de Sola-Morales, teorías de la intervención arquitectónica, *Intervenciones*, pág. 20;
170 *"Lo construido obliga a admitir la continuidad con el pasado, (...) Continuidad que, sin embargo, no siempre se establece en términos contextuales, en términos de completar el marco de actuación existente, sino en términos de entender el proyecto, su especificidad, desde una estricta clave arquitectónica implícita en la asunción de la realidad existente."*, Rafael Moneo, Construir sobre lo construido, retirada da transcrição da conferência celebrada a 20 Fevereiro 2004 na sala de actos do CoAC – Tarragona;
171 Nuno Portas, Notas sobre a intervenção na cidade existente, *Sociedade e Território*, nº2, pág. 8;
172 Op. cit., pág. 10;
173 Anne-Catrin Schultz, *Carlo Scarpa: Layers*, pág. 7, (disponível em: https://issuu.com/tasostheodorakakis/docs/scarpa_comp);

43. Teatro de Marcellus, Roma, por volta de 1880;



"[...]
A bela cidade, digo,
Não é a que é vista,
Mas a que outrora foi,
Cujas relíquias,
Torres e velhos fragmentos
Muralhas magníficas
Dão ainda alguns indícios
Da grandeza das antigas."[1]

1 J. Pineton, citado por Françoise Choay, Alegoria do Património, pág. 160*161;

Intervir em situações de carácter histórico exige, desta forma, uma interpretação sóbria do contexto e uma chamada de atenção para a questão da adaptabilidade. Os valores históricos da arquitectura devem, por isso, ser vistos como algo que pode servir de base à sua própria reintegração. Qualquer elemento antigo representa uma estabilidade maior naquilo que é o seu significado enquanto património, sendo que, por consequência, a sua aquisição e reinterpretação por parte da cidade actual e o diálogo físico estabelecido por esta última com a história e as pré-existências são intencionais. A intervenção moderna vista, desta forma, como um passado reciclado que não pode se isolar da sua própria biografia: *"(...) la memoria no empequeñece la creación (...)"*[174]. De certo modo, quando recuperamos algo que foi construído no passado é porque consideramos, instintivamente ou não, que essa composição poderá ter ainda relevância no presente. Por isso, as construções de carácter histórico são, não raras vezes, reconhecidas pela contemporaneidade *"(...) como matriz teórica de nuestra arquitectura, como patrimonio de formas que nosotros debemos retomar, continuar, transformar; (...)"*[175]. Há diferentes formas de olhar e interpretar um valor arquitectónico antigo, assumindo-se como prioritária, por um lado, a necessidade de preservar a utilidade e o carácter do objecto e, por outro, de restaurar a estrutura física do edifício de forma a combater a degradação progressiva.

> *"Se persigue así una arquitectura que, reconociendo el peso de las estructuras formales del pasado, no renuncie a la incorporación del lenguaje contemporáneo, ni en técnicas ni en estética."*[176]

Por outras palavras, Francisco de Gracia fala, também, na indissociabilidade entre a nova arquitectura e a necessidade de salvaguardar as estruturas que ordenam o passado histórico como forma de conservar a identidade histórica de um lugar específico, quando refere que *"(...) se reconoce la posibilidad de encontrar una arquitectura de nuestros días vinculada a las circunstancias locales de los centros históricos; (...) La operación (...) tiene como objectivo mantener – e incluso reforzar – la identidad histórica del lugar."*[177]. A relação com o sítio ganha outro relevo, dado que se assume como prioritário vincular a arquitectura contemporânea ao contexto do lugar e integrá-la na paisagem. O reconhecimento da importância do contexto, especialmente em exercícios teóricos e de projecto que discutam a intervenção e reconversão das pré-existências, e a adaptação às circunstâncias do lugar revelam perspicácia, mas também, sobretudo, sensibilidade na interpretação do sítio, bem como motivam o estabelecimento de uma rara simbiose entre arquitecturas contrastantes.[178]

---

174 Francisco de Gracia, *Construir en lo construido*, pág. 105;
175 Daniele Vitale, Centro histórico y transformación de la ciudad, *Proyecto y ciudad histórica*, pág. 47;
176 Rafael Moneo, de la memoria del proyecto, *Arquitectura*, nº271-72, pág. 35;
177 Francisco de Gracia, *Construir en lo construido*, pág. 233;
178 Incorporar a malha tradicional no exercício da contemporaneidade;

O existente fica, dessa forma, incorporado na nova proposta, *"facilitando a transição figurativa"*[179] entre o antigo e a nova construção.

Todo o projecto é influenciado pelo lugar da intervenção.[180] O contexto é, de certa forma, quem conduz o exercício de projecto. A proposta deve, por isso, submeter-se à pré-existência, estabelecendo uma congruência entre o sítio e a intervenção. A partir das circunstâncias locais, deve intervir em concordância. Nesse sentido, qualquer intervenção modificadora deve ter o cuidado de preservar as características principais do lugar, de não adulterar o que ele próprio, já determinado pelos seus próprios limites, representa em si mesmo.[181] Como afirma Manuel Mendes, *""A ideia de lugar, baseada na estabilidade do artifício humano, não impõe uma imagem estática ou conservadora, antes a possibilidade de descrever a sua identidade e compreender o seu carácter"."*[182]. As estruturas físicas existentes são, efectivamente, fundamentais na apreensão do lugar, uma vez que revelam um forte instinto de pertença patente no seu valor histórico, na forma como se revelam intemporais e definem a identidade do sítio. Nessa perspectiva, é a continuidade e permanência das arquitecturas populares e do seu carácter tradicional e primitivo que faz dos aglomerados rurais entidades específicas e singulares, absolutamente integradas no lugar e na paisagem.

A nova arquitectura compromete-se, de forma absoluta, com o princípio da continuidade. Construir sobre o construído é pensado em concordância com o contexto do lugar no qual se intervém.

---

179 Francisco de Gracia, *Construir en lo construido*, pág. 226-28;

180 *"(...) la actuación de la arquitectura desde una consideración crítica respecto al lugar donde se interviene y a las condiciones que este lugar ofrece."*, Ignasi de Sola-Morales, teorías de la intervención arquitectónica, *Intervenciones*, pág. 18;

181 A restauração de uma pré-existência está, de certa forma, condicionada pelos limites formais do edifício original. Ainda assim, a intervenção moderna não deve denunciar inferioridade relativamente ao antigo;

182 Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, pág. 14;

44. Casa de férias em Briteiros, Fernando Távora;

45. Casa de férias em Briteiros, Fernando Távora;

3. DAS INTERVENÇÕES

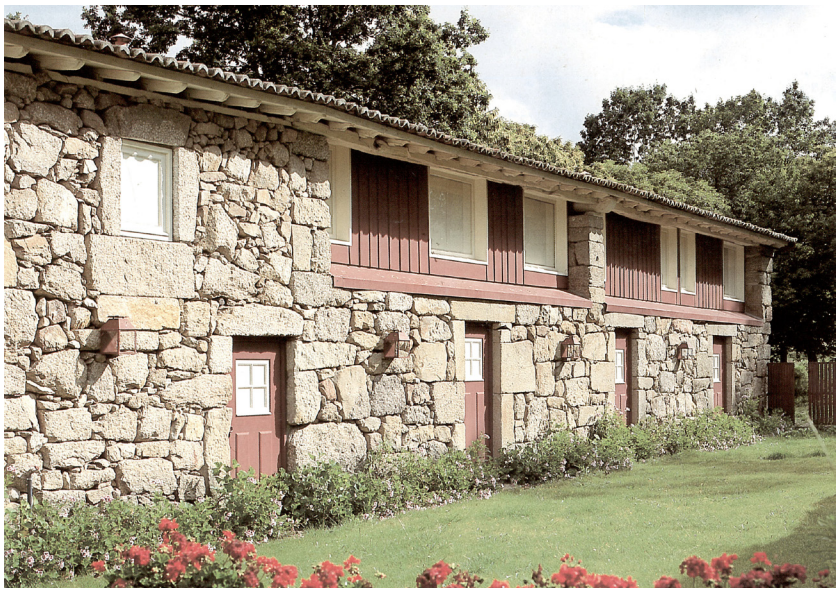
3.1. Das intervenções dos outros

Casa de Férias em Briteiros, Guimarães
Fernando Távora

Perante um abandono cada vez mais evidente e gradual dos campos de cultivo e a renúncia de um território e edificado, logicamente, inadaptados às necessidades do mundo actual, a antiga casa agrícola situada em Briteiros, Guimarães – no sopé da citânia de Briteiros – e a *"(...) sua recuperação a partir duma requalificação do seu desenho"*[183] deu origem, pela mão do arquitecto Fernando Távora, a uma casa de férias. Contudo, o processo que a conduziu ao que é hoje – um único edifício – assistiu ao reconhecimento de algumas limitações e necessidades, determinadas, sobretudo, pela passagem do tempo e falta de espaço, que, faseadamente, foram sendo colmatadas *"(...) através de novas contribuições que mantêm, em cada caso, um espírito comum."*[184]. O conjunto de intervenções feitas ampliou e, sobretudo, redimensionou o edificado, sendo que a estratégia adoptada tinha previsto *"(...) tratar os valores da modernidade e da tradição de forma contrastante"*[185], *"(...) inserir dialecticamente a sua arquitectura"*[186] e dar continuidade ao desenho existente através, ainda assim, de um olhar inovador e adaptado às circunstâncias actuais exigidas pelo novo uso que lhe seria dado. Os materiais, pelas suas características díspares, evidenciar-se-iam mutuamente. Novos usos apropriar-se-iam, de certa forma, de espaços que se mantêm idênticos aos originais e, nesse sentido, facilmente identificáveis.[187]

183 José Bernardo Távora, *Fernando Távora: percurso : a life long trail*, pág. 22;
184 Op. cit., pág. 22;
185 Op. cit., pág. 21;
186 Op. cit., pág. 22;
187 O desenho, para Fernando Távora, assenta *"(...) na compreensão crítica da dimensão espacial – forma, escala, significado – do sítio físico da intervenção."*, Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, pág. 12;

46. Casa de férias em Briteiros, Fernando Távora;



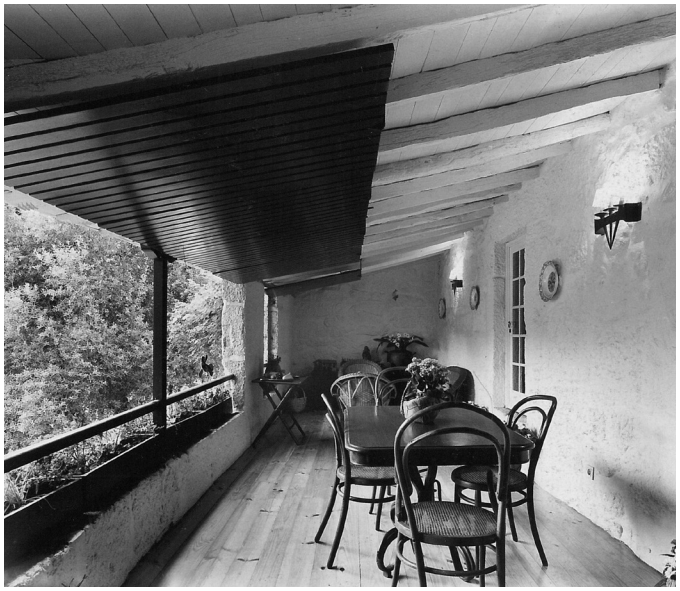
47. Casa de férias em Briteiros (planta dos pisos 1/2), Fernando Távora;

Dentro dessa perspectiva, Fernando Távora promove *"(...) a manutenção, no edifício actual, de uma escala e de um ritual de espaços que, traduzindo a presença de um passado que seguramente não volta, aqui se recordam e se mantêm pela actualidade do seu significado e pela sua capacidade de identificação."*[188].

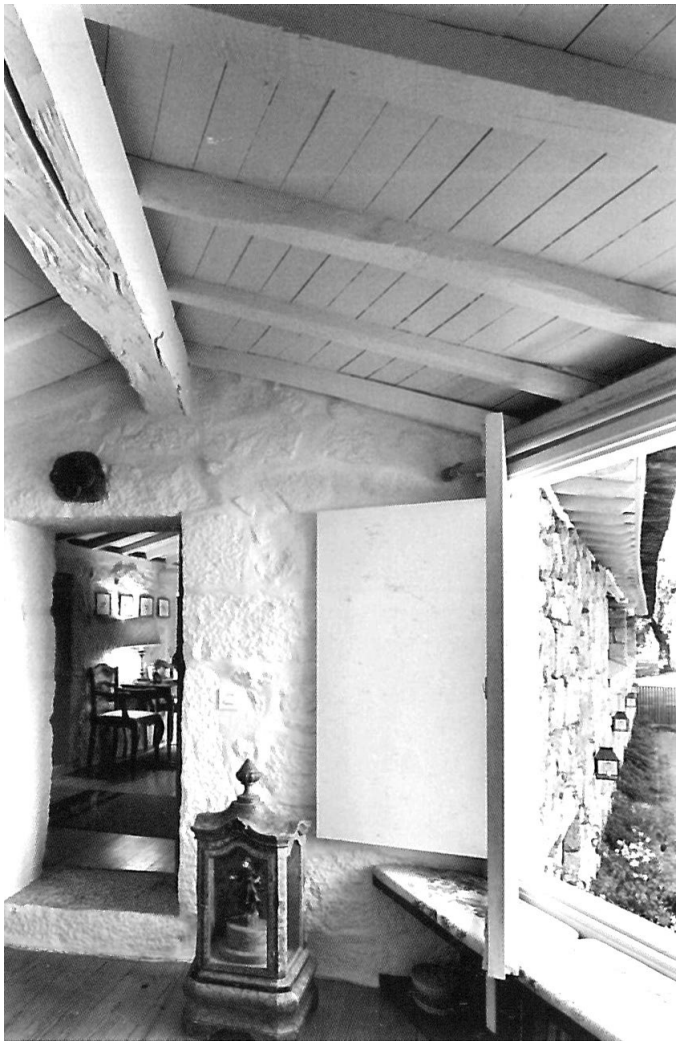
A nova casa de férias em Briteiros distribui-se em dois pisos, sendo, sobretudo na distribuição e organização programática, muito semelhante ao cenário proposto para o objecto de estudo desta Dissertação. Virada a sul, no piso inferior – nivelado com o pátio – encontram-se dois quartos com casas-de-banho, uma sala e a lavandaria. Todas estas divisões têm entrada directa pelo exterior, além, naturalmente, do corredor de ligação interior que também lhes dá acesso. O coberto e o lagar, por sua vez, não se abrem para o pátio central. Localizados sob os espaços sociais da casa de férias e virados a poente, dado que servem diferentes fins, a simultaneidade das lides domésticas e agrícolas – na forma como se conjugam e funcionam como um objecto único – é, ainda assim, evidente, resultando numa composição equilibrada. No piso superior, a divisão entre os espaços privados e as áreas sociais é, manifestamente, notória. Os quartos, as casas-de-banho que lhes estão, em igual número, associadas e a casa-de-banho de apoio desenham a parcela principal do edificado, enquanto que a sala de estar – esta funciona como espaço de transição – e a de jantar, a cozinha e a varanda completam o conjunto. A torção do edificado abraça o pátio, elemento organizador do espaço em torno do qual se implantam os volumes. Através dele procura-se trazer a natureza para o interior do edifício. A arquitectura conquista o seu lugar, virando-se para dentro e as costas para a rua, e constrói paisagem. Quanto ao limite exterior original do edificado, este foi mantido como forma de salvaguardar a identidade e o carácter da pré-existência, *"(...) afirmando mais as semelhanças e a continuidade do que cultivando a diferença e a ruptura."*[189]. Pretende-se, em todo o caso, que o desenho actual seja *"profundamente estimulado pelas pré-existências."*[190]. O desenho de Fernando Távora, segundo Nuno Portas e Manuel Mendes, assenta numa *"íntima solidariedade entre a paisagem e a razão artificial do tempo: conservar e construir são momentos de um mesmo método na transformação dos edifícios, garante de vida é o respeito pela sua identidade arquitectónica, continuando-a, inovando-a"*[191].

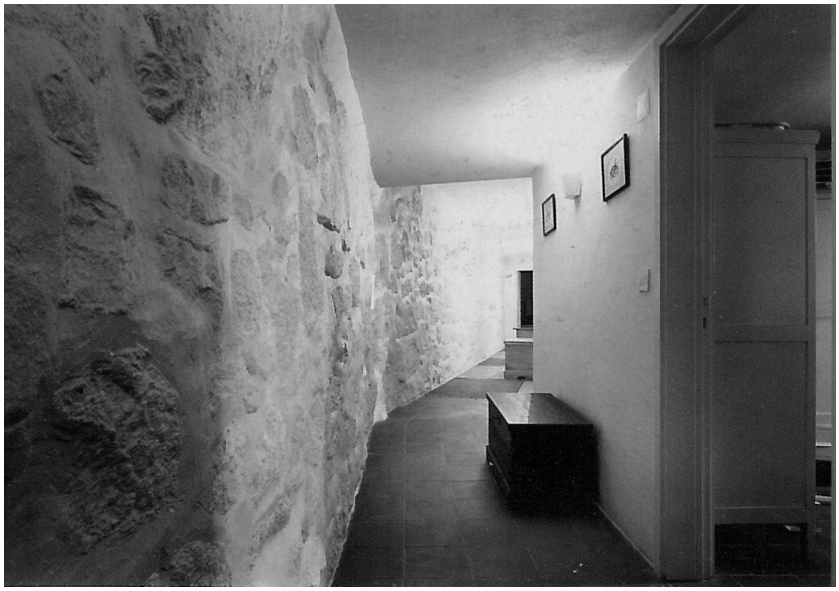
188 Fernando Távora, Pousada de Santa Marinha da Costa, *Arquitectura*, citado por Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, pág. 11;
189 Fernando Távora, Pousada de Santa Marinha da Costa, *Arquitectura*, citado por Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, pág. 11;
190 Alcino Soutinho, Intervenção no antigo Hospital da Santa Casa da Misericórdia, Viana do Castelo, *A intervenção no Património. Práticas de Conservação e Reabilitação*, pág. 125;
191 Nuno Portas e Manuel Mendes, citados por José Bernardo Távora, *Fernando Távora: percurso : a life long trail*, pág. 20;

48. Casa de férias em Briteiros (varanda das áreas sociais), Fernando Távora;



49. Casa de férias em Briteiros (sala de estar), Fernando Távora;

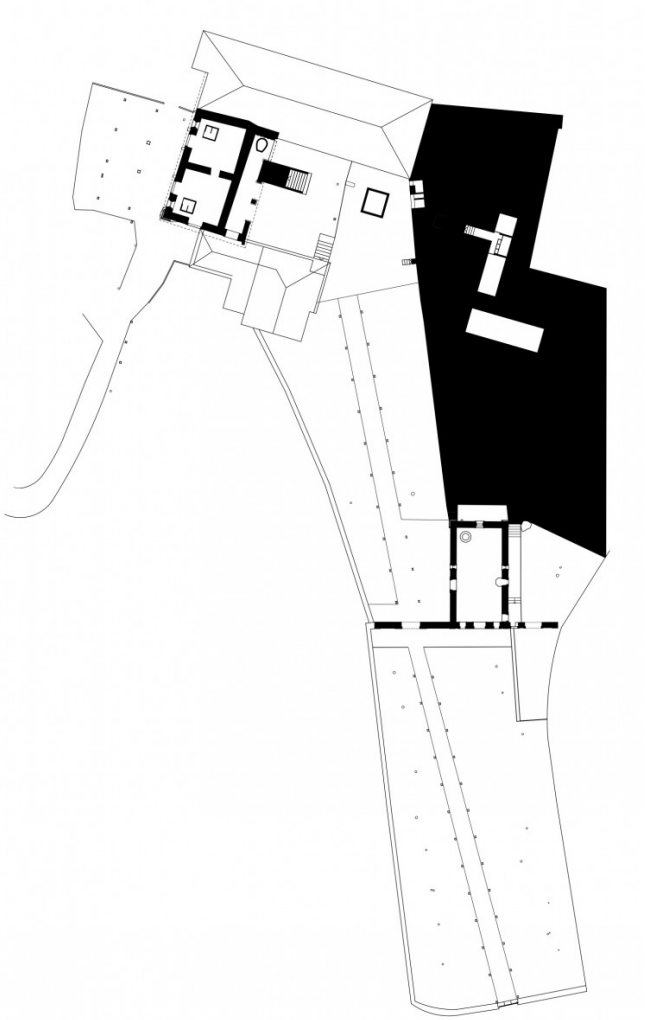




50. Casa de férias em Briteiros (corredor de acesso aos quartos), Fernando Távora;

51. Casa de férias em Briteiros (cozinha), Fernando Távora;

52. Quinta de Bouçós, Nuno Brandão Costa;



Reabilitação da Quinta de Bouçós, Alto Minho
Nuno Brandão Costa

Desde sempre conhecido pelo arquitecto, o lugar da intervenção, situado entre Valença e Monção, no Alto Minho, encontrava-se numa absoluta necessidade de ser revisto e recuperado, fruto da perda do seu significado e carácter resultante da violenta degradação da qual terá sido alvo, por força da passagem do tempo. *"O terreno da quinta, além da vinha, era um mato."*[192], bem como as construções que a ele pertencem e que, por essa altura, estavam prestes a cair, abandonadas ou sem condições.

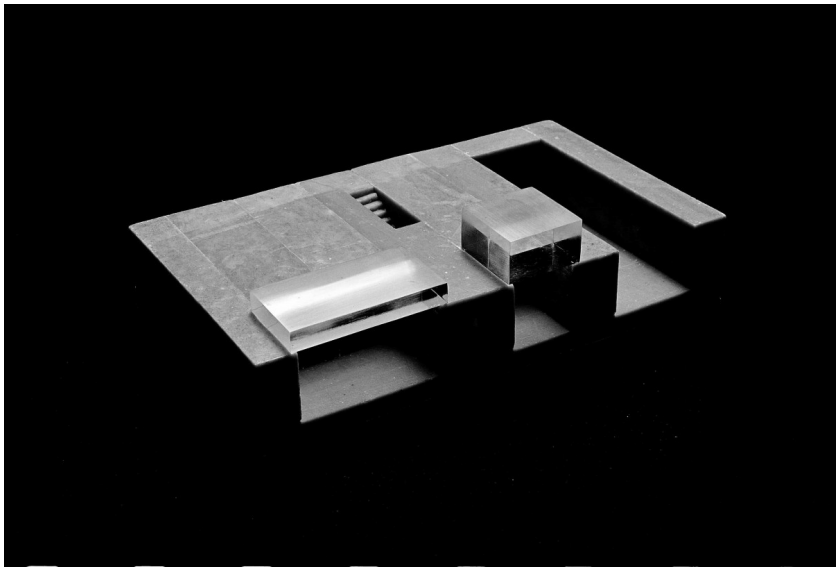
Nessa perspectiva, a Quinta de Bouçós foi objecto de três intervenções arquitectónicas, duas que pressupunham uma reconstrução integral – nomeadamente a capela, assumido que estava o risco de colapsar – e uma proposta moderna, isolada das outras, para uma *"casinha"*[193], como lhe chamou o arquitecto, diluída no terreno inclinado, escavada e significativamente curta, mas, ainda assim, capaz de adicionar ao conjunto dois quartos-alcovas, uma casa-de-banho e uma piscina, elementos fundamentais *"para um sítio que sempre foi de férias"*[194]. Esta pequena casa, que se desenvolve no alinhamento da casa-mãe – ver os lanços de escadas –, serviria de complemento à função da casa senhorial, funcionando, também, quase como um elo de ligação abstracto – fruto das clarabóias, único elemento visível do exterior, ao nível do jardim – entre os dois edifícios históricos, a capela e a casa principal. Com origem no século XVIII, a capela

192 Proyecto de recuperación de la Quinta de Bouçós, Friestas, Valença do Minho, Nuno Brandão Costa : Arquitectura 1998-2009, *TC Cuadernos*, nº90, pág. 150;
193 *"No desnível existente a poente escavam-se três corpos modulados em betão – um é a piscina e os outros dois são quartos com clarabóias – os dois diferentes em altura, largura e profundidade. Uma "casinha"."*, Proyecto de recuperación de la Quinta de Bouçós, Friestas, Valença do Minho, Nuno Brandão Costa : Arquitectura 1998-2009, *TC Cuadernos*, nº90, pág. 150;
194 Proyecto de recuperación de la Quinta de Bouçós, Friestas, Valença do Minho, Nuno Brandão Costa : Arquitectura 1998-2009, *TC Cuadernos*, nº90, pág. 150;

53. Quinta de Bouçós (casa senhorial recuperada), Nuno Brandão Costa;

54. Quinta de Bouçós (capela a ser recuperada; estrutura reforçada e paredes de granito refeitas), Nuno Brandão Costa;

55. Quinta de Bouçós (clara-bóias), Nuno Brandão Costa;



56. Quinta de Bouçós (maqueta da "casinha"), Nuno Brandão Costa;

57. Quinta de Bouçós (casas-de--banho), Nuno Brandão Costa;

58. Quinta de Bouçós (casas-de--banho), Nuno Brandão Costa;

arruinada foi reconstruída na sua totalidade, mantendo-se, até onde foi possível, o edifício original. Toda a estrutura foi reforçada, sobretudo as paredes em granito, que assumem uma *"(...) presença musculada"*[195] e representam em si, invariavelmente, a memória do tempo passado e do património construído. Além das paredes, também os ornamentos e elementos específicos que participam da composição foram restaurados. O simbolismo desta estrutura está, além da carga histórica que lhe é intrínseca, associado ao facto de funcionar, quase, como porta de entrada no terreno da Quinta, uma vez que é a primeira construção visível quando se chega ao lugar. A casa senhorial, originária do século XVII, já teria sofrido, ao longo do tempo, várias alterações que, mal conduzidas, desvirtuaram a sua essência. Ainda assim, foi recuperada no contexto deste projecto e transformada numa casa moderna, mantendo, no sentido de dar continuidade ao desenho existente, as divisões interiores rigorosamente idênticas às que existiam originalmente. No piso inferior, previamente destinado às adegas e cortes de animais – como, aliás, era habitual neste tipo de construções –, a pedra granítica original manteve-se à vista no interior do espaço. Dois quartos ocuparam, precisamente, as duas divisões. No piso superior, considerado o piso nobre e ao qual a monumental escada dava acesso, as duas divisões, que, inicialmente, repetiam o piso de baixo, foram transformadas numa só. Neste quarto, os acabamentos são substancialmente diferentes. As paredes são, na íntegra, em estuques de gesso e o tecto das coberturas de quatro águas é em madeira pintada. As pequenas caixas revestidas com o mesmo material das paredes, absolutamente descaracterizadas, que pousam, quase de forma aleatória, em cada uma das três divisões que compõem a casa senhorial, estruturam o espaço, ajudam na orientação de quem o percorre e são os elementos que servem, neste caso, de referência para o projecto da Dissertação. *"Três casas de banho no limite do habitável vão pôr a casa a funcionar."*[196], garantindo o conforto necessário e organizando o espaço que, por sua vez, se distribui em função destes frios mas determinantes volumes.

A exigência de uma reabilitação desta dimensão, tendo em consideração, sobretudo, o estado do sítio, conduziu à tomada de decisão, não raras vezes, em obra, fruto de algumas situações pontuais e inesperadas que foram surgindo. Por essa incerteza que teimou em acompanhar o processo, a obra acabou por tomar conta do projecto. Evocando Fernando Távora, depois de concluído o projecto e obra de reabilitação da casa da Covilhã:

> *"(...) De há muito que nos conhecíamos*
> *Porém agora conhecemo-nos melhor e ambos estamos diferentes."*[197]

---

195 Manuel Mendes, em *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, pág. 15;
196 Proyecto de recuperación de la Quinta de Bouçós, Friestas, Valença do Minho, Nuno Brandão Costa : Arquitectura 1998-2009, *TC Cuadernos*, nº90, pág. 150;
197 Fernando Távora na memória descritiva da casa da Covilhã, Proyecto de recuperación de la Quinta de Bouçós, Friestas, Valença do Minho, Nuno Brandão Costa : Arquitectura 1998-2009, *TC Cuadernos*, nº90, pág. 150;

59. Palheiros de São Dâmaso, Atelier 15;

Palheiros de São Dâmaso
Atelier 15

Reinterpretado pelos arquitectos Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez no ano de 1999, o grupo de palheiros de São Dâmaso, em Idanha-a-Velha, no concelho de Idanha-a-Nova – implantado, precisamente, no lado exterior da muralha romana de Idanha-a-Velha – deu lugar a oficinas de arqueologia e residência para estudantes. Esta estrutura de apoio aos trabalhos arqueológicos que se realizavam com alguma frequência, influência da muralha e vestígios de outras construções de origem romana, revelar-se-ia, imprevisivelmente, um espaço *"muito mais rico de implicações formais e de conteúdo."*[198]. O projecto teve, nesse sentido, que ser reconsiderado, fruto dos trabalhos de pesquisa arqueológica feitos no local que destaparam vários vestígios romanos pré-existentes, entre os quais a *"(...) base da muralha romana, incluindo um torreão semicircular, e uma área do seu extradorso mostrando um belíssimo aparelho"*[199]. A área ocupada pela muralha, ao permanecer intacta, teria que ser subtraída à área total disponibilizada previamente, o que terá encurtado o programa proposto e aumentado, significativamente, o grau de complexidade do projecto. No piso inferior, onde originalmente se distribuíam os palheiros, *"foi possível criar quatro espaços laboratoriais."*[200]. Este projecto do Atelier 15 corresponde, apesar de tudo, a uma abordagem que não se desprende do carácter rural da pré-existência nem desvirtua as características que lhe conferem uma identidade própria, o que, mais uma vez, se explica pela preservação dos vestígios da muralha, mas também pela escala dos espaços, visivelmente adaptados a outras práticas, pela imagem exterior dos palheiros, restaurada mas continuada na materialidade que

198 Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez, Palheiros de S. Dâmaso, *Atelier 15*, pág. 72;
199 Op. cit., pág. 72;
200 Op. cit., pág. 74;

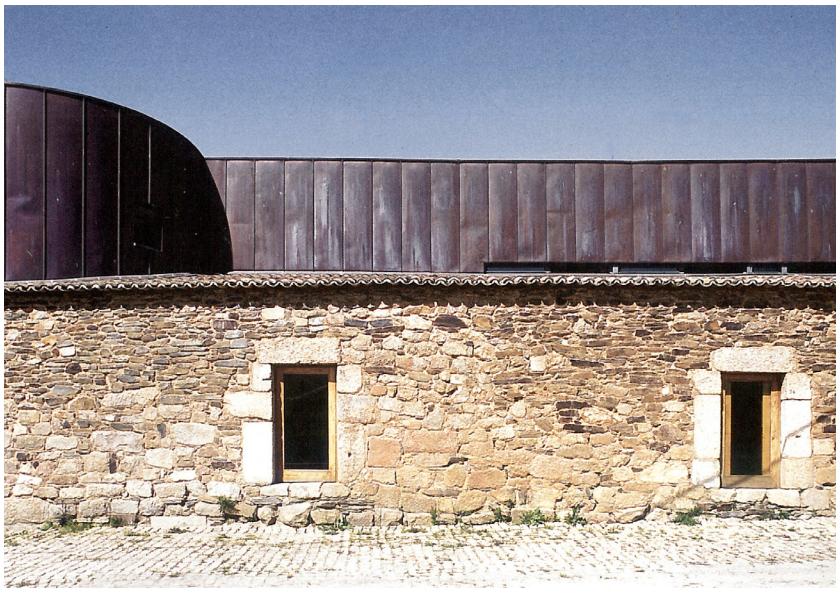
60. Palheiros de São Dâmaso (base da muralha), Atelier 15;

61. Palheiros de São Dâmaso (espaços laboratoriais), Atelier 15;

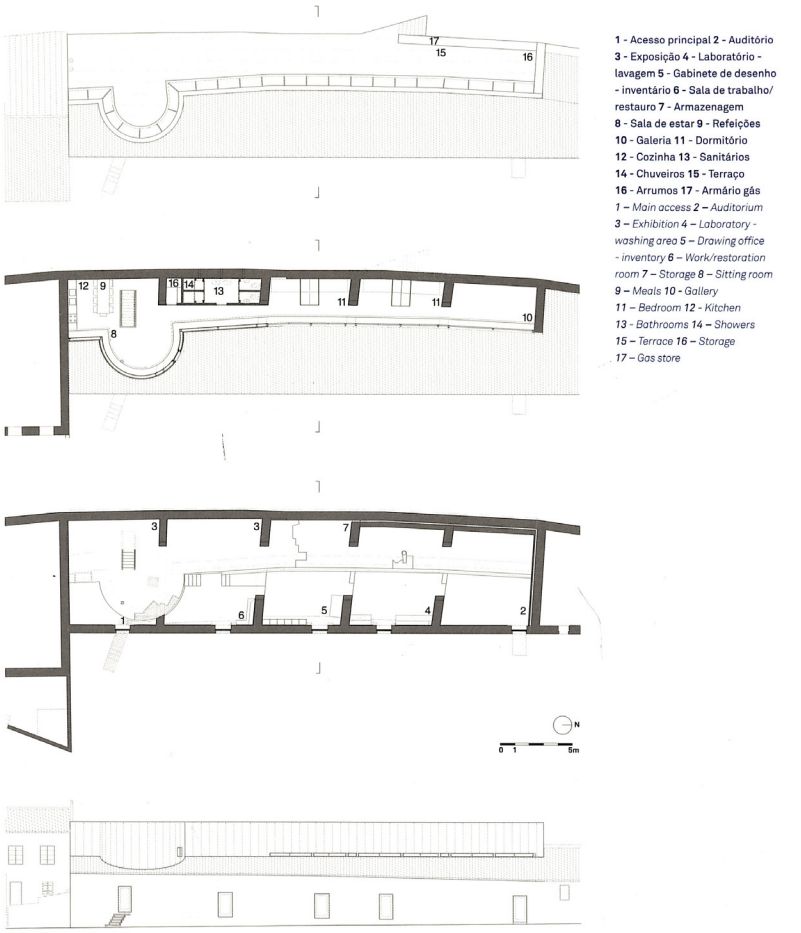
62. Palheiros de São Dâmaso (torreão semicircular, base da muralha), Atelier 15;

63. Palheiros de São Dâmaso (rasgo de luz/ corredor de acesso às alcovas), Atelier 15;

64. Palheiros de São Dâmaso, Atelier 15;



65. Palheiros de São Dâmaso (plantas dos pisos), Atelier 15;



1 - Acesso principal 2 - Auditório 3 - Exposição 4 - Laboratório - lavagem 5 - Gabinete de desenho - inventário 6 - Sala de trabalho/ restauro 7 - Armazenagem 8 - Sala de estar 9 - Refeições 10 - Galeria 11 - Dormitório 12 - Cozinha 13 - Sanitários 14 - Chuveiros 15 - Terraço 16 - Arrumos 17 - Armário gás
1 – Main access 2 – Auditorium 3 – Exhibition 4 – Laboratory - washing area 5 – Drawing office - inventory 6 – Work/restoration room 7 – Storage 8 – Sitting room 9 – Meals 10 - Gallery 11 – Bedroom 12 - Kitchen 13 - Bathrooms 14 – Showers 15 – Terrace 16 – Storage 17 – Gas store

apresenta, e pela manutenção da modulação interna que, inicialmente, separava os palheiros e setorizava o espaço. A conservação destas paredes – não obstante terem sido abertas, por força da continuidade da base da muralha, para permitir a comunicação interior – em simultâneo com a permanência dos vestígios romanos, que participam de forma clara no processo, são, efectivamente, duas atitudes que, pelas suas características manifestamente distintas, se evidenciam mutuamente. É, por outras palavras, um confronto de intenções, de certa forma, autónomas, mas que se revelam compatíveis.

> *"(...) além dos espaços laboratoriais, a existência de um dormitório, uma pequena cozinha, zona de estar e instalações sanitárias e banho."*[201]

O acesso ao piso de cima faz-se por uma escada que se encontra à cota da base da muralha. Revestido a chapa de cobre, o piso superior, ocupado pelo programa residencial, corresponde, em área, à projecção exacta da base da muralha, funcionando, quando visto do exterior, quase como uma modelação tridimensional desta última: *"No seu interior passa um troço de muralha com uma torre semicircular, que a chapa de cobre encena."*[202].

> *"O pavimento deste piso tem um rasgo, com correspondência na cobertura, que permite uma entrada de luz zenital que incide privilegiadamente sobre a base romana, enfatizando a sua forma e a textura dos materiais que a constituem."*[203]

O piso da cobertura é praticável, promovendo uma relação directa do edifício com a paisagem.

As duas intenções previstas no programa proposto são manifestamente distintas e, nessa perspectiva, deveriam ser autónomas uma da outra, o que explica os dois pisos e a distribuição programática – ainda que a luz que atravessa verticalmente o edifício seja um elemento que articula e uniformiza a composição, também ela pensada e trabalhada no sentido de garantir a atmosfera pretendida. A autonomia das duas abordagens está, também, patente no revestimento exterior que é dado a cada um dos pisos, visivelmente diferente.

O objectivo dos arquitectos responsáveis por este projecto e que, aliás, está patente no resultado final, prende-se, desta forma, com a introdução conjunta de elementos que tivessem, citando-os, *"(...) um significado múltiplo, antropológico e/ou histórico"*[204], assumindo a presença de uma

---

201 Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez, Palheiros de S. Dâmaso, *Atelier 15*, pág. 72;
202 (disponível em: https://www.continuandoaprocura.com/aldeia-historica-idanha-a-velha/);
203 Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez, Palheiros de S. Dâmaso, *Atelier 15*, pág. 74;
204 Op. cit., pág. 74;

66. Palheiros de São Dâmaso, Atelier 15;

identidade forte, e da contemporaneidade visível nos novos usos e nos novos materiais.

> *"(...) each project will always belong to a culture or to a tradition, defining a perimeter of action, an hypothesis of delineation, a field of reference within which the materials of the project will be excavated and made meaningful."*[205]

E Fernando Villanueva Sandino acrescenta:

> *"(...) utilizamos a poesia para compreender o recurso ao passado como material de construção ou inspiração. (...) com a cidade do passado, pedras e memórias; com as aspirações do presente, vai dando os passos para conformar essa cidade do futuro (...)"*[206]

205 Sebastiano Brandolini, Pierre-Alain Croset, Strategies of modification 3, Architettura come modificazione, *Casabella*, nº498/99, pág. 78;

206 Fernando Villanueva Sandino, Construir sobre el Passado, *Rehabilitación y Ciudad Historica*, citado por Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, pág. 1;

67. Reconversão de um Palheiro, João Mendes Ribeiro;

68. Reconversão de um Palheiro, João Mendes Ribeiro;

Reconversão de um Palheiro, Cortegaça
João Mendes Ribeiro

Sem perder a identidade da estrutura arquitectónica original[207], construção tradicional e nitidamente elementar, o projecto de reconversão de um palheiro arruinado, da autoria do arquitecto João Mendes Ribeiro, propõe-se, sobretudo, a recuperá-lo, qualificando os espaços e integrando o objecto no lugar, na paisagem e na composição da qual fazem parte, também, a casa-mãe e o corredor de ligação. Este último, outro elemento novo que acompanha a recuperação do antigo palheiro, funciona como uma galeria dissimulada da rua – substitui o muro de fecho do logradouro – que é, naturalmente, perceptível a partir do interior do lote e que liga, internamente, a casa existente ao edifício restaurado.

> *"Há um túnel de ligação entre a casa-mãe e o palheiro que, pontualmente, tem uma saída para o exterior e que funciona também como túnel-garrafeira; associámos ao túnel a ideia de garrafeira."*[208]

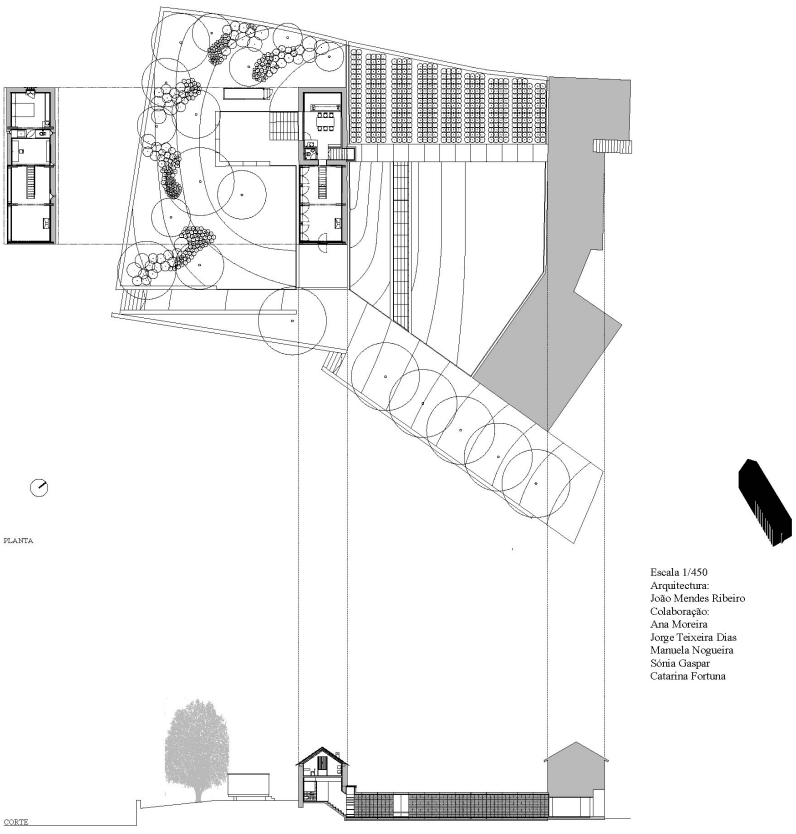
Na chegada ao terreno, um primeiro contacto visual com a globalidade do conjunto arquitectónico antecede o acesso ao palheiro. Recuperado e transformado numa pequena habitação unifamiliar contemporânea, *"(...) de volumetria pura, simples e bem dimensionada"*[209], este antigo

207 O restauro de um edifício antigo deverá manter os sistemas construtivos utilizados, recorrendo a soluções adequadas, às técnicas de construção tradicionais e, consequentemente, salvaguardando o significado histórico do edifício;
208 João Mendes Ribeiro, (disponível em: https://espacodearquitetura.com/videos/arq-3-casareport-reconversao-de-um-palheiro-joao-mendes-ribeiro/);
209 Jorge Alves, Reconversão de um Palheiro em Cortegaça / João Mendes Ribeiro, *ArchDaily Brasil*, (disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/01-49428/reconversao-de-um-palheiro-em-cortegaca-joao-mendes-ribeiro);

69. Reconversão de um Palheiro, João Mendes Ribeiro;

70. Reconversão de um Palheiro, João Mendes Ribeiro;

71. Reconversão de um Palheiro (vista do espaço de escritório), João Mendes Ribeiro;



72. Reconversão de um Palheiro, João Mendes Ribeiro, (ver anexo);

73. Reconversão de um Palheiro, João Mendes Ribeiro;

74. Reconversão de um Palheiro (sala de estar de altura dupla), João Mendes Ribeiro;

palheiro de desenho minimalista procura, na medida do possível, conservar a estrutura original de uso pré-existente, pondo em evidência, de forma articulada e equilibrada, a rígida e austera simplicidade típica das construções tradicionais do campo e o projecto contemporâneo. De facto, a proposta final para a reconversão desta estrutura agrícola confirma, precisamente, essa tentativa de conjugar a permanência das estruturas antigas pré-existentes[210] com a introdução da nova arquitectura e acabamentos contemporâneos que se propõem, transformando *"(...) aquilo que era absolutamente necessário para dar-lhe um novo uso."*[211]. Nesse sentido, o efeito contrastante promovido pela simultaneidade de materiais absolutamente distintos, na cor e na textura, é, certamente, intencional. O material predominante do edifício é a madeira que, no exterior, filtra os raios solares que incidem no edifício e contrasta com a cor escura e a solidez da pedra de xisto e com a telha na cobertura. Como revestimento interior, proporciona uma atmosfera mais quente e confortável, sendo que o branco das paredes e tectos é a cor dominante.

Situado em Mortágua, Cortegaça, este projecto, não obstante o desenho regular e sóbrio, perceptível do exterior, condicionado pela intenção de manter as fachadas em xisto originais e de recuperar a cobertura de telha, que, por sua vez, também limita a invenção contemporânea e compromete a organização interior da habitação, destaca-se, invariavelmente, pelo uso preferencial da madeira no espaço da sala de estar, de duplo pé direito, pela forma como a luz natural entra e atravessa o interior desse mesmo espaço, adicionando-lhe uma dimensão estética e perceptiva, e, sobretudo, pelas relações verticais entre espaços que conectam visualmente e fisicamente a sala de estar, o pequeno espaço de escritório e o quarto, estes dois últimos no piso superior da habitação.

> *"O coração da casa é a sala de estar de altura dupla. Aberto sobre este espaço, numa cota superior, um balcão que funciona como estúdio. À volta do vazio criado, a presença contínua e variável da luz natural, ampliada por um jogo de perspectivas, reflexos e transparências."*[212]

As respectivas instalações sanitárias completam o programa do piso de cima. No piso inferior, a organização espacial concentra-se, em absoluto, nas áreas sociais previstas no programa: a sala de estar, de jantar, a cozinha, uma casa-de-banho de apoio e a escada que dá acesso à galeria.

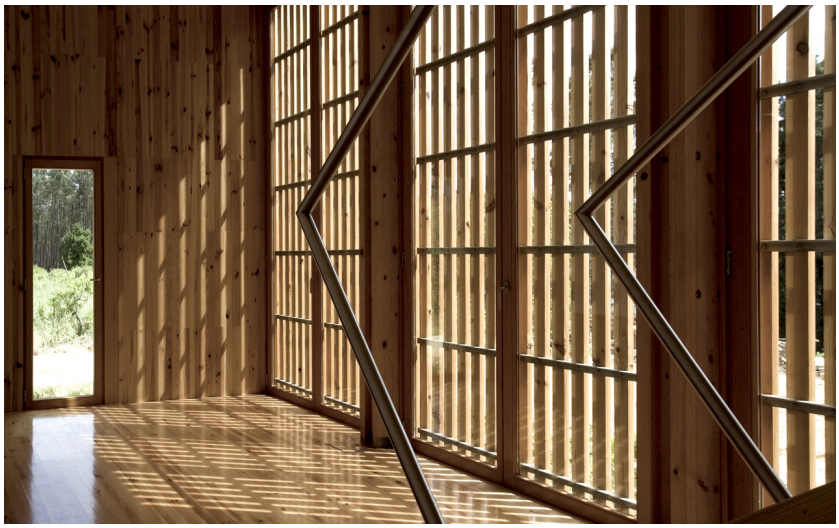
---

210 Desde logo, os antigos paramentos verticais, revestimentos e acabamentos que são, na sua grande maioria, mantidos, bem como os materiais tradicionais;

211 João Mendes Ribeiro, (disponível em: https://espacodearquitetura.com/videos/arq-3-casareport-reconversao-de-um-palheiro-joao-mendes-ribeiro/);

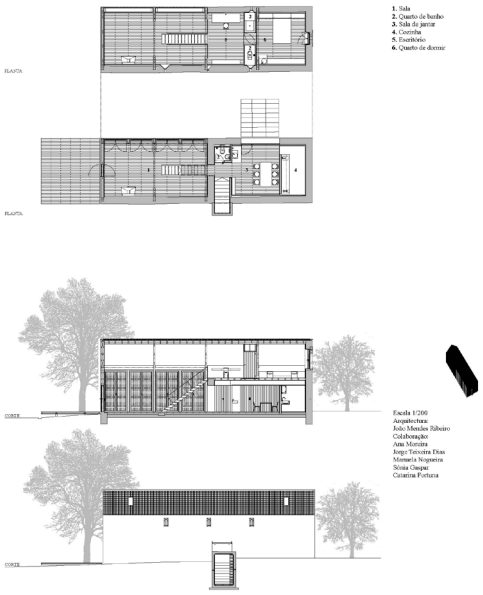
212 Jorge Alves, Reconversão de um Palheiro em Cortegaça / João Mendes Ribeiro, *ArchDaily Brasil*, (disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/01-49428/reconversao-de-um-palheiro-em-cortegaca-joao-mendes-ribeiro);

75. Reconversão de um Palheiro (sala de estar/malha de luz), João Mendes Ribeiro;



76. Reconversão de um Palheiro (sala de jantar), João Mendes Ribeiro;

77. Reconversão de um Palheiro (plantas dos pisos), João Mendes Ribeiro, (ver anexo);



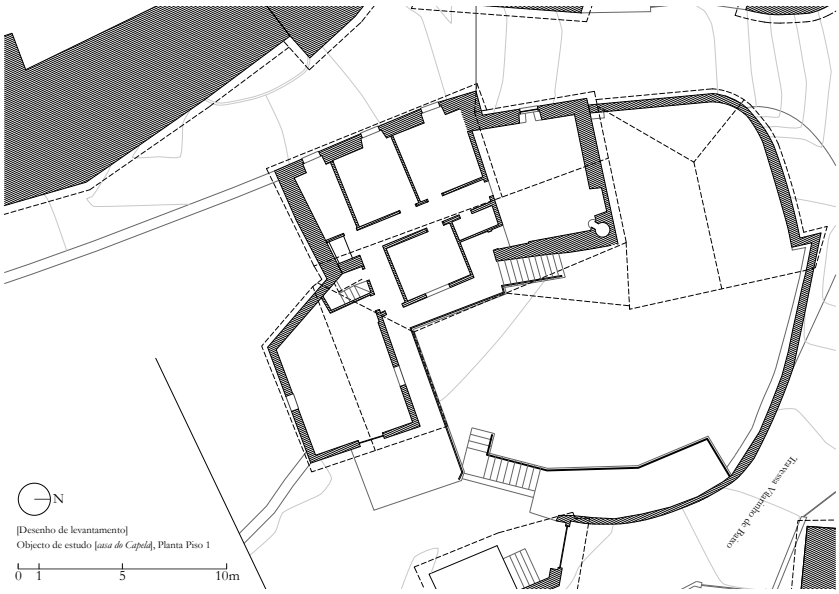
"(...) e como uma área do palheiro era isolada da outra área, fizemos apenas uma passagem, que não existia, e que estabelece também uma relação entre a sala de jantar e a sala de estar."[213]

O acesso ao piso de cima faz-se através de um lanço de escadas estrategicamente posicionado que, ao organizar o espaço da casa e separar convenientemente as áreas privadas das áreas sociais, obriga a uma circulação que se estende a toda a habitação, em função desse posicionamento. Esta escada é um dos elementos do projecto que assume maior protagonismo, à semelhança do grande envidraçado que abre, embora não totalmente, para o jardim e para a paisagem na medida em que se encontra tapado por um ripado de madeira muito leve mas contínuo que condiciona e filtra parcialmente a entrada de luz, trabalhada de formas distintas. As superfícies neutras no exterior não deixam antever a diversidade, a dinâmica e a temperatura do espaço interior, no qual o protagonista é a luz.

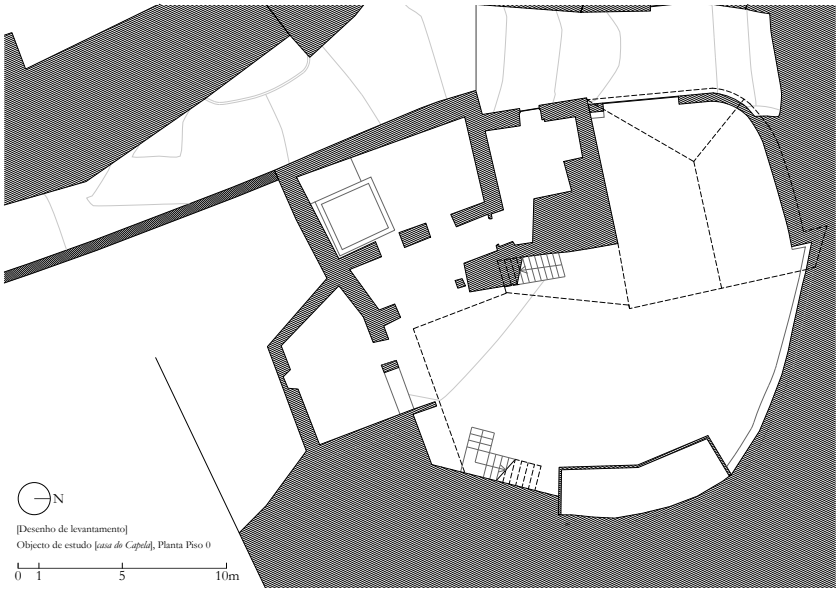
"(...) e isso desenha uma malha de luz no interior, portanto há uma espécie de desenho permanente dessa malha de luz, sobretudo quando existe sol, e que marca também o tempo, a passagem do tempo."[214]

213 João Mendes Ribeiro, (disponível em: https://espacodearquitetura.com/videos/arq-3-casareport-reconversao-de-um-palheiro-joao-mendes-ribeiro/);
214 Op. cit.;

78. *Casa do Capela*, planta do Piso 1, desenho de levantamento;



79. *Casa do Capela*, planta do Piso 0, desenho de levantamento;



3.2. Das hipóteses de intervenção

> *""O que é a arquitetura?". "A infinita repetição da pergunta"! Talvez técnica, talvez arte, talvez processo ou talvez tão só expectativa de sondar, experimentar, determinar gesto e jogo que traduzem, geram, intencionam casa e construção: forma, material, imagem, experiência.*
> *Um projeto-de-arquitectura reside na viagem e no recolhimento de um aprender-conhecer para transformar a realidade que o provoca, que o informa, que o desperta."*[215]

É certo que, neste processo de transformação[216], fazer arquitectura surge como resposta a um sítio que, em si mesmo, condiciona o desenvolvimento do projecto e o resultado final, no qual, por sua vez, também interfere activamente. Nesse sentido, o projecto de arquitectura procura, invariavelmente, estabelecer um importante elo de ligação entre os diversos elementos que formam uma composição, fomentando uma relação de interdependência entre a nova intervenção e a pré-existência[217] que valoriza o conjunto e permite que ambas se alimentem reciprocamente, sem que nenhuma perca autonomia.

> *"Debe entenderse, por tanto, que la continuidad que estas intervenciones procuran no es redundante ni homogeneizadora, pudiendo favorecer la presencia de elementos de excepción que actúen como agentes de una dialéctica reformadora y creativa."*[218]

215 Manuel Mendes, Ficha de trabalho de Teoria 2, *MIARQ*;
216 *"(...) cuando hablamos de intervención, debería entenderse cualquier tipo de actuación que se puede hacer en un edificio o en una arquitectura. Las actuaciones que sean de restauración, de defensa, de preservación, de conservación, de reutilización, etc, todas ellas podrían ser designadas con un término máximamente general que sería justamente el de intervención."*, Ignasi de Sola-Morales, teorías de la intervención arquitectónica, *Intervenciones*, pág. 15;
217 *"Es aquí donde pueden medirse las posibilidades reales de una intervención dialéctica en la que lo nuevo y lo viejo asumen papeles equilibrados, y donde la nueva arquitectura acepta el reto de la historia sin necesidad de retroceder hacia fórmulas expresivas del pasado."*, Francisco de Gracia, *Construir en lo construido*, pág. 225;
218 Francisco de Gracia, *Construir en lo construido*, pág. 310;

A ideia do projecto passa, nessa perspectiva, por conjugar, simultaneamente, os elementos/características da arquitectura tradicional pré-existente e os gestos contemporâneos que definem a nova arquitectura. No entanto, não se pretende que essa combinação seja fragmentária, isto é, que promova uma multiplicidade perceptiva. Pretende-se, sim, que coexistam e que descrevam – apesar de representarem abordagens arquitectónicas heterogéneas – uma arquitectura complementar *"que en todas sus partes a si misma se refiere."*[219]. Uma arquitectura que concilie *"(...) coisas talvez opostas, mas nunca sem relação."*[220]. Que *"(...) vale pelo que é, e pelo que pode ou deseja ser"*[221], na medida em que é continuada para dar um novo propósito ao que existe e, também, ao próprio conjunto arquitectónico. *"Assim, o projectar é antes de mais conhecer, um conhecer para intervir. Conhecer para intervir acreditando que se possa modificar (...)"*[222] está, de certa forma, assente numa estratégia de conhecimento-transformação-modificação que visa, também, integrar o objecto existente, continuando-o e inovando-o. Como reitera Fernando Távora, *"(...) contribuir para a prossecução da vida já longa do velho edifício, conservando e reafirmando os seus espaços mais significativos ou criando espaços de qualidade resultantes de novos condicionamentos programáticos"*[223]. É evidente que a estratégia passa por manter vivo o testemunho histórico através de um exercício de projecto que prevê, no sentido de promover a continuidade do seu uso, o seu restauro e reutilização: *"Não é necessário destruir para transformar. Para a transformar, é necessário e indispensável não destruir a cidade."*[224]. Um projecto de autor requer, entre muitas outras coisas, uma adequação da arquitectura da contemporaneidade ao contexto rural e elementar existente. Uma arquitectura de sobreposições que se pretende absolutamente integrada num determinado contexto. Construir no construído deverá, nesse sentido, privilegiar a integração no lugar e a forma como o objecto se apropria do sítio e se relaciona.

> *"Um edifício deve estar perfeitamente integrado com o lugar, a gente deve senti-lo como próprio: uma arquitectura que permanece no lugar de origem de uma forma natural, não espectacular. Um fazer simples e natural: é uma ideia minha orientadora, muito elementar dada a minha pouca predisposição a intelectualizar."*[225]

Cada circunstância dita o modo como devemos actuar, que será, na sequência deste raciocínio, em função da arquitectura da construção pré-existente, que, por sua vez, limita a invenção

219 Francisco de Gracia, *Construir en lo construido*, pág. 156;
220 Álvaro Siza Vieira, Oito Pontos, *01 Textos*, pág. 27;
221 Op. cit., pág. 27;
222 Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, pág. 7;
223 Fernando Távora, Pousada de Santa Marinha da Costa, *Arquitectura*, citado por Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, pág. 11;
224 Álvaro Siza Vieira, A cidade que temos, *01 Textos*, pág. 20;
225 Fernando Távora, pensieri sull'architettura, *Casabella*, nº678, págs. 14-17, (disponível em: https://www.revista-punkto.com/2016/07/a-relacao-entre-teoria-e-pratica-em.html);

e a criação. Ainda assim, a proposta contemporânea nunca se repete. Cada contexto tem particularidades específicas e o modo como o entendemos desdobra-se, muitas vezes, em múltiplas interpretações e possibilidades de intervenção.

> *"(...) estudar um problema é compreender o problema formulando hipóteses para compreender as suas dificuldades; compreender o problema é conhecer o género de conjectura ou hipótese que cai ao lado da questão, noutros termos, ver as ramificações do problema, dos sub-problemas e a ligação com outros problemas."*[226]

Porque os problemas que se põem também fazem parte deste exercício de pensamento e problematização das várias soluções possíveis, a formulação de hipóteses promove, ao serem analisadas, uma leitura mais concreta do caso e objecto de estudo – a *casa do Capela*.

O projecto de arquitectura como uma obra contemporânea indissociável da herança histórica edificada que, através de uma correcta e equilibrada concretização volumétrica, interage com o património construído, participa nele e estabelece uma confrontação complementar é, como refere Nuno Portas, a definição das hipóteses de projecto que dão *"(...) maiores garantias de relacionar as soluções propostas com os meios disponíveis, de serem melhor entendidas pelos eleitos e pelos agentes interessados, de serem mais facilmente adaptáveis em face das dificuldades ou das facilidades que se encontrem sobre a marcha."*[227].

No entanto, porque o discurso do edifício, o que nós pretendemos dele, pode ser o que, efectivamente, nós queiramos que ele seja, os vários cenários que lançam possibilidades do que poderá vir a ser a reconversão da *casa do Capela* nem sempre são aqueles que privilegiam uma melhor integração num determinado contexto.

Evocando Ignasi de Sola-Morales:

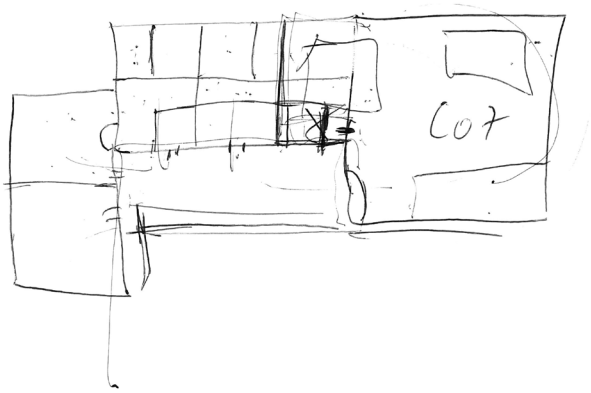
> *"(...) todo problema de intervención es siempre un problema de interpretación de una obra de arquitectura ya existente, porque las posibles formas de intervención que se plantean siempre son formas de interpretar el nuevo discurso que el edificio puede producir.". E acrescenta: "Una intervención es tanto como intentar que el edificio vuelva a decir algo y lo diga en una determinada dirección."*[228]

As hipóteses de intervenção na *casa do Capela* confessam, na medida em que a proposta de projecto que substancializa a Dissertação nunca equacionaria fazer tabula rasa do que existe,

---

226 Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, pág. 7;
227 Nuno Portas, Notas sobre a intervenção na cidade existente, *Sociedade e Território*, nº2, pág. 12;
228 Ignasi de Sola-Morales, teorías de la intervención arquitectónica, *Intervenciones*, pág. 15;

80. *Casa do Capela*, primeiros esboços à mão levantada;



81. *Casa do Capela*, esquisso do processo;

o objectivo de preservar o carácter rural e elementar da estrutura existente como princípio estruturador da composição, mediante o qual, pode dizer-se assim, se ajusta o novo desenho, e elemento portador da identidade de uma arquitectura regional.

> *"O problema do desenho não existe; existe o problema do redesenho. Desenhar deve ser um fenómeno de inteligência, e desenhar do zero é um fenómeno de estupidez, porque é perder um legado de informação disponível"*[229]

Também sobre este assunto, importa ressalvar a ambiguidade, no sentido positivo do termo, decorrente dessa coexistência de diferentes tempos e arquitecturas, dado que o projecto assume o desafio de interligar as duas épocas da casa e procura respeitar as linhas gerais que estruturam o edificado, salvaguardando as técnicas e materiais tradicionais e enquadrando, em simultâneo, uma linguagem contemporânea, maioritariamente no interior da habitação. Os elementos da estrutura antiga pré-existente preservados, nomeadamente a pedra granítica e *"(...) a sua convenção insinuada na ordem compositiva das fachadas"*[230], dão pistas acerca do passado agrícola da casa e do cenário rural que ali se fixava, agora recuperada e reinterpretada sob um olhar moderno e contemporâneo: *"No fundo, é um discurso de continuidade com meios técnicos e intenções diferentes (...)"*[231].

---

229 Eduardo Souto Moura, A ambição à obra anónima. Numa conversa com Eduardo Souto Moura, *Eduardo Souto Moura (ed. Luiz Trigueiros)*, 1994, pág. 32, (disponível em: https://www.revistapunkto.com/2016/07/a-relacao-entre-teoria-e-pratica-em.html);

230 Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho*, pág. 15;

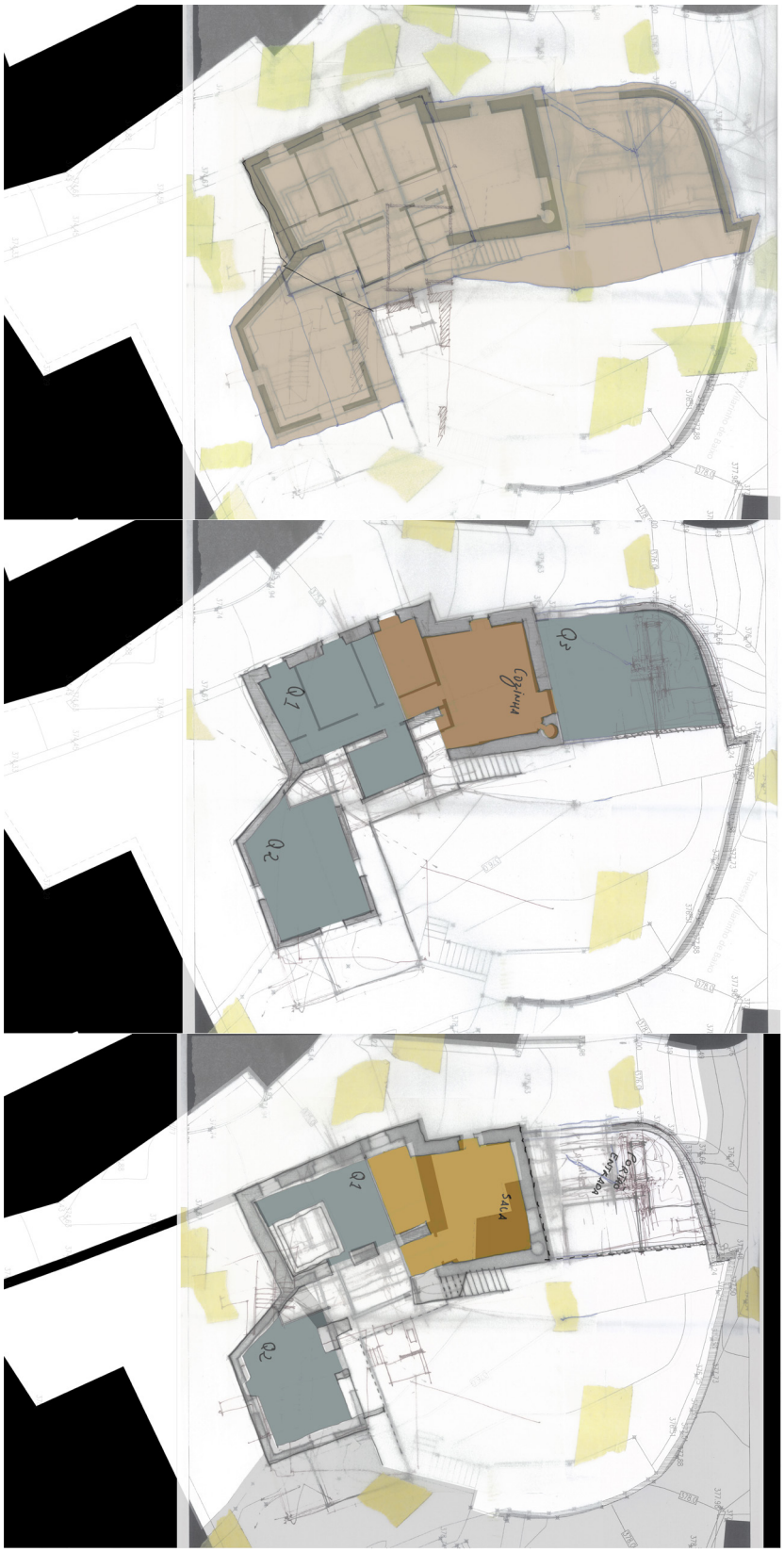
231 Eduardo Souto Moura, A ambição à obra anónima. Numa conversa com Eduardo Souto Moura, *Eduardo Souto Moura (ed. Luiz Trigueiros)*, 1994, pág. 31, (disponível em: https://www.revistapunkto.com/2016/07/a-relacao-entre-teoria-e-pratica-em.html);

Hipótese de intervenção **[a]**

Planta Cobertura

Planta Piso 1

Planta Piso 0



N

[Hipóteses de intervenção]
Objecto de estudo [*casa do Capela*], Plantas dos Pisos

0 1 5 10m

Nesta hipótese de intervenção a), os traços gerais do edificado e, sobretudo, a percepção deste último a partir do exterior é, quase na íntegra, mantida – com excepção de uma ampliação que prolonga a casa sobre o pátio, onde, inclusive, já existe uma cobertura anexa. No entanto, é em determinados aspectos do interior da casa, transformada numa espécie de habitação tripartida em *apartamentos* dissimulados, que assenta a relevância desta versão. A supressão de algumas paredes é evidente e o programa é, nesse sentido, reinterpretado. A cozinha, invariavelmente, permanece intacta – ganha, ainda assim, a área de um dos quartos de dormir – e dois dos *apartamentos* apropriam-se do espaço anteriormente destinado a dois quartos, à casa-de-banho principal e à sala de estar e de jantar. O terceiro corresponde, precisamente, ao espaço da ampliação. Adicionalmente, os dois primeiros *apartamentos* mencionados são duplex, repercutindo-se no piso do eido, que, por sua vez, fica completo com o espaço de sala sob a cozinha. Neste nível, outrora ocupado, noutro contexto, pela adega e pela loja, a anulação de algumas paredes interiores, a fim de aproveitar melhor a área útil, justifica-se. Um dos *apartamentos* ocupa o espaço que, dada a permanência do lagar, é atribuído à antiga adega. Esta hipótese de intervenção revela, sem embargo, algumas interrogações, desde logo a opção por colocar a entrada para um dos *apartamentos* junto à cozinha no lugar de um espaço de estar e de jantar que, complementando-a e contribuindo para dividir as áreas sociais/comuns das áreas privadas, seria, por seu turno, uma alternativa mais adequada. O espaço da antiga adega, onde, ainda, se encontra o lagar, transformado em quarto de dormir ou área privada de *apartamento* é também uma das fragilidades desta hipótese, tendo em conta o antigo propósito desse lugar e o carácter histórico associado ao próprio lagar.

Na hipótese de intervenção b), a situação é muito semelhante à primeira: a leitura exterior actual do conjunto é, também, salvaguardada quase em absoluto. O aumento da casa e a sua ampliação prendem-se, neste caso, com a criação de um novo piso, uma "nova cobertura", ainda que significativamente mais pequeno e ocupado, apenas, por um espaço de sala. A cozinha permanece, mais uma vez, intacta e dois dos *apartamentos* distribuem-se, novamente, pelo espaço que, no edifício actual, resolve todo o programa da habitação, sendo que apenas um deles, desta feita, se repete no piso inferior. O terceiro, por sua vez, ocupa, precisamente, o espaço do lagar e da antiga loja, duas divisões agora transformadas numa só como resultado da anulação da parede divisória. Uma das fragilidades desta hipótese b) prende-se, à semelhança da hipótese de intervenção anterior, com o intervalo entre a cozinha e a sala de estar e de jantar, que, por motivos lógicos, devem estar próximos ou, até, interligados. Neste cenário, a separação entre os espaços privados e as áreas sociais não é, mais uma vez, objectiva, revelando algumas inquietações. O espaço da antiga adega é, novamente, transformado em área de *apartamento*.

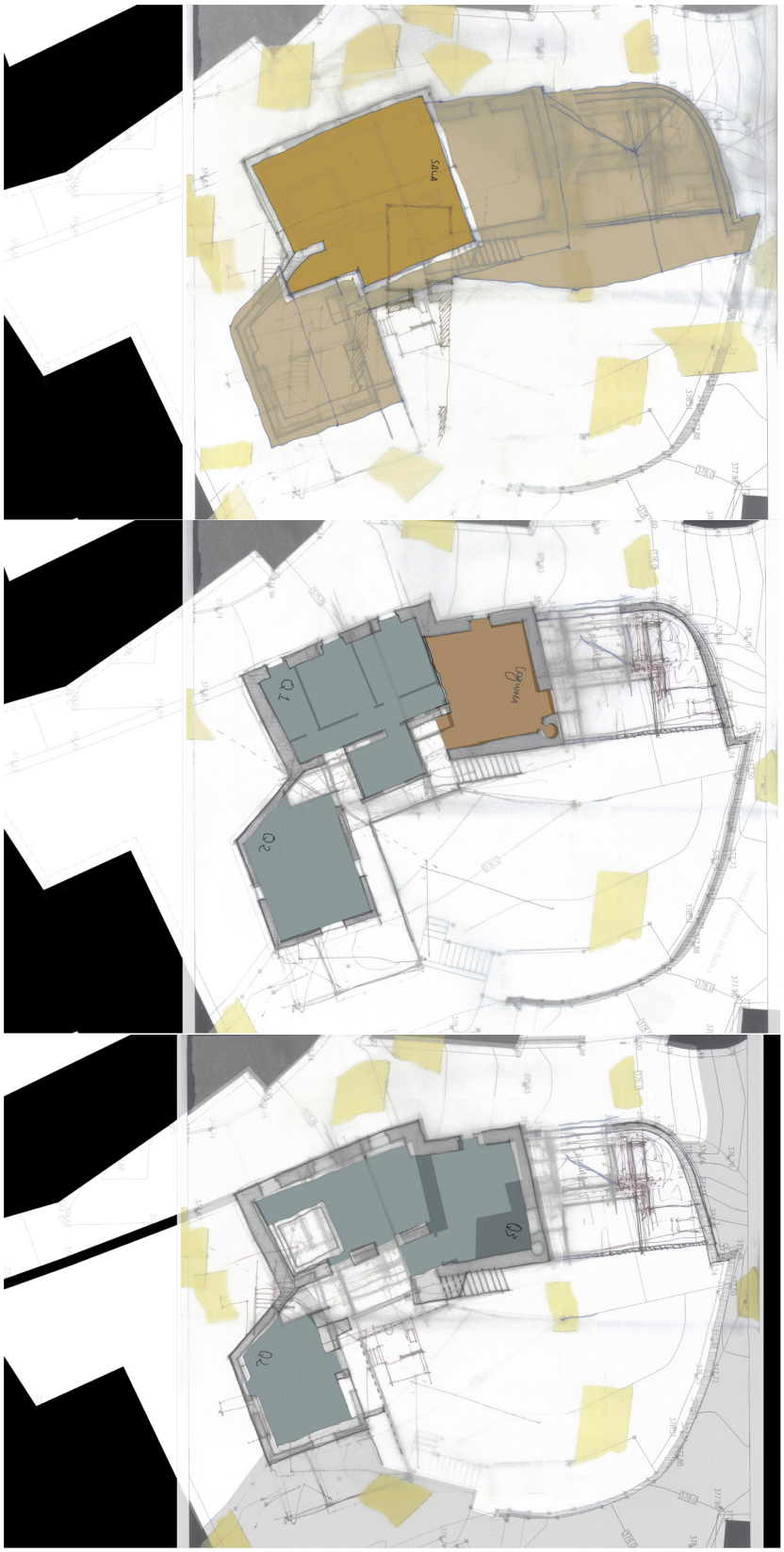
Na hipótese c), o cenário da intervenção é significativamente distinto, na medida em que há, intencionalmente, uma ligeira reinterpretação da fachada interior, virada para o eido.

Hipótese de intervenção **[b]**

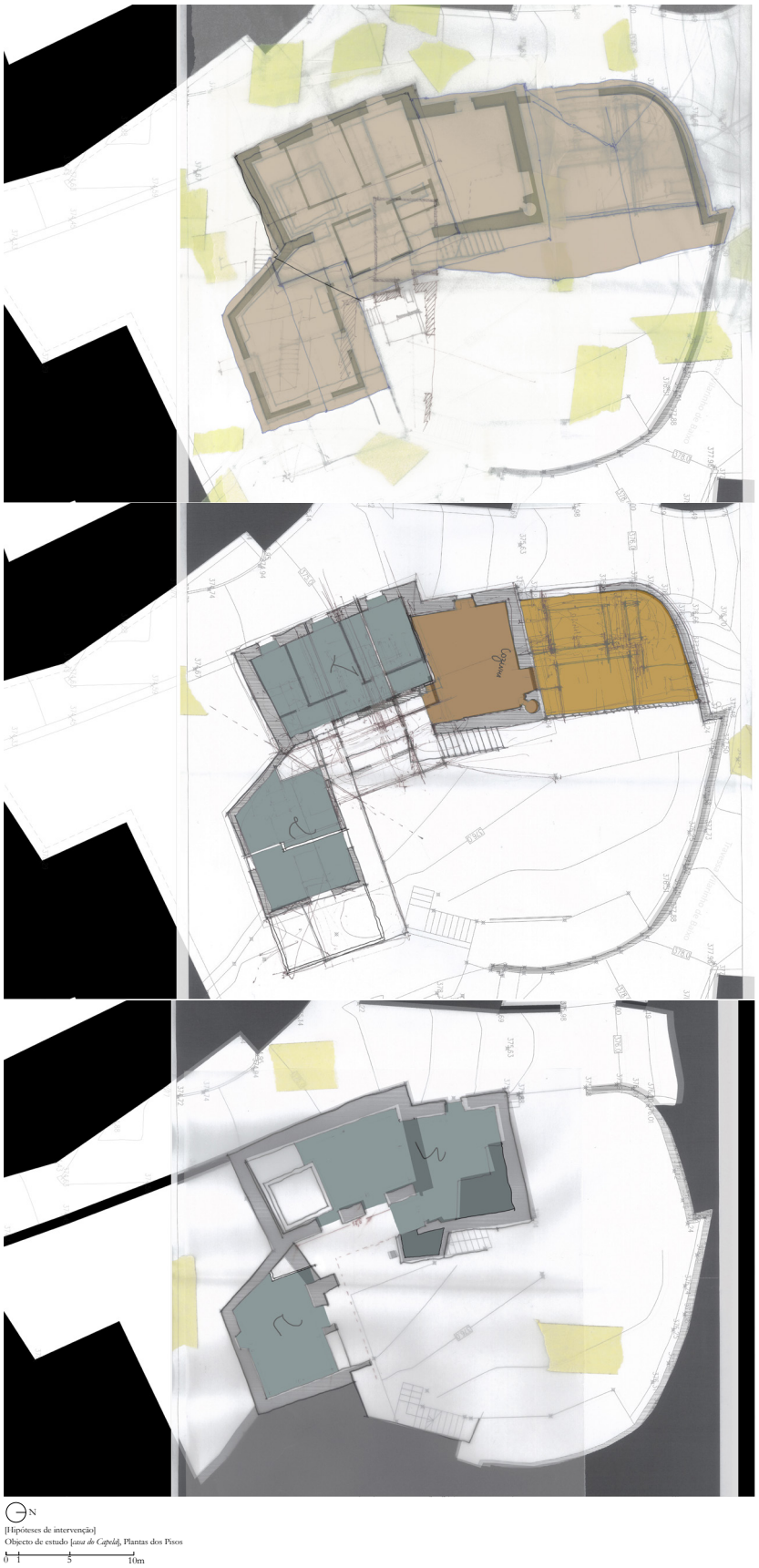
Planta Piso 2

Planta Piso 1

Planta Piso 0



Hipótese de intervenção **[c]**



Planta Cobertura

Planta Piso 1

Planta Piso 0

N

[Hipóteses de intervenção]
Objecto de estudo [*casa do Capelá*], Plantas dos Pisos

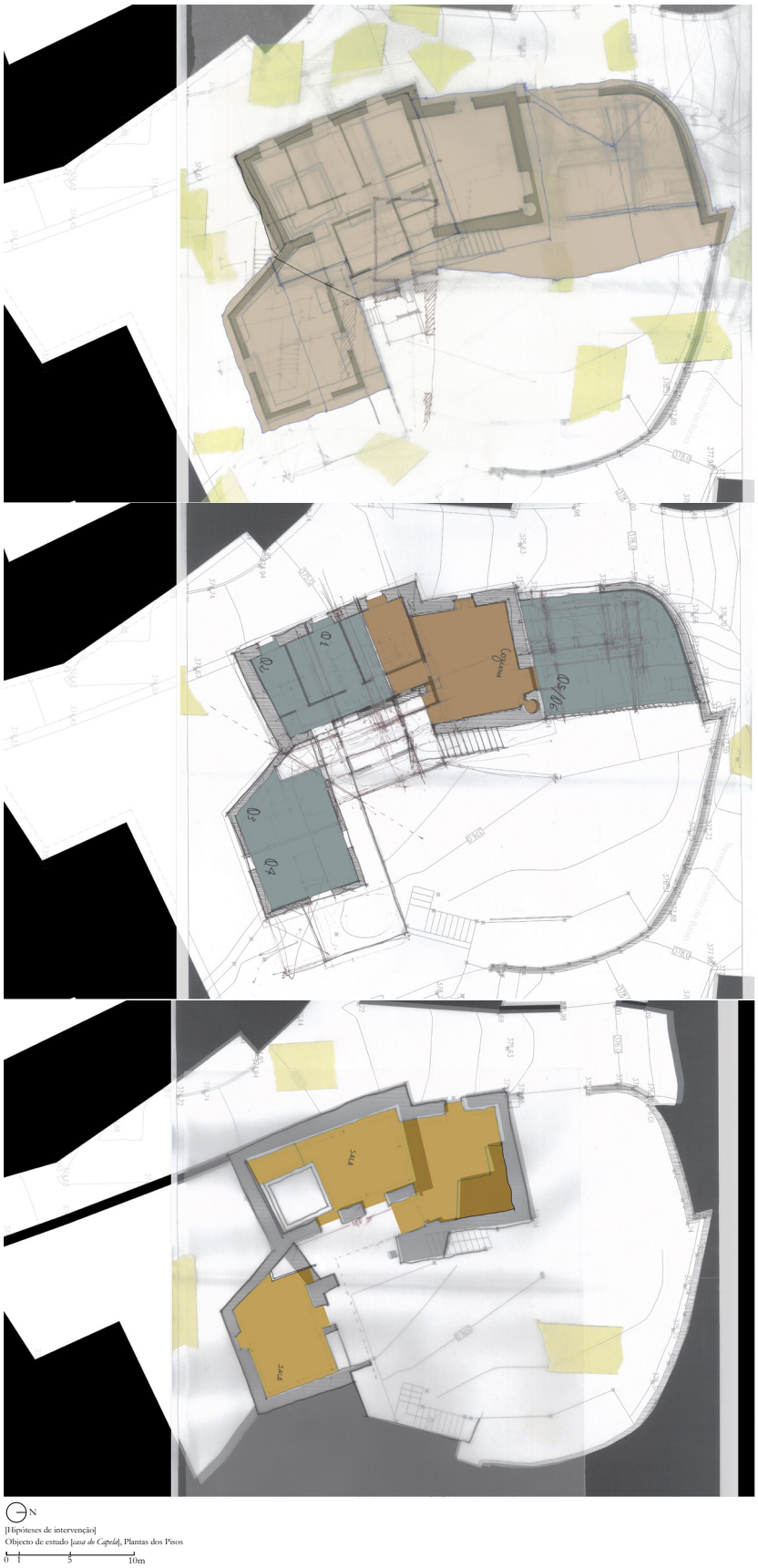
0 1 5 10m

Hipótese de intervenção **[d]**

Planta Cobertura

Planta Piso 1

Planta Piso 0

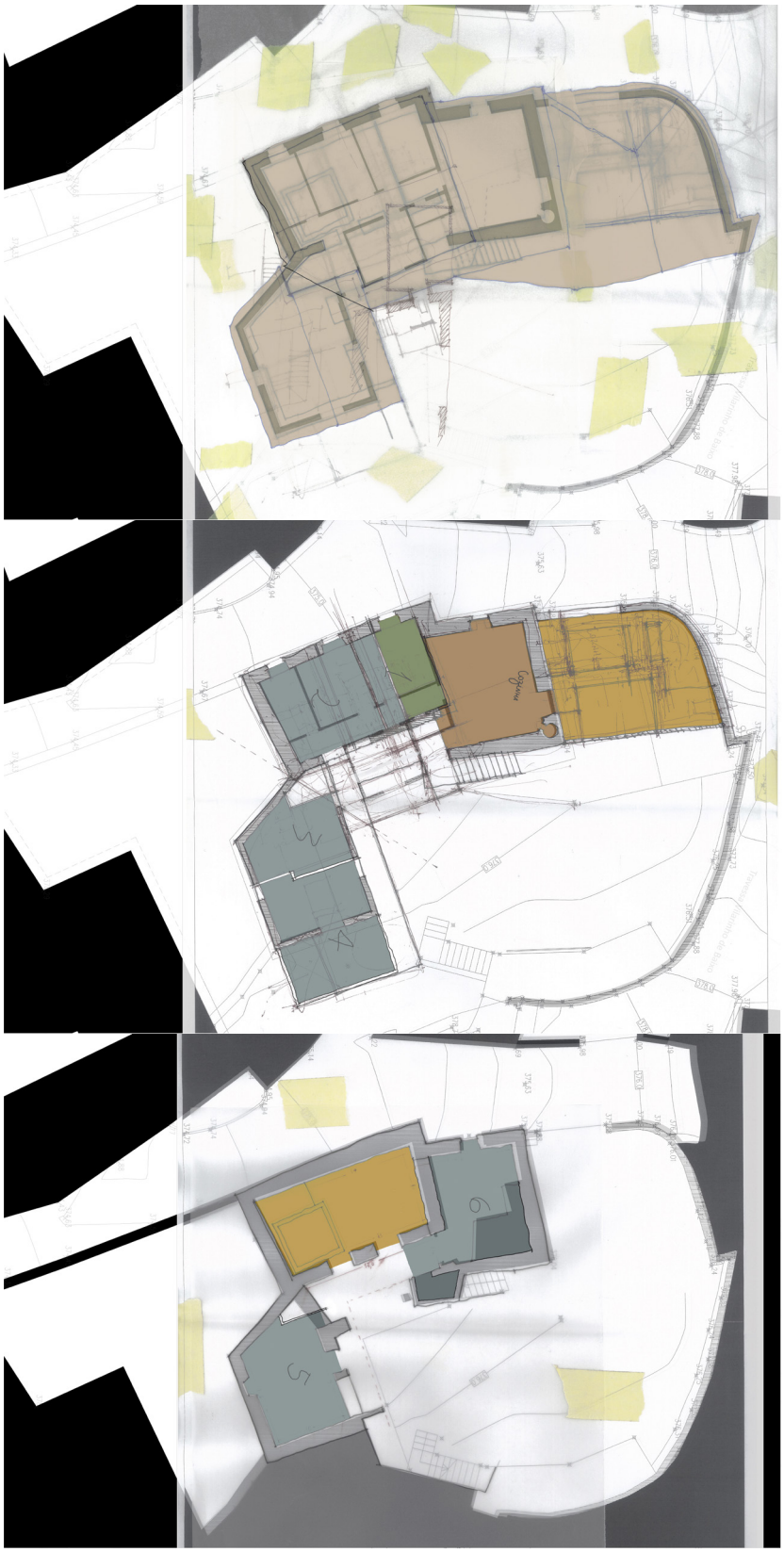


N

[Hipóteses de intervenção]
Objecto de estudo [*casa do Capela*], Plantas dos Pisos

0 1 5 10m

Hipótese de intervenção **[e]**



Planta Cobertura

Planta Piso 1

Planta Piso 0

N

[Hipóteses de intervenção]
Objecto de estudo [*casa do Capelá*], Plantas dos Pisos

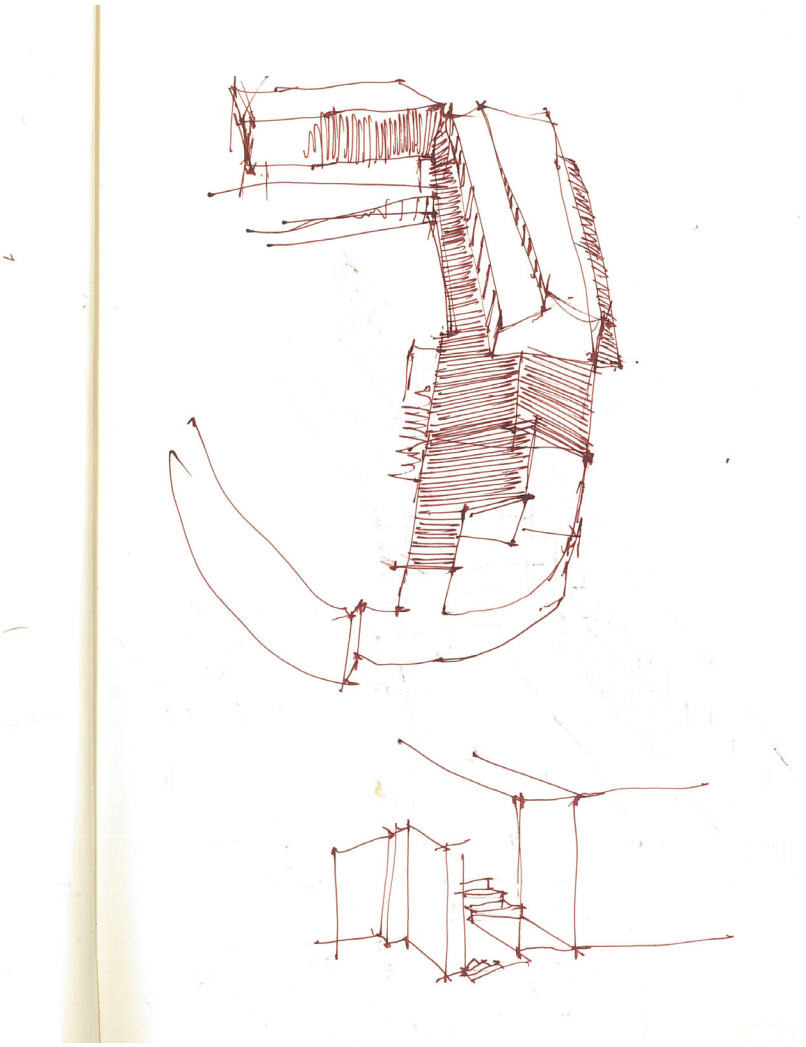
0 1 5 10m

Recuperado o desenho primordial da casa, um dos quartos de dormir - que terá já representado, noutra época, uma ampliação do desenho original da casa - é excluído e a varanda que "corre" toda a fachada, por sua vez, recua. Isto permite, sobretudo, evidenciar o lanço de escadas adjacente à parede, de altura dupla, da cozinha e, ao mesmo tempo, destacá-lo da varanda que, actualmente, se encontra alinhada. A ampliação que prolonga a casa sobre o pátio, para Norte, repete-se nesta versão, ainda que, desta vez, essa extensão seja ocupada pelas salas de estar e de jantar que, anexas ao espaço da cozinha, completam a distribuição programática das áreas comuns. Quanto à estrutura interna da habitação, a disposição é, rigorosamente, idêntica à hipótese anterior, sendo que a única diferença está na área útil total de um dos *apartamentos*, fruto da eliminação de um dos quartos de dormir, da configuração actual. Nesta variante, a cozinha, que mantém as suas dimensões intactas, e a sala surgem, como já foi referido, interligadas, pese embora a antiga adega, no piso de baixo, dar, outra vez, lugar a um espaço privado/*apartamento*.

Na hipótese d) e e), os contornos originais da casa são, também, recuperados. Ainda assim, contrariamente às outras hipóteses, propõe-se um cenário diferente no interior da habitação que, transformada numa aglutinação de seis quartos de dimensão reduzida e, logicamente, dependentes da cozinha e da sala comuns, aproxima a casa de uma espécie de turismo rural e, por isso, de uma interpretação, em certa medida, mais rígida e menos adaptada a um conceito de casa de família. O conjunto é novamente ampliado, prolongando a casa sobre o pátio, e os quartos distribuem-se, na totalidade, ao longo do piso superior, apenas intercalados pela cozinha comum que, à semelhança da primeira hipótese apresentada, aumenta significativamente as suas dimensões. Na extensão da habitação encontram-se, precisamente, dois desses quartos. No piso inferior, na companhia do lagar, desenvolvem-se, unicamente, as salas de estar e de jantar, que, mais uma vez, não são contíguas à cozinha. Ainda assim, o espaço da antiga adega é, neste cenário, transformado em garrafeira e/ou área comum de sala, o que é, sem dúvida, mais pertinente.

A hipótese e) é, visivelmente, muito semelhante à anterior. Porém, os seis quartos são ligeiramente maiores, o que impossibilita a sua distribuição exclusiva no mesmo andar da habitação. Nesse sentido, apenas quatro se encontram no piso superior – um deles sugere, inclusive, uma pequena ampliação da sala de estar e de jantar da actual configuração, propondo uma nova nuance no desenho do conjunto. A proximidade das salas de estar e de jantar com a cozinha restabelece-se e é, novamente, uma intenção concreta, tornando evidente o distanciamento entre as áreas comuns e os espaços privados previstos no programa. No piso inferior, da antiga adega, outro ambiente de sala ocupa o compartimento onde se situa o lagar, podendo ser interpretado como uma possível garrafeira ou um espaço de estar/leitura; as outras duas divisões são, por sua vez, dois quartos. Esta hipótese de intervenção responde, pese embora algumas interrogações relativas ao programa em si que podem ser levantadas, satisfatoriamente à distribuição e ocupação dos espaços considerada apropriada na sequência desta análise e estudo da *casa do Capela*.

82. *Casa do Capela*, esquisso do processo;



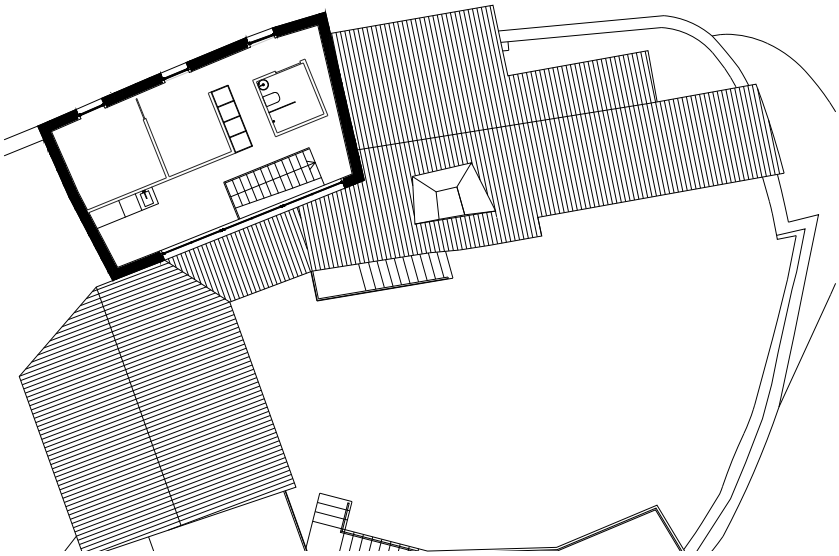
3.3. Da proposta de intervenção

> *"Tomar el cadáver de la arquitectura, recomponerlo, reconstituir el cuerpo mediante integraciones críticas y constructivas (...). Volver a poner en pie el organismo, insuflarle la vida."*[1]

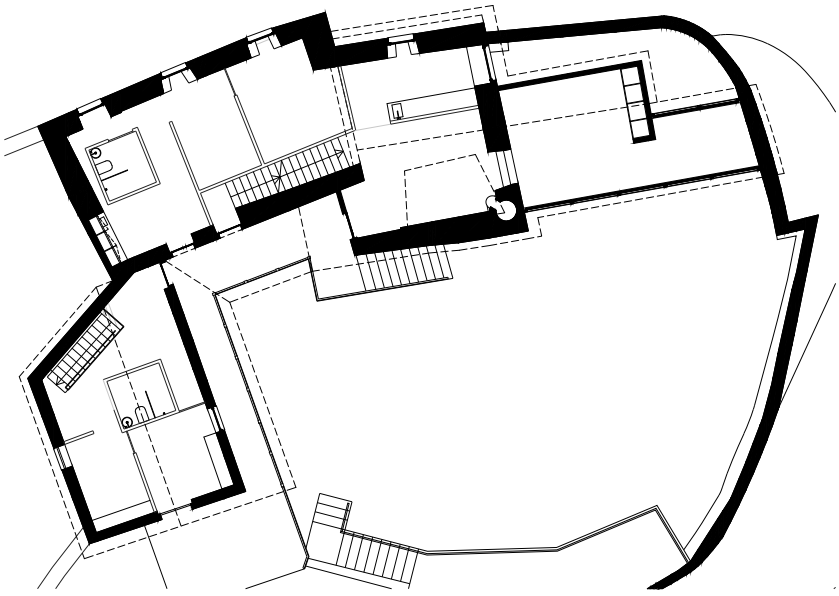
Tornada imperativa a sua recuperação, uma vez que, por força das circunstâncias, o abandono ao qual a *casa do Capela* tem sido sujeita assim o impunha, esta proposta de projecto assume-se, apesar disso, como algo aberto e inacabado que resulta, em todo o caso, das estratégias trabalhadas e que responde, por sua vez, a um conjunto de reflexões e análises – sobretudo teóricas – que procuraram transmitir, continuamente, a responsabilidade de olhar para a arquitectura antiga pré-existente enquanto património histórico que não se opõe, antes pelo contrário, à modernização. A responsabilidade de olhar, também, para o projecto como uma linha inequívoca de continuidade. *"Não deve haver uma separação, uma fronteira definida entre a observação do que há e a configuração do que se projecta."*[2]. Deve haver, nessa perspectiva, uma junção dos dois comportamentos que não subentende nem induz, ainda assim, a analogia entre o velho e o novo: *"En todo caso lo nuevo necesita de lo viejo para constituirse (...)"*[3]. Acreditamos numa arquitectura, enquanto composição, como modificação de um contexto específico, ao qual, invariavelmente, também pertence através da interpretação do lugar com base na sua história, significados e valores que transporta, da permanência dos traços originais e da valorização da memória.

1 Vittorio Savi, citado por Francisco de Gracia, *Construir en lo construido*, pág. 193;
2 Manuel Mendes, Terra quanto a vejas, casa quanto baste, *Só nós e Santa Tecla*, pág. 136; atente-se que a continuidade, aqui e também ao longo da Dissertação referida, entre o velho e o novo não pressupõe uma analogia das duas variantes, isto é, a homogeneidade da arquitectura. Entenda-se, sim, como um exercício que estabelece um efeito contrastante entre os elementos pré-existentes e os novos, mas sem nunca os negar - daí esse fio de continuidade entre o projecto e a arquitectura antiga, da qual o primeiro se apropria, não recusa. A fronteira enquanto ruptura que não concebe a agregação do que há e do que se projecta - essa sim - é, aqui, negada;
3 Francisco de Gracia, *Construir en lo construido*, pág. 76;

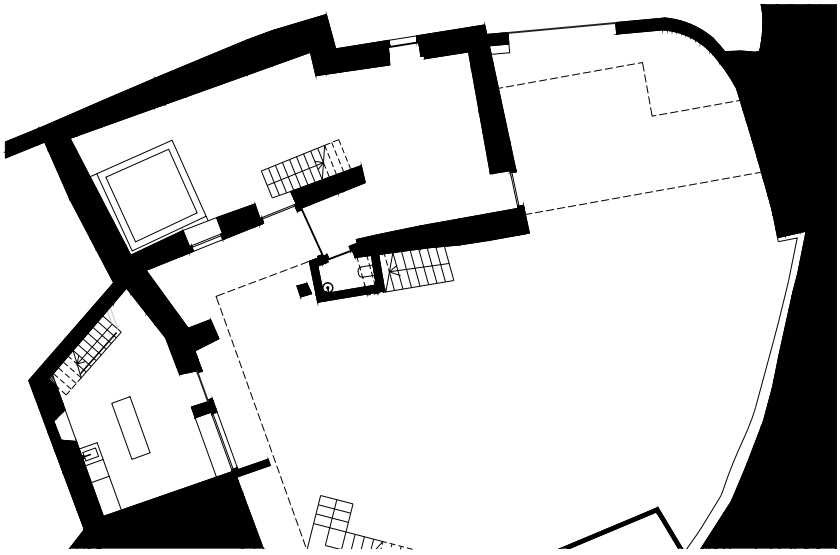
Planta Piso 2



Planta Piso 1



Planta Piso 0



Como resultado da simultaneidade entre a pesquisa teórica, a reflexão acerca de alguns exemplos práticos de intervenções arquitectónicas em edifícios/construções de feição rural que considerámos pertinentes para a discussão e que serviram de referência ao longo do próprio processo do projecto e o desenvolvimento de hipóteses de intervenção, todas elas distintas, que, de uma forma algo esboçada e apenas esquemática, permitiram, ainda assim, elaborar um estudo de possíveis cenários de distribuição do programa proposto[4], este trabalho de investigação – apesar de tudo, maioritariamente teórico – foi desenvolvido em consonância, num permanente diálogo entre a teoria e a resposta prática a essa reflexão. Nessa sequência, a formação de critérios de intervenção no actual edifício de habitação rural que surgiram *a posteriori*, como resultado da análise feita, sobretudo a prática, teriam, impreterivelmente, de ser considerados – por força do estudo produzido, das hipóteses experimentadas e reflectidas que permitiram, desde logo, assinalar fragilidades e pontos fortes e do que, efectivamente, a *casa do Capela* precisa para responder às novas necessidades de uso. Recuperar o desenho primordial da *casa do Capela*; desenvolver um programa para uma habitação tripartida em apartamentos dissimulados, além, naturalmente, das áreas sociais comuns; acrescentos equivalentes à ampliação do conjunto edificado, através da criação de um novo piso e do prolongamento da estrutura existente para Norte; evocando Sérgio Fernandez, *"(...) os caminhos para uma nova arquitectura dependem mais do critério a seguir do que dos materiais empregados na construção"*[5], e, nesse sentido, definimo-los antecipadamente.

Esta estratégia de intervenção no existente segue, como tem sido exposto no decurso da Dissertação, a ideia de readaptação de um programa de habitação desactualizado e não mais adequado às necessidades actuais que poderá, com efeito, ser interpretada não apenas como uma casa para a família que já é actualmente, mas também como uma oportunidade de turismo rural. Nesse sentido, a reinterpretação do edifício prende-se com a necessidade de agrupar algumas divisões da casa, reorganizar a distribuição dos espaços e atribuir-lhes, em síntese, uma lógica na forma como se associam.

A nova habitação desenhada sobre o actual edifício desenvolve-se em três pisos: o que desde logo representa uma alteração substancial, na medida em que a ocupação de um deles – o piso térreo ao nível do eido – era, outrora, feita pela antiga adega e pela loja, espaços directamente relacionados com a actividade agrícola. O 2º piso, referido mais à frente, é um dos acrescentos da ampliação proposta. No 1º piso localiza-se a cozinha comum, a sala de jantar - que, por sua vez, prolonga a casa e representa o outro acrescento da ampliação da habitação rural actual[6] - e, finalmente, dois dos apartamentos dissimulados e imperceptíveis na apreensão exterior global

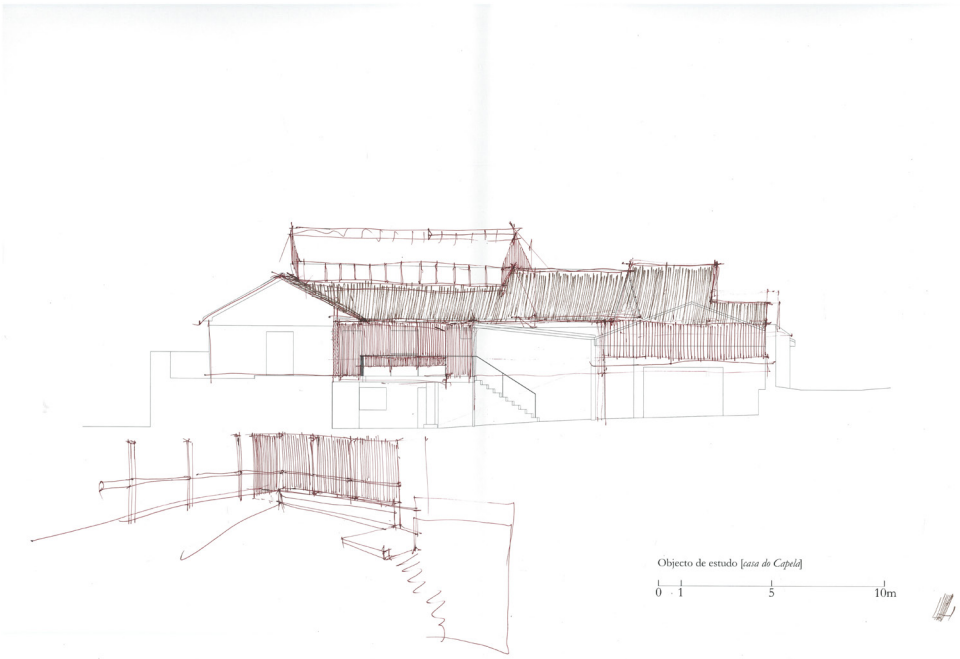
---

4 *"O esquisso é instrumento operatório decisivo no processo de exploração/fixação de ideia;"*, Manuel Mendes, Terra quanto a vejas, casa quanto baste, *Só nós e Santa Tecla*, pág. 139;

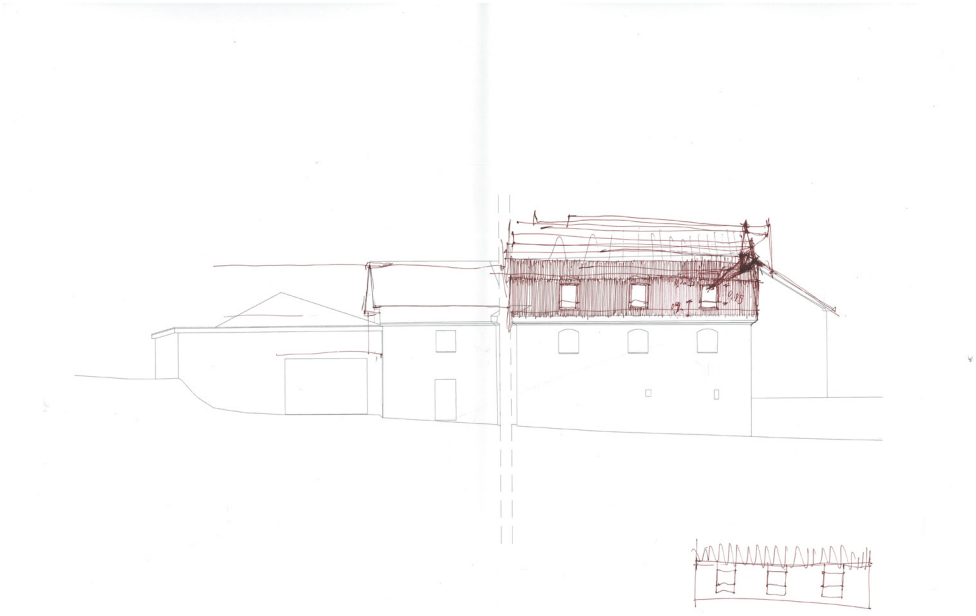
5 Sérgio Fernandez, *Percurso: arquitectura portuguesa, 1930/1974*, Porto, FAUP Publicações, 1988;

6 Este acrescento funciona como varanda e estabelece, como resultado das portadas em madeira a todo o comprimento da ampliação, uma transição gradual entre os espaços internos e os espaços externos;

83. *Casa do Capela*, alçado Nascente, esquisso do processo;



84. *Casa do Capela*, alçado Poente, esquisso do processo;



do conjunto – um deles duplex, reflectindo-se no piso térreo; no piso térreo, localiza-se a sala de estar, uma pequena casa-de-banho de apoio às áreas comuns e uma garrafeira, que, logicamente, se enquadra no espaço da antiga adega e do, ainda existente, lagar original; no 2º piso, tem lugar o terceiro apartamento. Como afirma Francisco de Gracia:

> *"Se trata de la manipulación de un objeto que entra en regeneración, crece o se modifica; pudiendo abarcar un amplio espectro de posibilidades desde la restauración hasta la ampliación moderada, pasando por la transformación de su estructura interna."*[7]

A opção de manter as paredes de pedra em granito, assim que possível e essencialmente aquelas que configuram a estrutura-base da *casa do Capela*, é clara, removendo aquelas que, por sua vez, prejudicavam o ideal aproveitamento do espaço interno. Adicionalmente, à remoção de algumas sobreposições/intervenções feitas sobre o edifício pré-existente – que possibilita a já mencionada recuperação do desenho primordial da casa – juntam-se novos elementos, quando necessário.

A tripartição da *casa do Capela* em apartamentos diferentes inseridos no interior de uma estrutura pré-existente que os abrange, com excepção, evidentemente, do apartamento localizado no acrescento do novo piso, é, efectivamente, um dos critérios de intervenção validados pelo trabalho e estudo desenvolvido, uma vez que se apresentou como a solução que melhor se ajusta ao lugar e ao próprio edifício, tendo em consideração também o contexto e a procura. Os acrescentos da ampliação são, numa outra perspectiva, uma forma de resolver a distribuição do programa, de separar convenientemente as áreas comuns dos espaços privados e de responder assertivamente às necessidades contemporâneas.

Acolhedora nos usos, na forma como a materialidade pensada contribuiria para esse habitar mais informal e como a própria interpretação pessoal dos quartos-alcovas experimenta uma manipulação positiva do programa, que funcionaria conforme as necessidades[8], os pavimentos e tectos em madeira de pinho[9] associados a uma construção com paredes de pedra exteriores autoportantes sugerem esse ambiente mais cómodo e descontraído. Porém, a leitura da pedra difere na relação exterior-interior, e entre pisos. No exterior do edifício as paredes permanecem intactas, em granito aparente, contrariamente ao que acontece, precisamente, no novo piso, em que esse acabamento deixa de estar visível; no 1º piso e no piso térreo, porém, as paredes

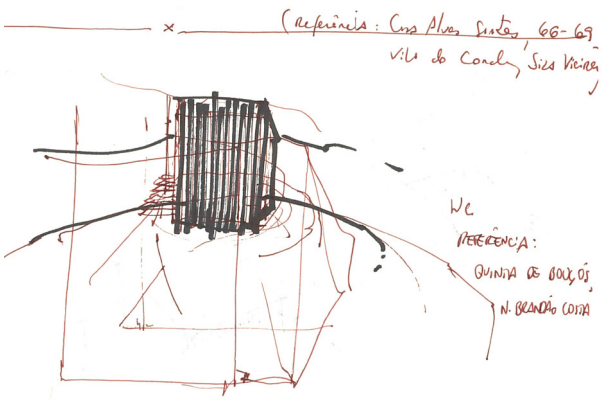
---

7 Francisco de Gracia, *Construir en lo construido*, pág. 189;

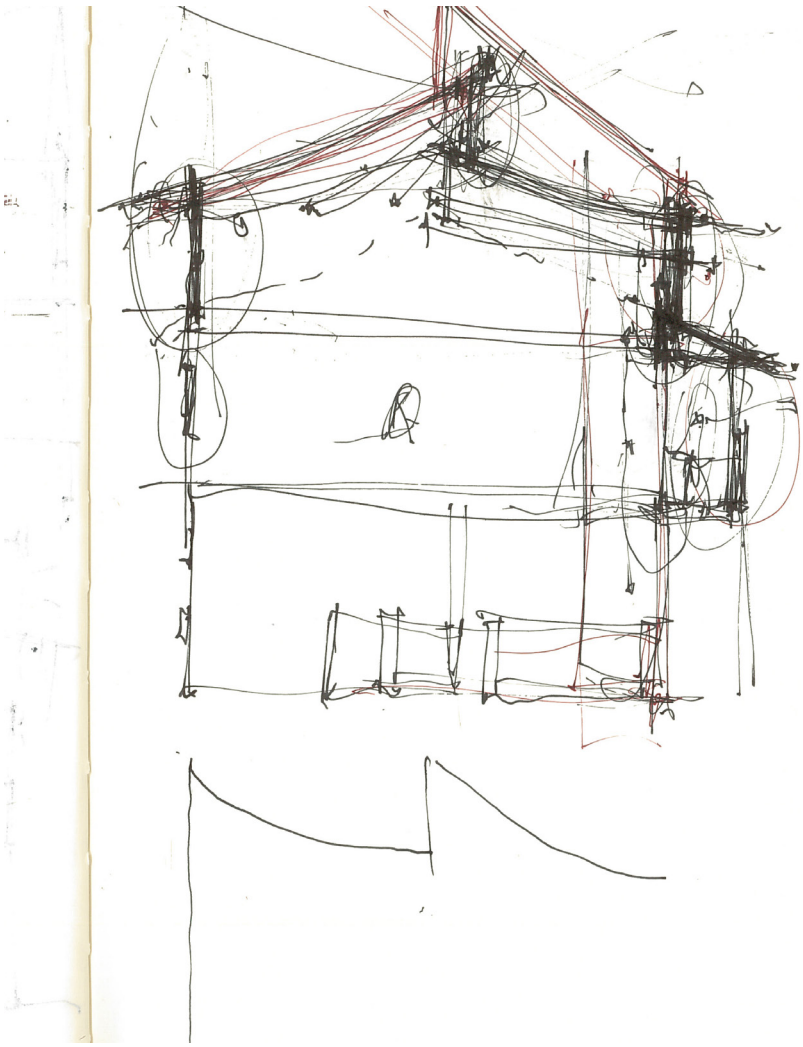
8 "Este compartimento híbrido, segmentável, passível de estares múltiplos e de usos diversos - conforme as necessidades e os desejos - constitui um admirável e bem sucedido ensaio de manipulação do programa, afirmando a possibilidade de reinvenção do espaço e consequente atribuição de novos significados a áreas aparentemente estabilizadas da arquitectura doméstica.", Maria Manuel Oliveira, Linha de Sombra, *Só nós e Santa Tecla*, pág. 27;

9 Ver corte construtivo;

85. *Casa do Capela*, esquisso do processo;



86. *Casa do Capela*, esquisso do processo;



graníticas são integralmente mantidas, desde logo como se encontra actualmente. Neste piso térreo o pavimento é em microcimento, um material mais neutro, minimal e, por isso, mais adequado a um espaço outrora destinado a actividades e práticas agrícolas. No acrescento da ampliação que prolonga a casa para Norte, o material dominante é a madeira em tons mais escuros, sobretudo no exterior, estabelecendo uma correspondência evidente com a textura da pedra aparente. Os pavimentos e tectos aplicados são, também, em madeira.

A interpretação do conceito das casas-de-banho de cada apartamento que, à semelhança dos quartos-alcovas, funcionam como um desafio aos moldes da arquitectura doméstica, resulta na criação de pequenas caixas revestidas com o mesmo reboco das paredes que, anónimas, pousam aleatoriamente, definem espaço e circulação.

A reinterpretação contemporânea do actual edifício de habitação rural sublinha, como já referi acima, a continuidade entre o antigo e a nova arquitectura, sem rupturas. Como refere Manuel Mendes:

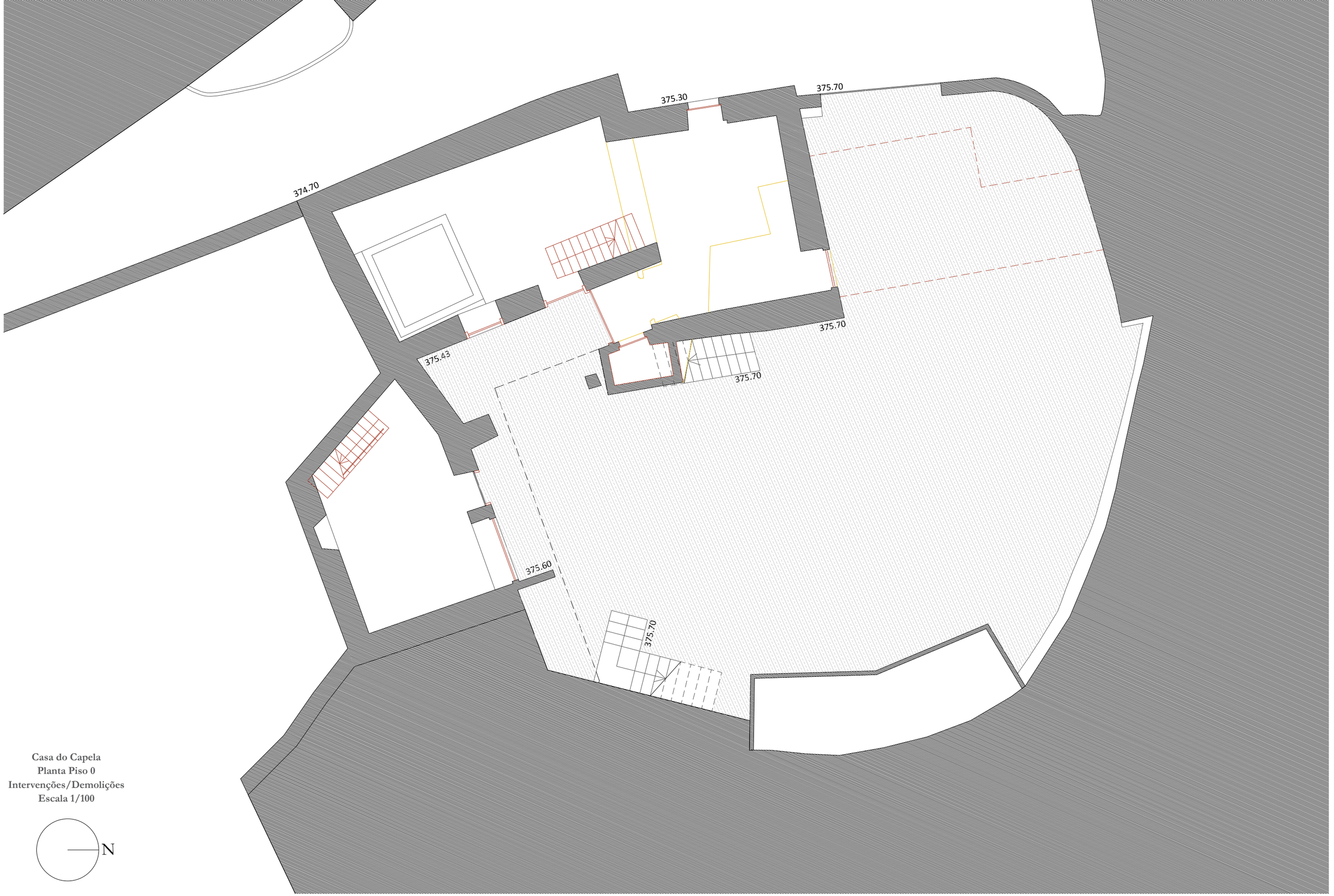
> *"(...) o projecto estabeleceu o claro contraste entre os elementos preexistentes e os novos, os quais "se interpenetram de forma violenta" para criar uma nova unidade: um corpo novo intersecta um antigo conjunto de habitação rural; "o velho edifício sofre alterações internas para adaptação a novas necessidades de uso sem que seja destruído o seu carácter essencial";"*[10]

A imprescindibilidade da conservação do seu carácter é, como foi, o ponto de partida do projecto, que, por sua vez, procura reinterpretar o programa e a própria volumetria do edifício existente através de algumas noções contemporâneas e novos materiais que se enquadrem no contexto rural que serve de caso de estudo. Evocando Fernando Távora:

> *"Belo o sítio, bela a casa na sua simples complexidade, belos os materiais e bela a arquitectura que se soube manter."*[11]

10 Alexandre Alves Costa, citado por Manuel Mendes, Terra quanto a vejas, casa quanto baste, *Só nós e Santa Tecla*, págs. 139-140;

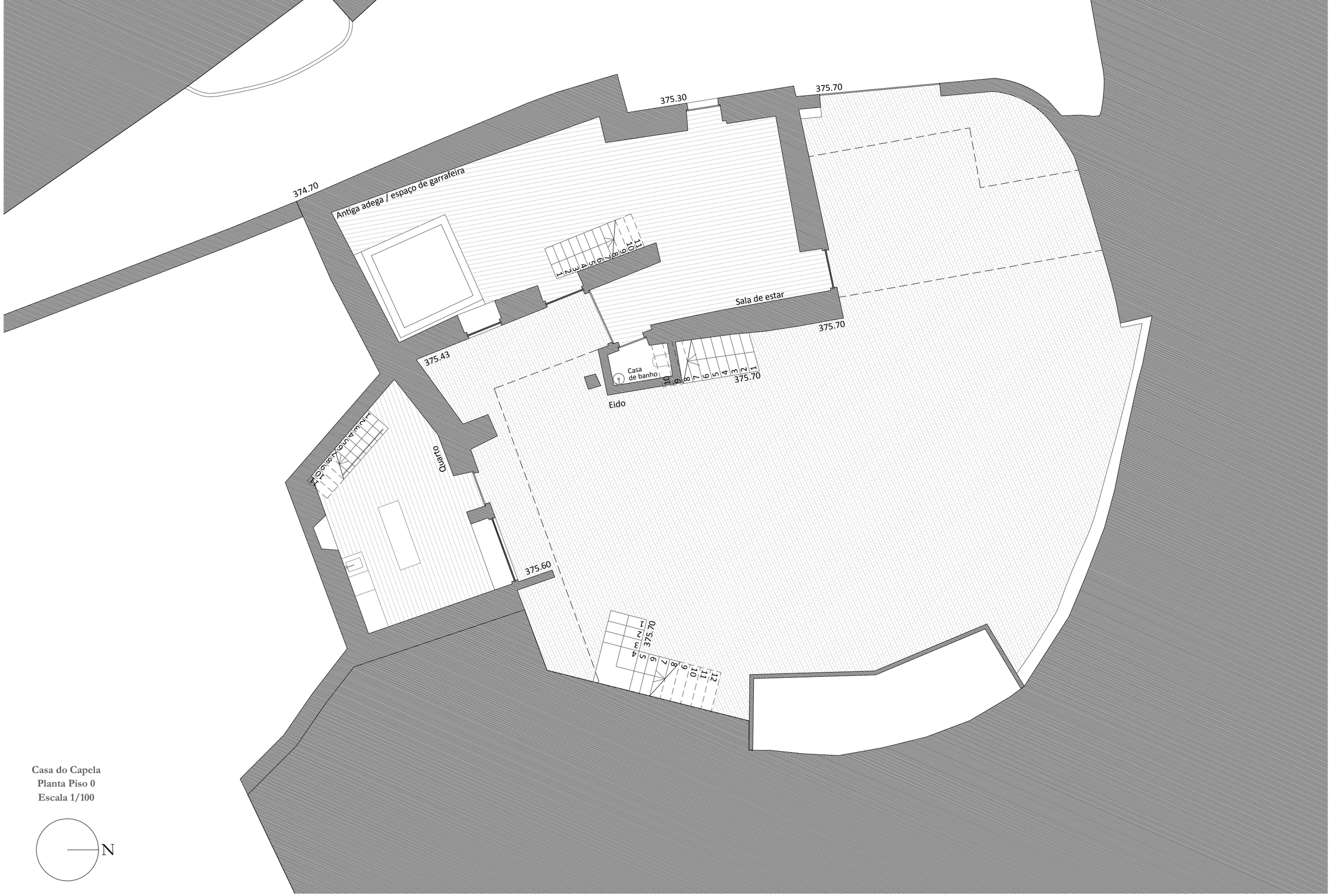
11 Fernando Távora, nota sobre a recuperação da casa em Pardelhas, Vila Nova de Cerveira, (disponível em: https://arquivoatom.up.pt/index.php/recuperacao-de-habitacao-em-pardelhas);



Casa do Capela
Planta Piso 0
Intervenções/Demolições
Escala 1/100

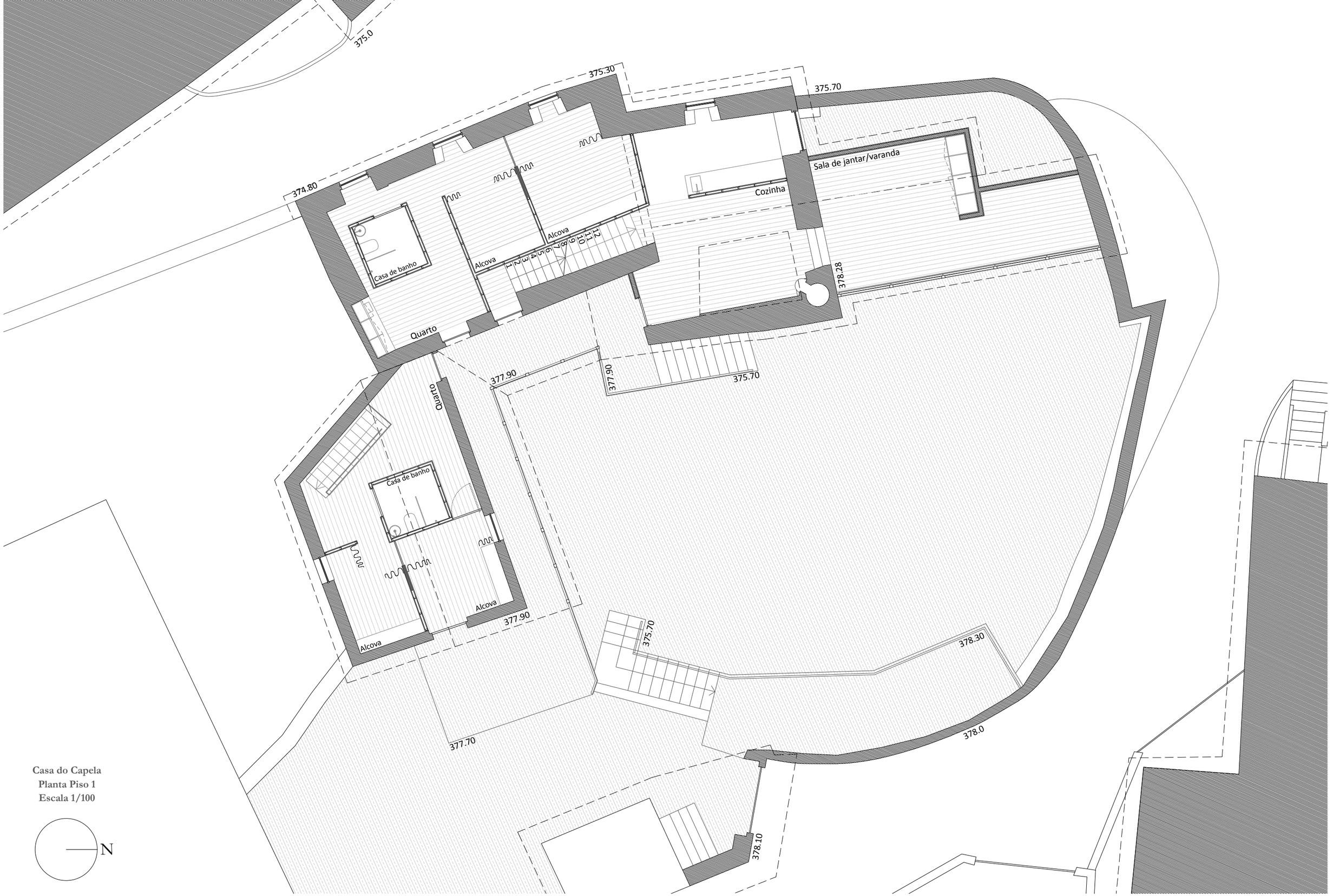
Casa do Capela
Planta Piso 1
Intervenções/Demolições
Escala 1/100

N

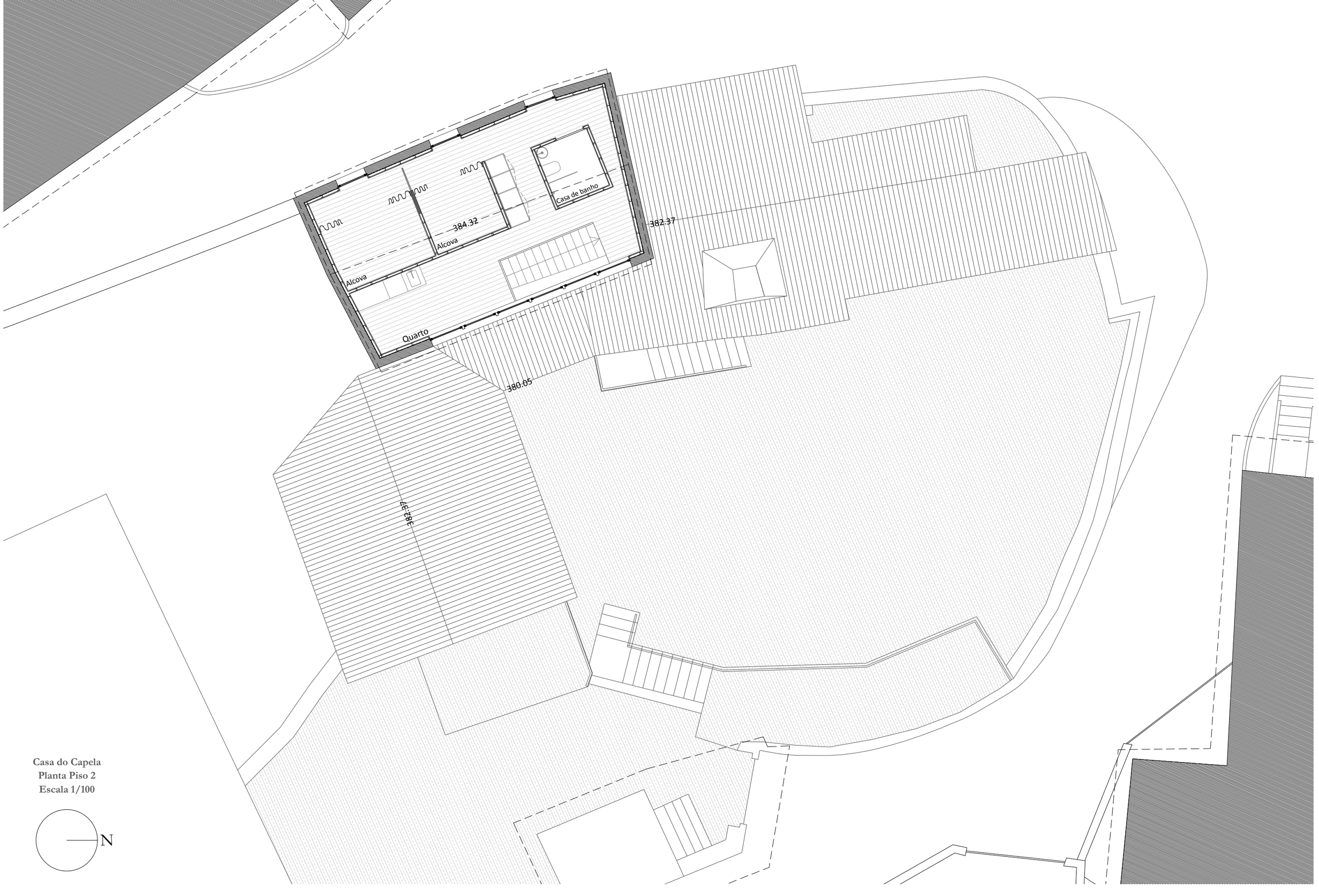


Casa do Capela
Planta Piso 0
Escala 1/100

N

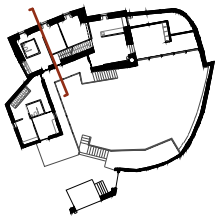


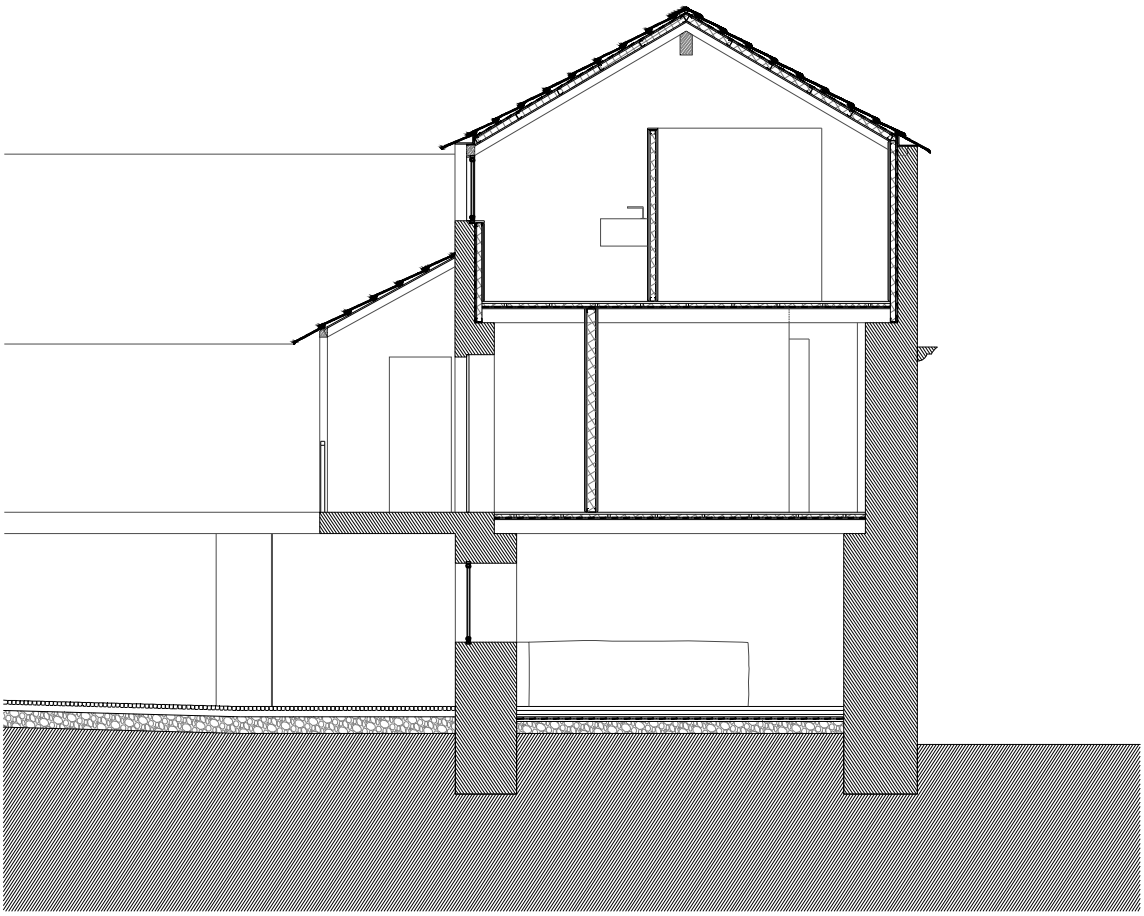
Casa do Capela
Planta Piso 1
Escala 1/100



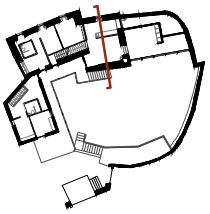
Casa do Capela
Planta Piso 2
Escala 1/100

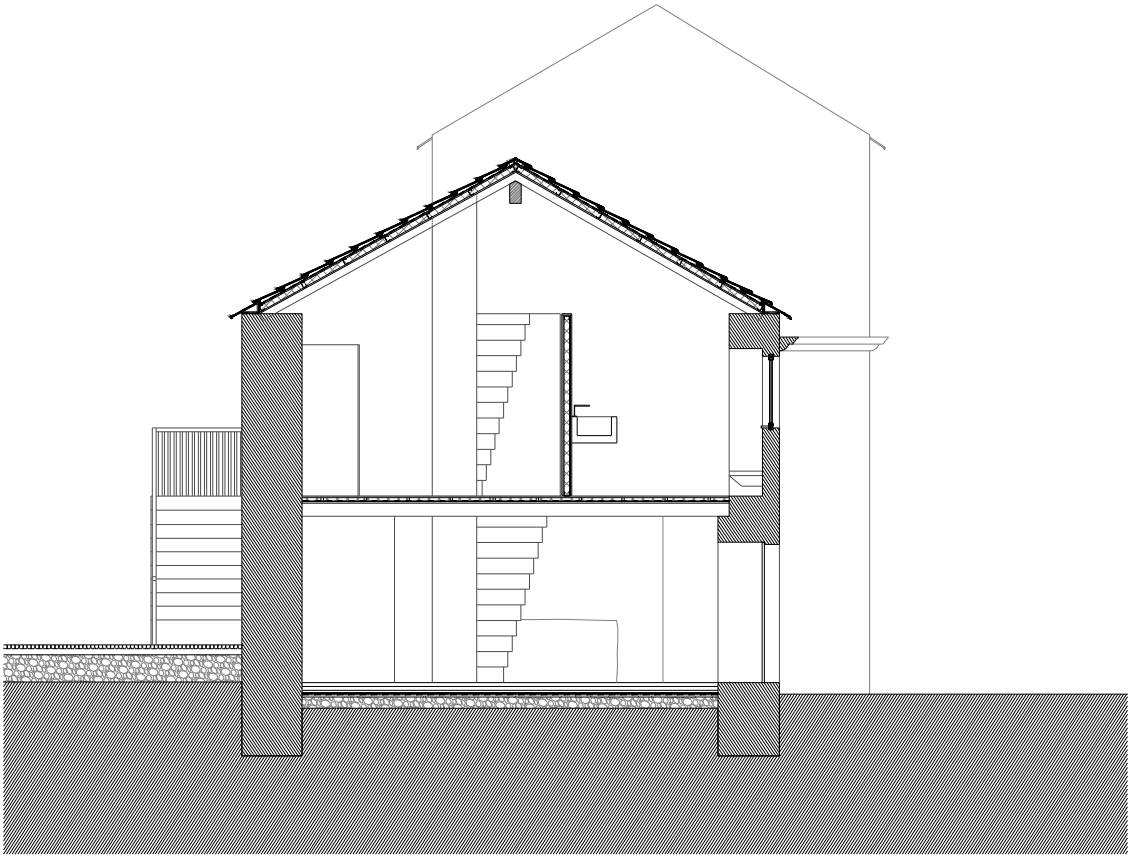
Casa do Capela
Corte [a]
Escala 1/100



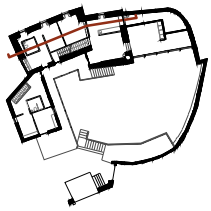


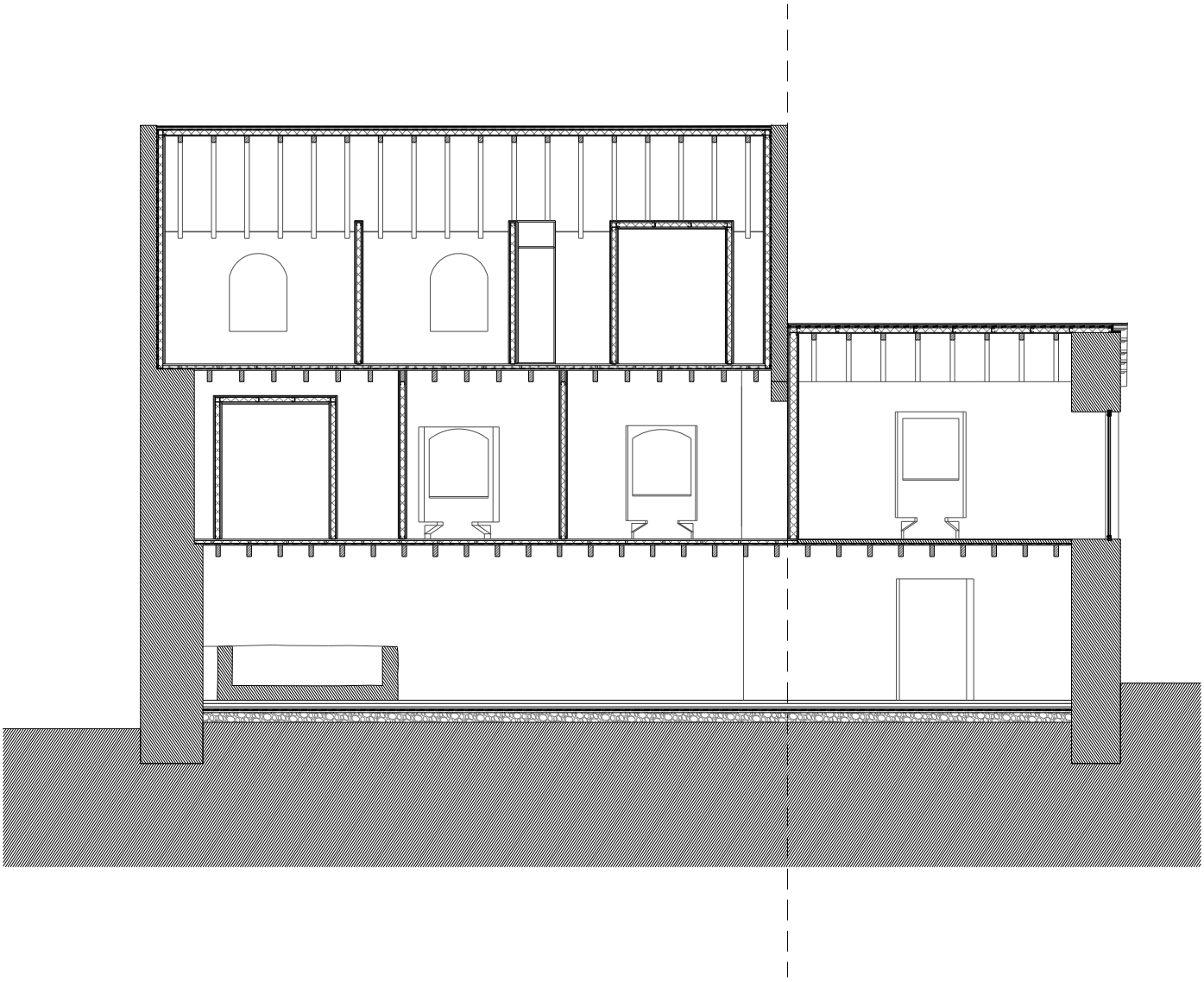
Casa do Capela
Corte [b]
Escala 1/100



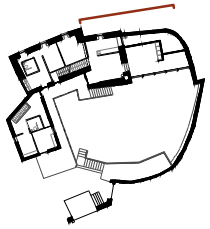


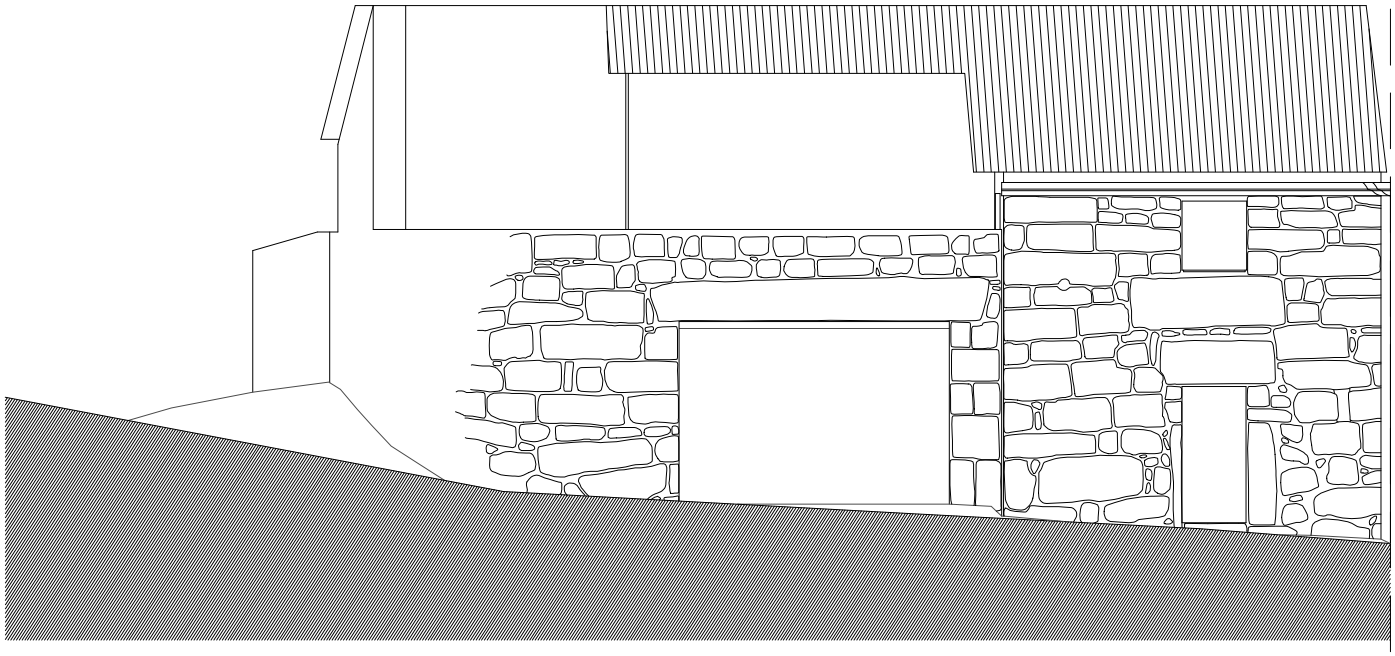
Casa do Capela
Corte [c]
Escala 1/100



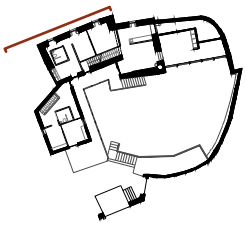


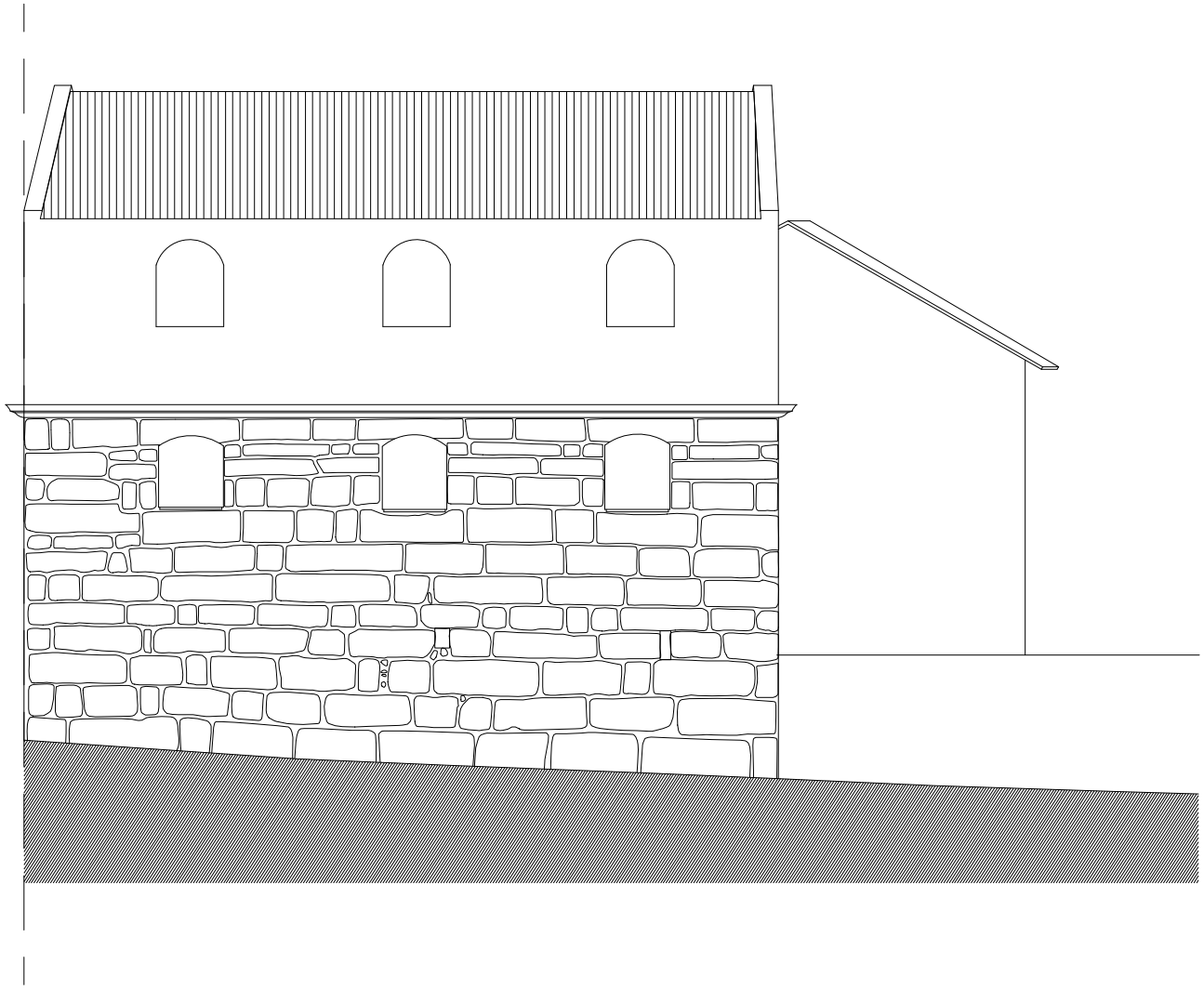
Casa do Capela
Alçado Poente [a]
Escala 1/100



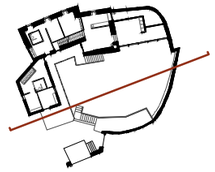


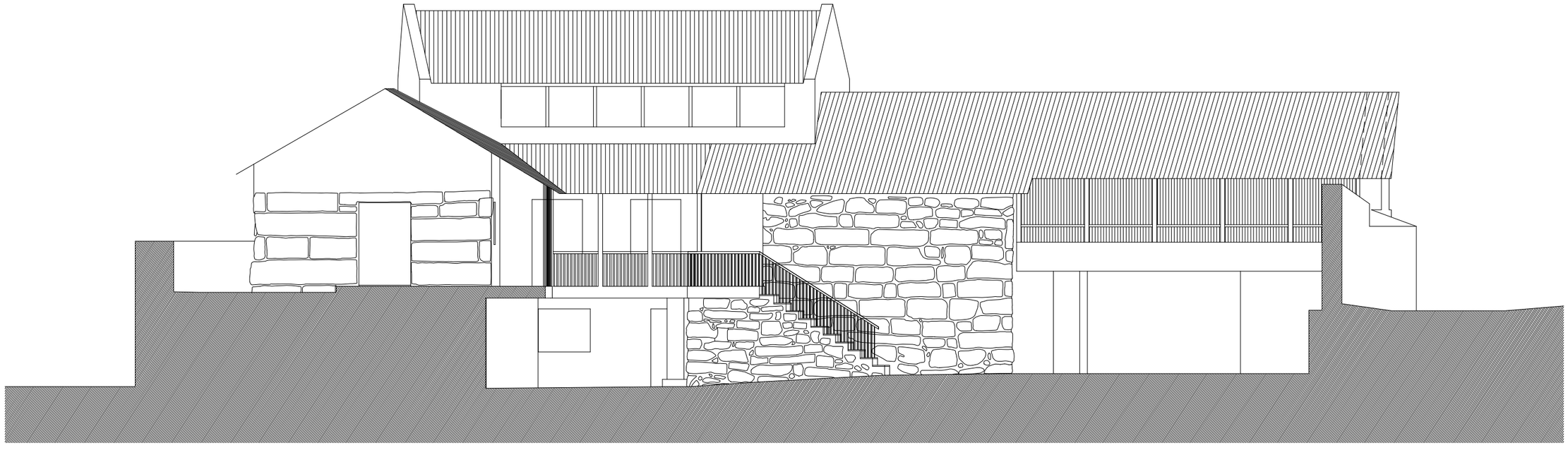
Casa do Capela
Alçado Poente [b]
Escala 1/100





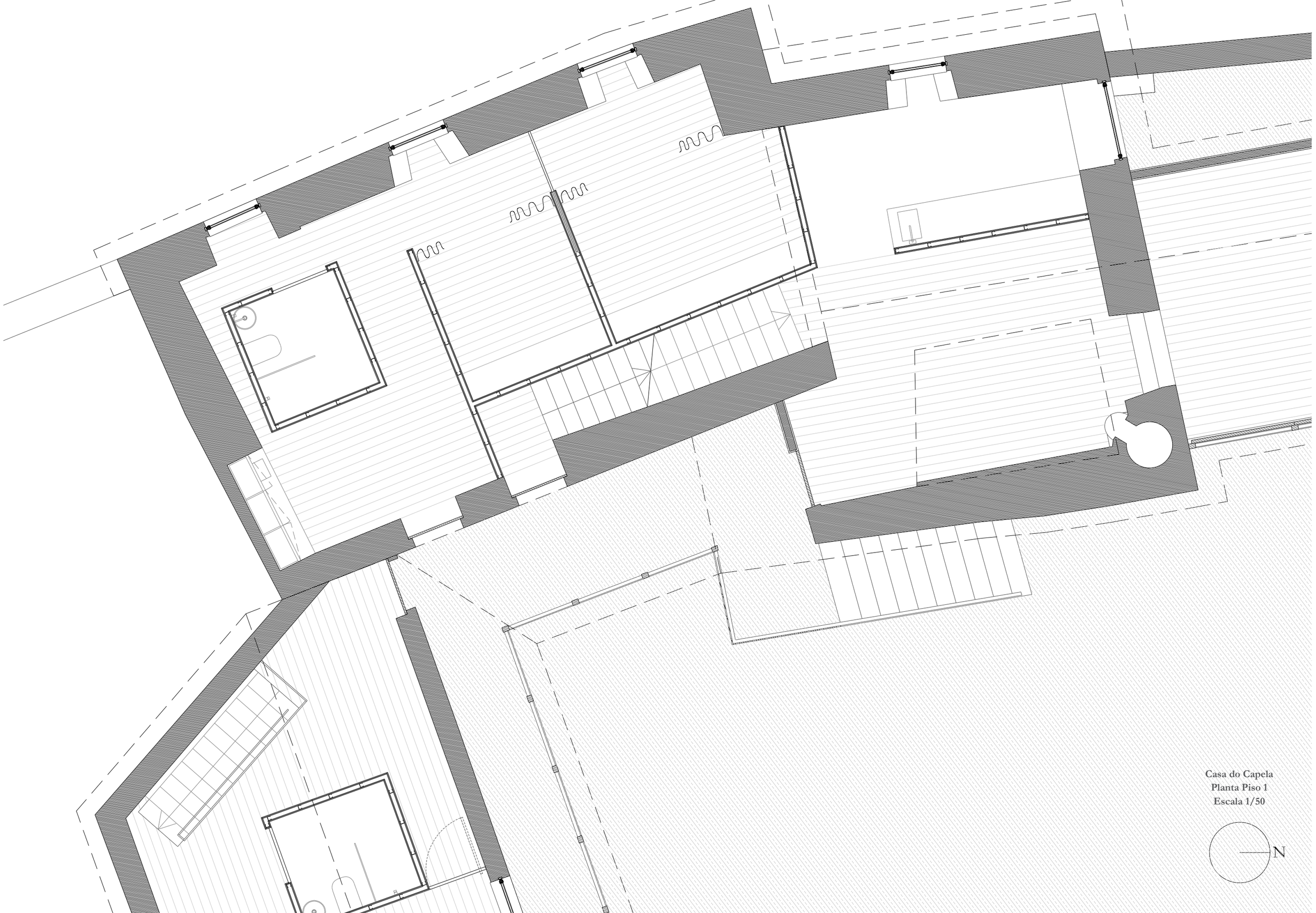
Casa do Capela
Alçado Nascente [c]
Escala 1/100



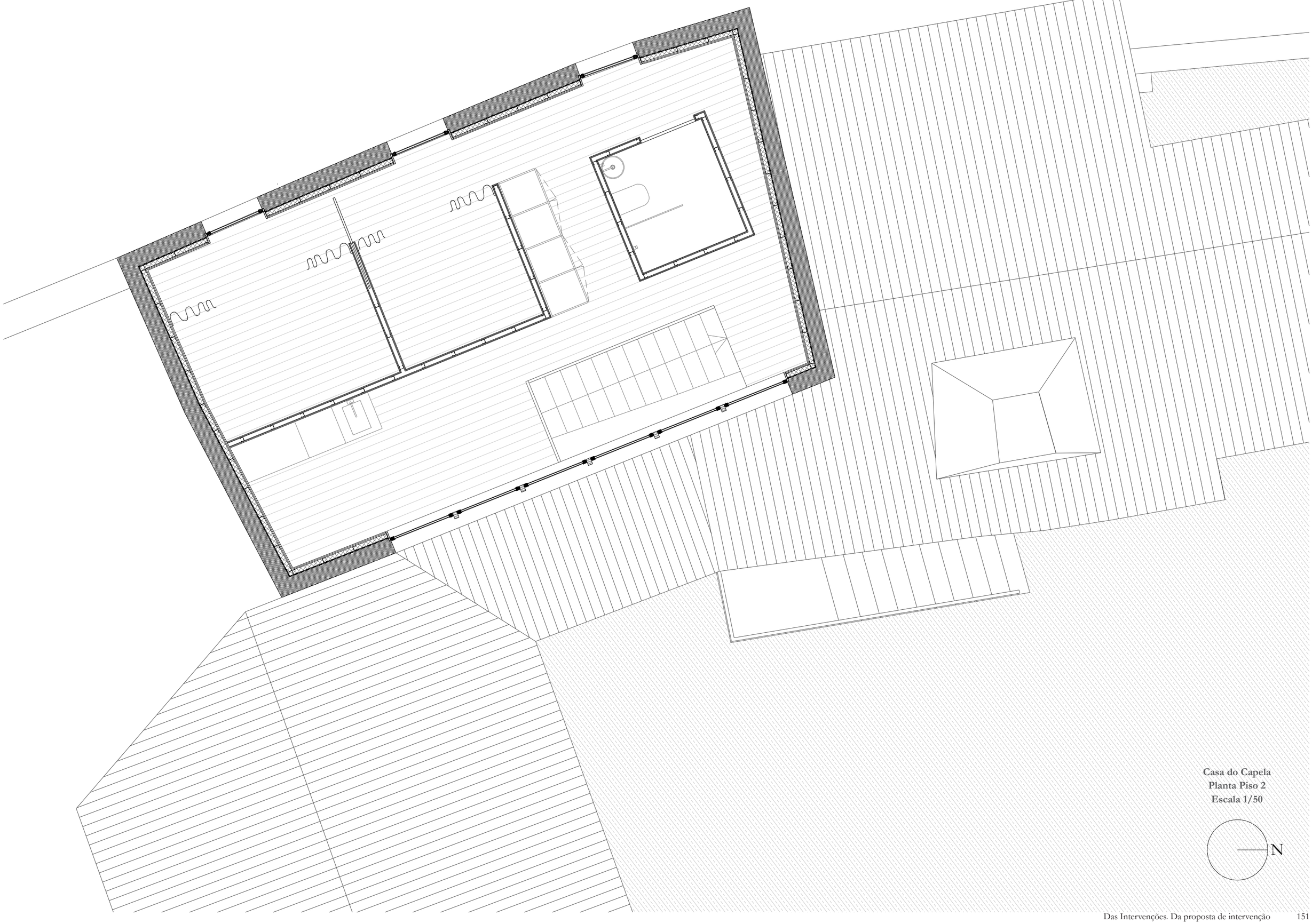


Casa do Capela
Planta Piso 0
Escala 1/50

N



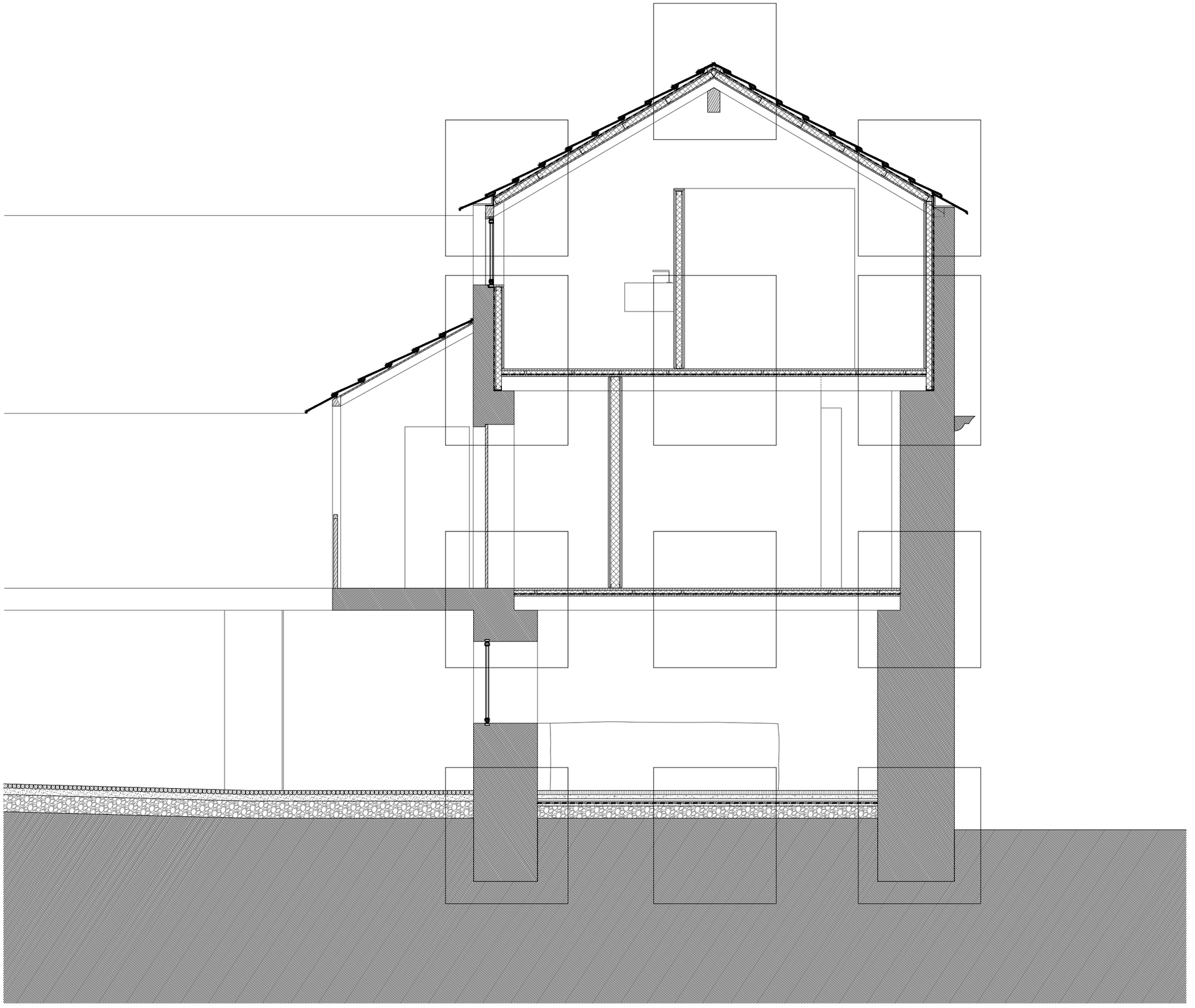
Casa do Capela
Planta Piso 1
Escala 1/50

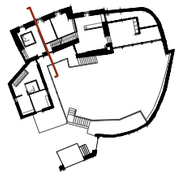


Casa do Capela
Planta Piso 2
Escala 1/50

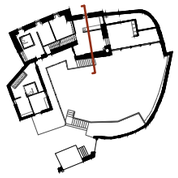
N

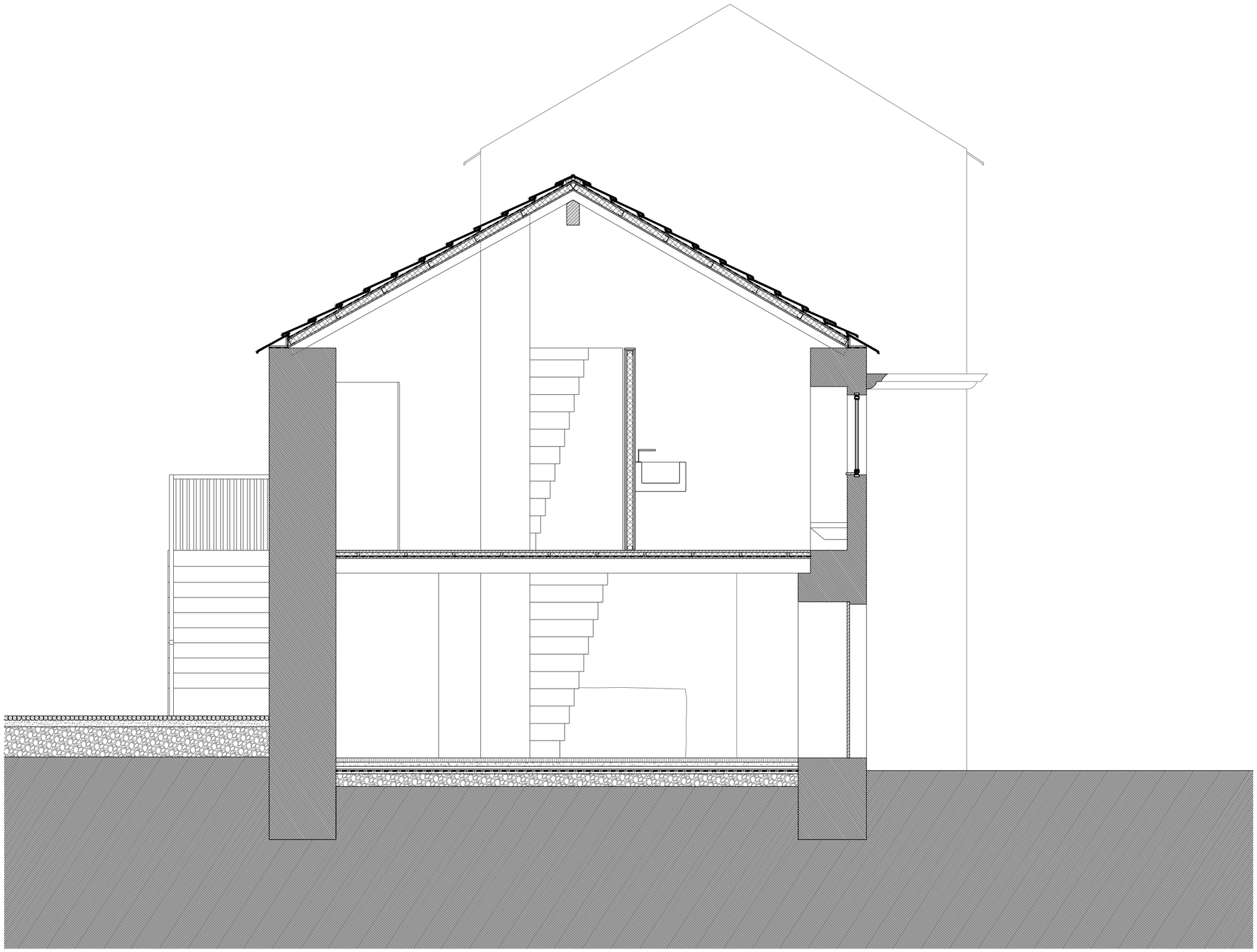
Casa do Capela
Corte [a]
Escala 1/50



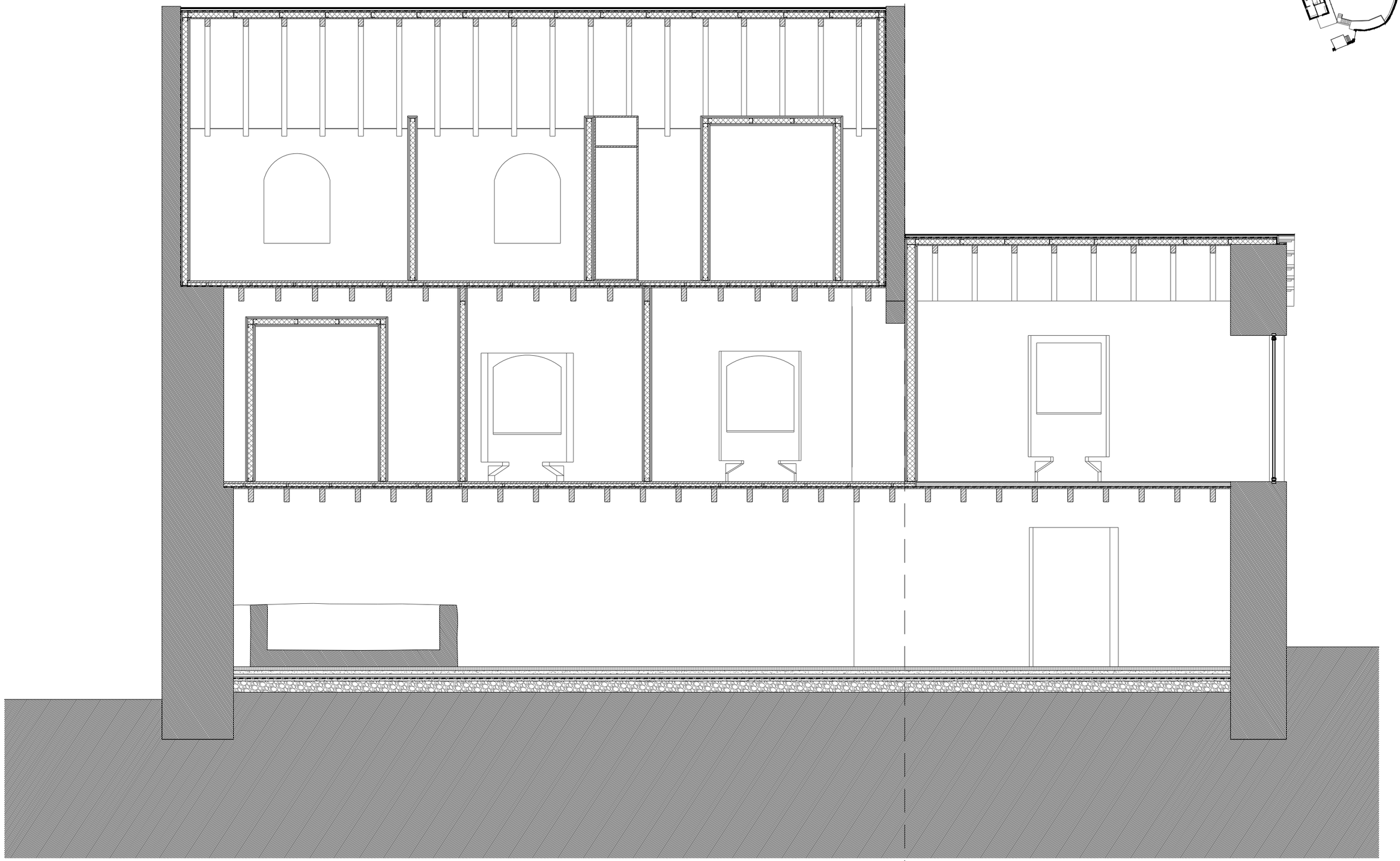


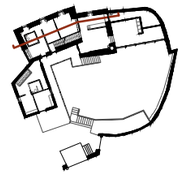
Casa do Capela
Corte [b]
Escala 1/50



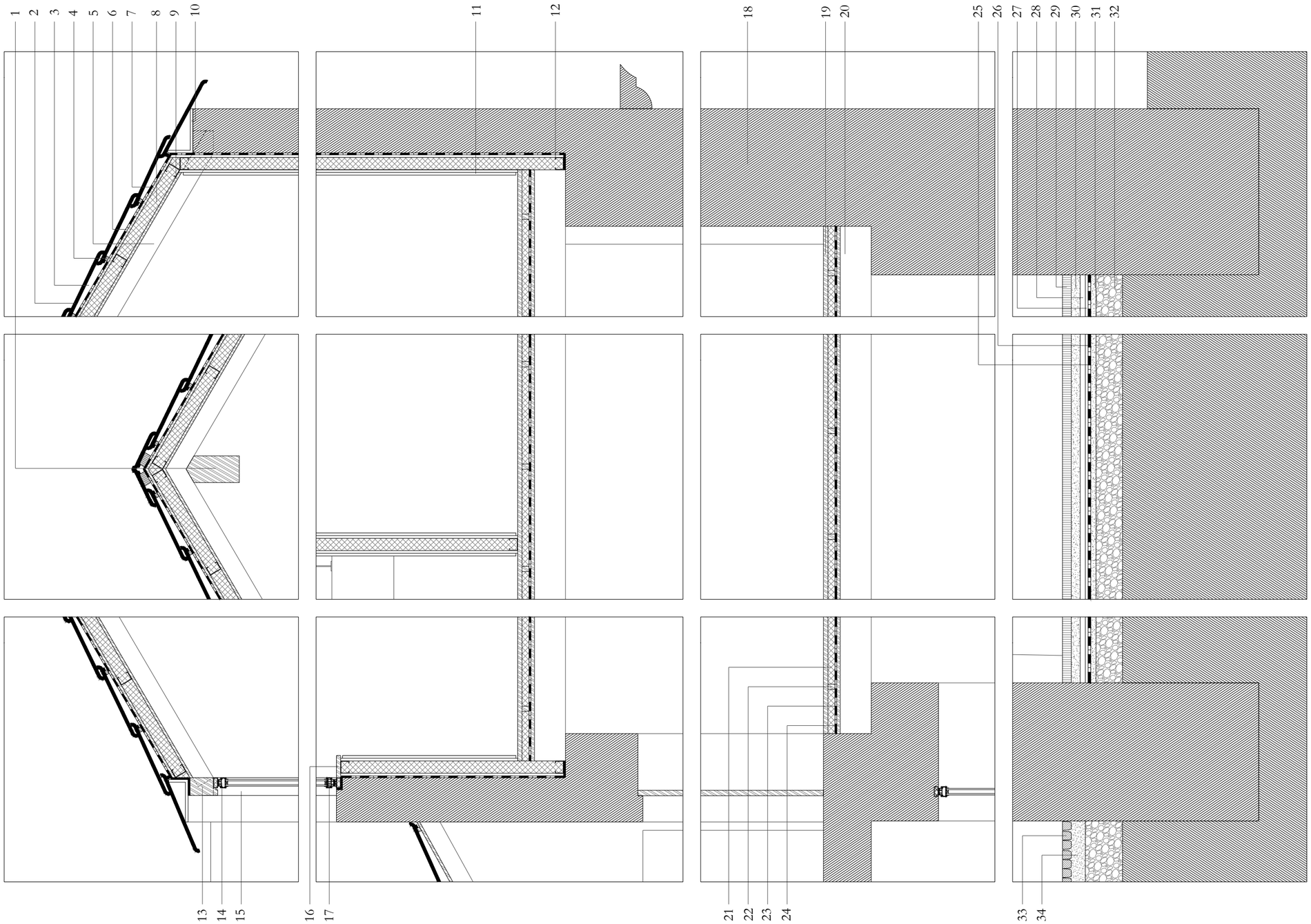


Casa do Capela
Corte [c]
Escala 1/50





Casa do Capela
Corte [a]
Escala 1/20



1. Fileira
2. Telha cerâmica
3. Espaço de ar ventilado
4. Barrote de suporte em madeira
5. Vara em madeira
6. Tela asfáltica
7. Forro em madeira
8. Isolamento térmico
9. Forro em madeira
10. Perfil metálico
11. Placa de gesso cartonado
12. Perfil metálico
13. Viga em madeira
14. Perfil tubular
15. Prumo em madeira
16. Peça em madeira
17. Caixilho
18. Parede em alvenaria de pedra
19. Soalho
20. Viga em madeira
21. Isolamento térmico
22. Estrutura de suporte
23. Barreira pára-vapor
24. Forro em madeira
25. Geotêxtil
26. Tela asfáltica de impermeabilização
27. Filme de polietileno
28. Regularização
29. Pavimento em microcimento
30. Betonilha
31. Camada de areia
32. Caixa de brita
33. Pavimento em micro-cubo
34. Tout-venant

Considerações Finais

> *"(...) as coisas encontraram-se, estão em si. Porque são, o que querem ser. E a arquitectura é feita para nós a utilizarmos. Não é nenhuma das Belas Artes. Acho que esta também é a tarefa mais nobre da arquitectura, o facto de ela ser uma arte para ser utilizada. Mas o mais belo é quando as coisas se encontram, quando se harmonizam. Formam um todo. O lugar, a utilização e a forma. A forma remete para o lugar, o lugar é este e a utilização é esta."*[1]

A relevância da investigação teórica, que, num balanço conclusivo, consideramos ter sido fundamental para a concepção e desenvolvimento do projecto, mas também, sobretudo, para a compreensão mais exacta da região e território onde se estabelece o objecto de estudo e da utilidade que o contexto rural tem na forma como se sabe manter, fez com que a construção desta Dissertação se debruçasse, em grande parte, sobre essa mesma pesquisa - à qual se associou, então, o projecto. Como reitera Manuel Mendes:

> *"(...) Definitivamente estava dado o mote para um futuro que sempre fora: na prática do projecto, o que importa é a investigação que, no mundo empírico circunstante, liberta poeticamente a imaginação e aí recolhe os materiais a interpretar para a construção da arquitectura."*[2]

De facto, é evidente que a reflexão teórica condicionou e, sobretudo, moldou a resposta prática, o que, não obstante a validade desta metodologia, não rejeita a absoluta pertinência e participação, ao longo da prova, do exercício de projecto. Acreditamos que o projecto, ainda que seja a resposta às reflexões e o resultado das hipóteses experimentadas, não é um produto fechado e acabado, mas sim uma porta para renovadas estratégias e soluções de readaptação e reconversão da *casa do Capela* a testar e a evoluir num futuro próximo. Por essa razão, estamos conscientes de que este exercício de projecto não revela a solução ideal para o problema, mas, apesar disso, acreditamos na utilidade do nosso trabalho desenvolvido ao longo deste processo que nos permite estar, por esta altura, mais próximos daquilo que influi sobre este território e que a *casa do Capela* precisa para se renovar e actualizar. Efectivamente, o projecto quis ser condicionado por esse estudo teórico que, ao longo da Dissertação, estabelece um fio condutor que articula o discurso, revela uma postura crítica e aponta uma direcção no sentido da intervenção e reinterpretação da *casa do Capela*, que posteriormente os desenhos validam e confirmam.

---

1 Peter Zumthor, *Atmosferas: entornos arquitectónicos: as coisas que me rodeiam*, pág. 69;
2 Manuel Mendes, Terra quanto a vejas, casa quanto baste, *Só nós e Santa Tecla*, pág. 136;

Indirectamente, a exposição prática está, de facto, integrada no trabalho de pesquisa desenvolvido, que, embora tivesse sido a prioridade, nunca se dissociou do desenho, do esquisso. Nunca se distancia do objecto de estudo, daquilo que se pretende (re)criar. Esse é, sempre, o propósito da investigação.

"O projecto é o manifesto de uma presença que há-de vir."[3], como afirma Manuel Mendes.

A motivação desta Dissertação, ainda que a primeira aproximação a este lugar tenha incidido sobre um coberto esquecido e abandonado que, no sentido de conjugar o existente com a nova arquitectura, admitia, além da sua própria recuperação, a construção de uma habitação de raiz, prendeu-se, em todo o caso, com a oportunidade de desenvolver um projecto de reconversão e reinterpretação de uma estrutura existente. Um projecto para a família e uma estrutura em falência, a *casa do Capela*, que através da readaptação e reorientação do seu uso actual assumiria um novo e importante papel dentro dessa mesma lógica da casa de família e para a família à qual se pretende dar continuidade.

Numa perspectiva de intervenção numa estrutura que já existe, o confronto entre estas duas realidades contrastantes foi, ao longo da Dissertação, um dos pontos sobre os quais mais nos debruçámos. A simbiose entre o antigo e a nova arquitectura, a permanência do carácter essencial da pré-existência e a conjugação de duas abordagens que, associadas, valorizar-se-iam mutuamente decorreram, portanto, de uma absoluta convicção na utilidade e no papel do contexto rural; de uma absoluta convicção no composto que pode e deve resultar da coexistência e cruzamento dessas duas abordagens inversas.

Independentemente da dedicação e do entusiasmo com que desenvolvemos este trabalho, é factual que uma análise mais vasta, dentro das temáticas que foram abordadas, teria sido absolutamente benéfica para o produto final. Contudo, acreditamos e esperamos que essa fragilidade não invalide a pertinência da reflexão nem minimize o sentido da responsabilidade, a exigência e o valor do trabalho apresentado. *"Se o objectivo que nos propusemos não foi atingido, resta-nos pelo menos a certeza de o ter procurado por todos os meios ao nosso alcance."*[4].

É certo que, na sequência dessa percepção de que um estudo mais alargado e aprofundado teria enriquecido significativamente o trabalho apresentado e numa perspectiva de investigações futuras, este trabalho desdobra-se em algumas possibilidades de lhe ser dada continuidade que me têm suscitado algum interesse, entre as quais uma abordagem assumidamente teórica que expusesse sobre *A casa popular rural portuguesa: alto Minho*. Este conteúdo, que obviamente dá seguimento ao trabalho desenvolvido nesta Dissertação, permitiria, por ser um tema abrangente, objectivo e sobre o qual já foram feitos vários estudos, aprofundar alguns dos temas falados, sobretudo o da arquitectura popular em Portugal, da qual se conservam intactos, ainda, vários

3 Op. cit., pág. 121;
4 *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, pág. 5;

casos ilustrativos.

> *"Só se ama aquilo que se conhece. É também de uma história de amor que este livro trata: amor pela paisagem, amor pelo território, amor pela arquitectura nascida deste "chão duro e ruim", de que falou Miguel Torga e que Orlando Ribeiro tão bem compreendeu. É desse amor que tem de nascer a vontade de imaginar um futuro para o passado. E é talvez essa a principal mensagem deste livro, hoje."*
>
> [Helena Roseta, Prefácio da 4ª Edição, *Arquitectura Popular em Portugal*, dois volumes, 2004]

Referências Bibliográficas

Livros consultados/utilizados:

Pedro Alarcão, *Construir na ruína: a propósito da cidade romanizada de Conímbriga*, Porto, FAUP Publicações, 2009, [Dissertação de Doutoramento em Arquitectura];

Pedro Alarcão, *Construir na ruína: entre a reconstituição e a reabilitação*, Porto, FAUP Publicações, 2018;

Giorgio Grassi, *La Arquitectura como oficio y otros escritos*, Barcelona, Gustavo Gili, 1980;

[AA.VV.], I Seminário Internacional de Arquitectura en Compostela, *Proyecto y ciudad historica*, Santiago de Compostela, Colegio Oficial de Arquitectos de Galicia, 1976;

Luis Martínez Santa-Maria, *Intersecciones*, Madrid, Rueda, 2004;

Peter Zumthor, *Atmosferas : entornos arquitectónicos : as coisas que me rodeiam*, Barcelona, Gustavo Gili, 2006;

Cesare Brandi, *Teoria del Restauro*, Torino, Giulio Einaudi, 1977;

Ignasi de Sola-Morales, *Presente y futuros. La arquitectura en las ciudades*, Barcelona, 1996;

Francisco de Gracia, *Construir en lo construido: la arquitectura como modificación*, Madrid, Nerea, 2001;

Fernando Távora, *Da organização do espaço*, Porto, FAUP Publicações, 1996;

Ignasi de Sola-Morales, Del contraste a la analogía. Transformaciones en la concepción de la intervención arquitectónica, *Intervenciones*, Barcelona, Gustavo Gili, 2006;

Ignasi de Sola-Morales, Teorías de la intervención arquitectónica, *Intervenciones*, Barcelona, Gustavo Gili, 2006;

Nuno Portas, *Conservar renovando ou recuperar revitalizando*, Coimbra, Museu Nacional de Machado de Castro, 1983;

Luis Martínez Santa-Maria, *El árbol, el camino, el estanque, ante la casa*, Barcelona, Caja de Arquitectos, 2004;

Associação dos Arquitectos Portugueses, *Arquitectura Popular em Portugal*, 2ª edição, Lisboa, Associação dos Arquitectos Portugueses, 1980;

Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico, *Arquitectura e patrimonio : memoria del futuro : una reflexion sobre la relación entre patrimonio y arquitectura*, Sevilla, J.A.Universidades de Alcala y Valadolid, 1994;

Manuel Mendes, *Da intervenção na cidade histórica – longa duração e desenho : destruição-imitação/conservação-inovação/modificação-projecto*, Encontros AAP – Habitação, 1998;

Suzanne Daveau, *Portugal geográfico*, 1ª edição, Lisboa, Sá da Costa, 1995;

Orlando Ribeiro, *Portugal : o mediterrâneo e o atlântico*, Lisboa, Ed. João Sá da Costa, 1993;

José Mattoso, Suzanne Daveau, *Portugal - O Sabor da Terra : Minho*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1997;

José Mattoso, Suzanne Daveau, *Portugal - O Sabor da Terra : um retrato histórico e geográfico por regiões*, 4ª edição, Maia, Círculo de Leitores, 2013;

Orlando Ribeiro, *Geografia e Civilização : temas portugueses*, 4ª edição, Lisboa, Letra Livre, 2013;

Aníbal Guimarães da Costa, *A Intervenção no Património : Práticas de Conservação e Reabilitação*, 2º Seminário, 2º volume, Porto, FEUP, 2005;

Françoise Choay, *Alegoria do Património*, 2ª edição, Lisboa, Edições 70, 2010;

António Menéres, *Arquitecturas populares : memórias do tempo e do património construído*, Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, CMAV, 2013;

Mário João Mesquita, *António Menéres : dos anos do inquérito à arquitectura regional portuguesa*, Porto, FAUP Publicações, 2006;

Maria Caballos Rufino, *Rehabilitación y ciudad historica : 1er curso de rehabilitación del C.O.A.A.O.*, Sevilla, C.O.A.A.O., 1982;

Fernando Távora, José Bernardo Távora, *Fernando Távora : percurso/a life long trail*, Lisboa, Centro Cultural de Belém, 1993;

Álvaro Siza Vieira, *01 textos (ed. Carlos Campos Morais)*, Porto, Civilização, 2009;

Alexandre Alves Costa, Sergio Fernandez, *Atelier 15 (ed. José Manuel das Neves)*, Lisboa, Uzina books, 2014;

Luiz Trigueiros, *Eduardo Souto Moura (textos de Paulo Pais, António Angelillo)*, Lisboa, Blau, 1994;

Luiz Trigueiros, *Fernando Távora (artigos de Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza Vieira, Bernardo Ferrão, Eduardo Souto Moura)*, Lisboa, Blau, 1993;

José Miguel Rubio, Nuno Brandão Costa : Arquitectura 1998 - 2009, *TC Cuadernos*, nº 90, Valencia, General de Ediciones de Arquitectura, 2009;

John Ruskin, *Las siete lâmparas de la arquitectura*, Barcelona, Alta Fulla, 1987;

Orlando Ribeiro, *Opúsculos geográficos*, Lisboa, F.C.G., 1989-90;

Paula André, Carlos Sambricio, *Arquitectura popular : tradição e vanguarda*, Lisboa, DINÂ-MIA'CET-IUL, 2016;

Antonio Esposito, Giovanni Leoni, *Fernando Távora : opera completa*, Milano, Electa, 2005;

[**AA.VV.**], *Só nós e Santa Tecla : a casa de Caminha de Sergio Fernandez*, Porto, Dafne, 2008;

Sérgio Fernandez, *Percurso : arquitectura portuguesa : 1930-1974*, prefácio de Alexandre Alves Costa, 2ª Edição, Porto, FAUP Publicações, 1988;

Joseph Rykwert, *A casa de Adão no paraíso : a ideia da cabana primitiva na história da arquitetura*, São Paulo, Perspectiva, 2003;

Guido Beltramini, Italo Zannier, *Carlo Scarpa : architecture atlas*, Venezia, Regione del Veneto, 2006;

Revistas:

Francesco Dal Co, *Casabella*, nº 722, Milano, Maio de 2004;
Francesco Dal Co, *Casabella*, nº 498-499, Milano, Janeiro-Fevereiro de 1984;
António Fonseca Ferreira, *Sociedade e Território*, nº2, Porto, Fevereiro de 1985;
Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona, *Annals d'arquitectura*, nº 7, Barcelona, 2001;
Michel Toussaint, *J-A: Jornal dos Arquitectos*, nº 213, Lisboa, Ordem dos Arquitectos, Dezembro de 2003;
Juan Luis Trillo de Leyva, *Periferia*, nº2, Sevilha, Colegio Oficial de Arquitectos de Andalucia Occidental, Dezembro de 1984;
Luis Fernández-Galiano, *Arquitectura Viva*, nº110, Setembro-Outubro 2006;
Antonio Fernández-Alba, *Astrágalo*, nº 7, Madrid, Celeste Ediciones, 1997;
Arquitectura, nº 259, Madrid, Março-Abril de 1986;
Arquitectura, nº 271-272, Madrid, Março-Junho de 1988;

Websites:

https://www.publico.pt/2018/02/25/culturaipsilon/entrevista/o-bonito-o-feio-o-janota-e-o--efeito-miles-davis-na-arquitectura-1804242/amp#;
https://www.revistapunkto.com/2016/07/a-relacao-entre-teoria-e-pratica-em.html;
http://www.arqpop.arq.ufba.br/tags/arquitetura-erudita;

Créditos de Imagens

1. Arquivo pessoal;
2. Imagem retirada do GoogleMaps;
3. Arquivo pessoal;
4. António Menéres, *Arquitecturas populares: memórias do tempo e do património construído*, pág. 19;
5. Arquivo pessoal;
6. Arquivo pessoal;
7. Arquivo pessoal;
8. *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, págs. 66-67;
9. *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, pág. 65;
10. *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, pág. 70;
11. Arquivo pessoal;
12. Orlando Ribeiro, *Portugal : o mediterrâneo e o atlântico*, pág. 4;
13. Antonio Esposito, Giovanni Leoni, *Fernando Távora: opera completa*, pág. 250;
14. Antonio Esposito, Giovanni Leoni, *Fernando Távora: opera completa*, pág. 63;
15. Arquivo pessoal;
16. Arquivo pessoal;
17. *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, pág. 52;
18. *Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal*, págs. 42-43;
19. Arquivo pessoal;
20. Arquivo pessoal;
21. Arquivo pessoal;
22. Arquivo pessoal;
23. Arquivo pessoal;
24. Arquivo pessoal;
25. Arquivo pessoal;
26. Arquivo pessoal;
27. Arquivo pessoal;
28. Arquivo pessoal;
29. Arquivo pessoal;
30. Arquivo pessoal;
31. Arquivo pessoal;
32. Arquivo pessoal;

33. Arquivo pessoal;

34. *Fernando Távora (editado por Luiz Trigueiros)*, pág. 162;

35. Fotografia cedida por Pedro Félix;

36. Revista *Arquitectura Viva*, nº110, pág. 29;

37. Francisco de Gracia, *Construir en lo construido: la arquitectura como modificación*, pág. 187;

38. Arquivo pessoal;

39. Revista *Arquitectura Viva*, nº110, pág. 26;

40. Revista *Arquitectura Viva*, nº110, pág. 27;

41. http://dienerdiener.ch/;

42. Guido Beltramini, Italo Zannier, *Carlo Scarpa : architecture atlas*, pág. 147;

43. Françoise Choay, *Alegoria do Património*, pág. 160*161;

44. Antonio Esposito, Giovanni Leoni, *Fernando Távora: opera completa*, pág. 219;

45. Antonio Esposito, Giovanni Leoni, *Fernando Távora: opera completa*, pág. 222;

46. *Fernando Távora (editado por Luiz Trigueiros)*, pág. 163;

47. *Fernando Távora (editado por Luiz Trigueiros)*, pág. 162;

48. Antonio Esposito, Giovanni Leoni, *Fernando Távora: opera completa*, pág. 223;

49. Antonio Esposito, Giovanni Leoni, *Fernando Távora: opera completa*, pág. 220;

50. Antonio Esposito, Giovanni Leoni, *Fernando Távora: opera completa*, pág. 222;

51. Antonio Esposito, Giovanni Leoni, *Fernando Távora: opera completa*, pág. 221;

52. https://www.brandaocosta.com/projetos/boucos/;

53. https://www.brandaocosta.com/projetos/boucos/;

54. https://www.brandaocosta.com/projetos/boucos/;

55. https://www.brandaocosta.com/projetos/boucos/;

56. https://www.brandaocosta.com/projetos/boucos/;

57. https://www.brandaocosta.com/projetos/boucos/;

58. https://www.brandaocosta.com/projetos/boucos/;

59. https://www.continuandoaprocura.com/aldeia-historica-idanha-a-velha/;

60. Alexandre Alves Costa, Sergio Fernandez, *Atelier 15 (editado por José Manuel das Neves)*, pág. 76;

61. http://picdeer.org/tag/alvescosta;

62. Alexandre Alves Costa, Sergio Fernandez, *Atelier 15 (editado por José Manuel das Neves)*, pág. 77;

63. http://d-arco.blogspot.com/2008/12/aalves-costa-srgio-fernandezr.html;

64. Alexandre Alves Costa, Sergio Fernandez, *Atelier 15 (editado por José Manuel das Neves)*, pág. 75;

65. Alexandre Alves Costa, Sergio Fernandez, *Atelier 15 (editado por José Manuel das Neves)*,

pág. 73;

66. http://d-arco.blogspot.com/2008/12/aalves-costa-srgio-fernandezr.html;

67. https://espacodearquitetura.com/projetos/reconversao-de-um-palheiro/;

68. http://ultimasreportagens.com/4.php;

69. https://www.archdaily.com.br/br/01-49428/reconversao-de-um-palheiro-em-corte-gaca-joao-mendes-ribeiro;

70. https://www.archdaily.com.br/br/01-49428/reconversao-de-um-palheiro-em-corte-gaca-joao-mendes-ribeiro;

71. https://espacodearquitetura.com/projetos/reconversao-de-um-palheiro/;

72. https://www.archdaily.com.br/br/01-49428/reconversao-de-um-palheiro-em-corte-gaca-joao-mendes-ribeiro;

73. http://ultimasreportagens.com/4.php;

74. https://www.archdaily.com.br/br/01-49428/reconversao-de-um-palheiro-em-corte-gaca-joao-mendes-ribeiro;

75. https://www.archdaily.com.br/br/01-49428/reconversao-de-um-palheiro-em-corte-gaca-joao-mendes-ribeiro;

76. https://www.archdaily.com.br/br/01-49428/reconversao-de-um-palheiro-em-corte-gaca-joao-mendes-ribeiro;

77. https://www.archdaily.com.br/br/01-49428/reconversao-de-um-palheiro-em-corte-gaca-joao-mendes-ribeiro;

78. Desenho do autor;

79. Desenho do autor;

80. Desenho do autor;

81. Desenho do autor;

82. Desenho do autor;

83. Desenho do autor;

84. Desenho do autor;

85. Desenho do autor;

86. Desenho do autor;

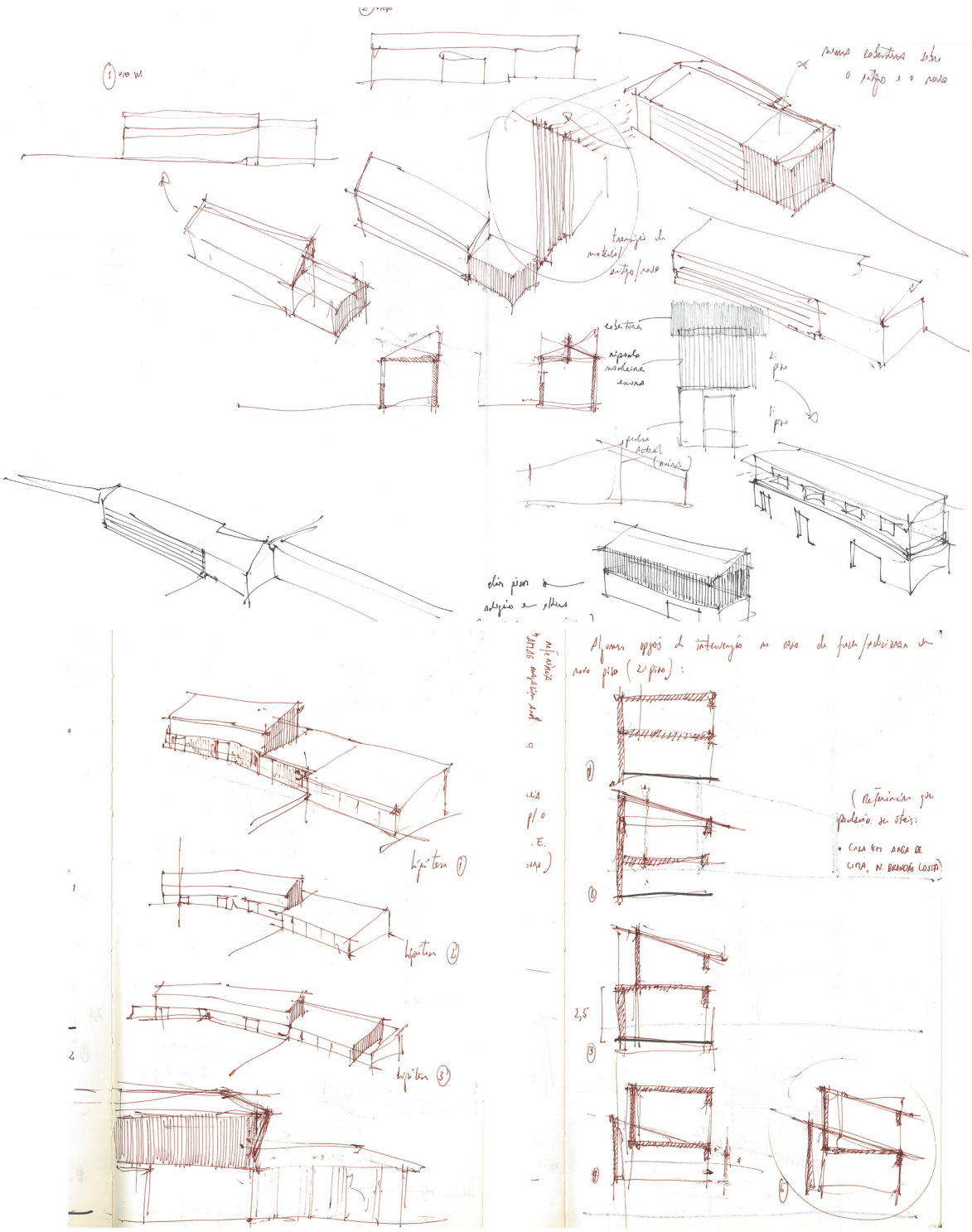
Lâminas:

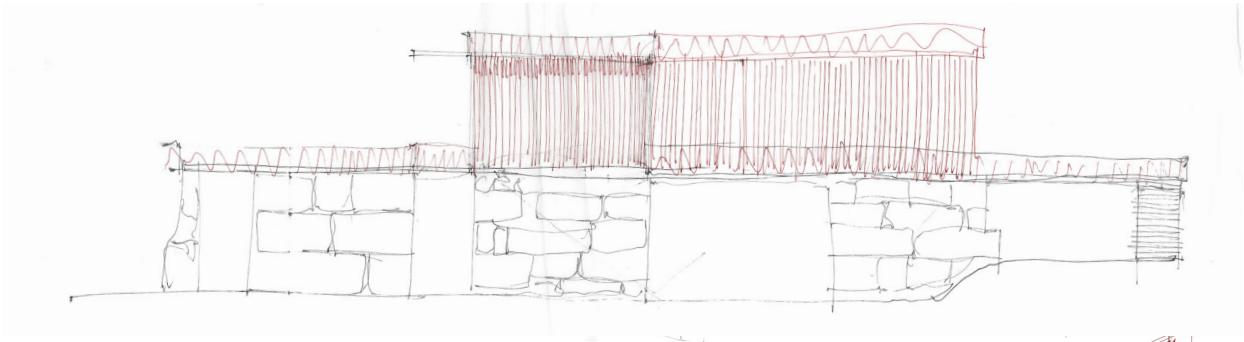
Lâmina I Fotografias do arquivo pessoal;
Desenhos do autor;

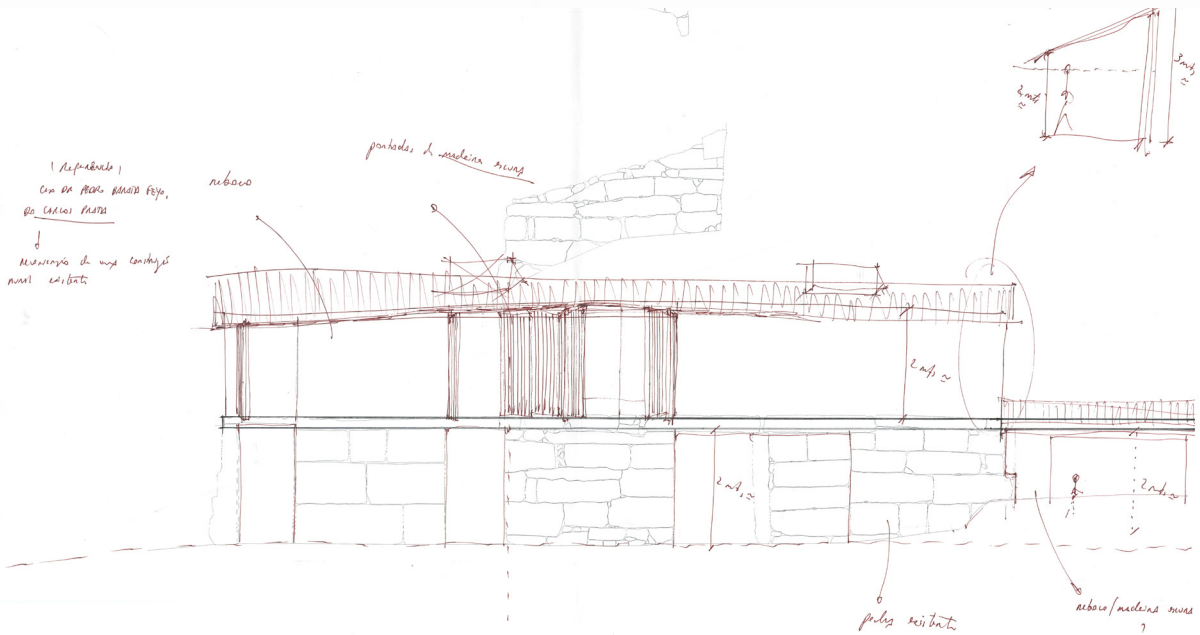
Lâmina II Desenhos de levantamento;

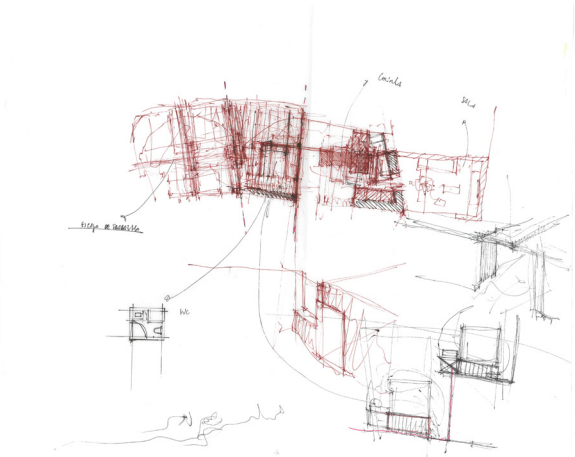
Anexos

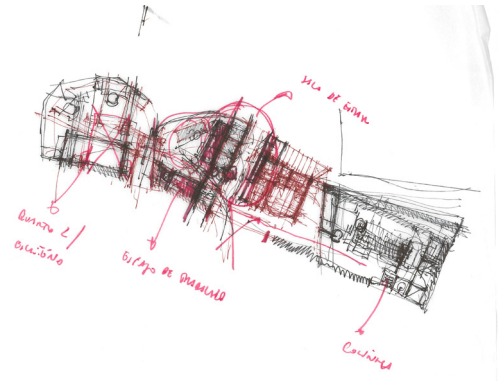
[Primeira fase da Dissertação]



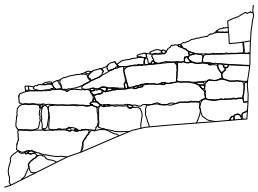



reboco
pontadas de madeira nova
reboco/madeira nova

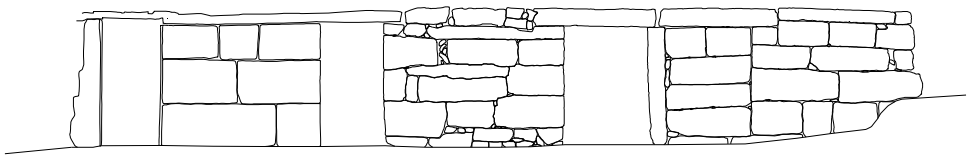




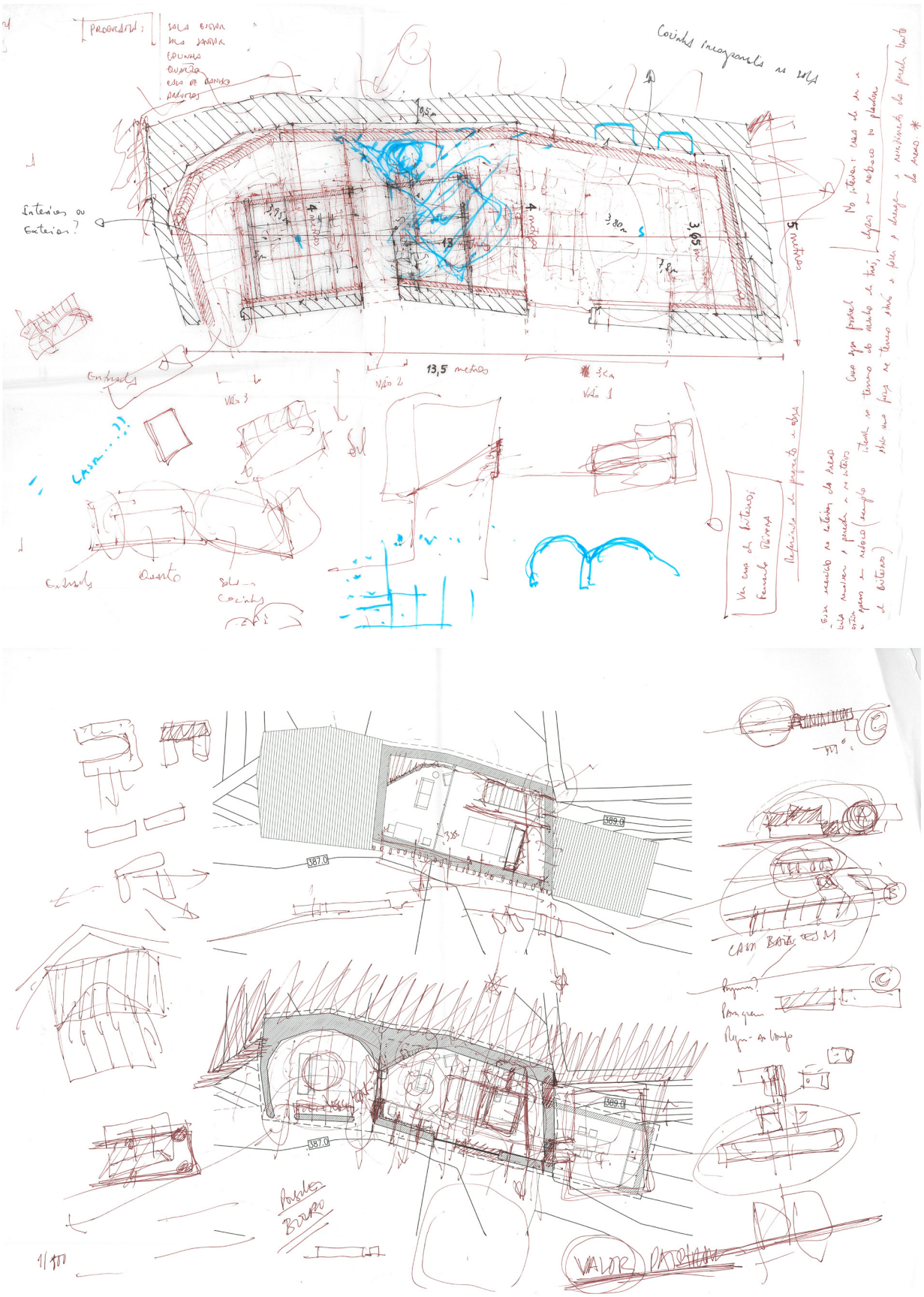
Alçado lateral [a]

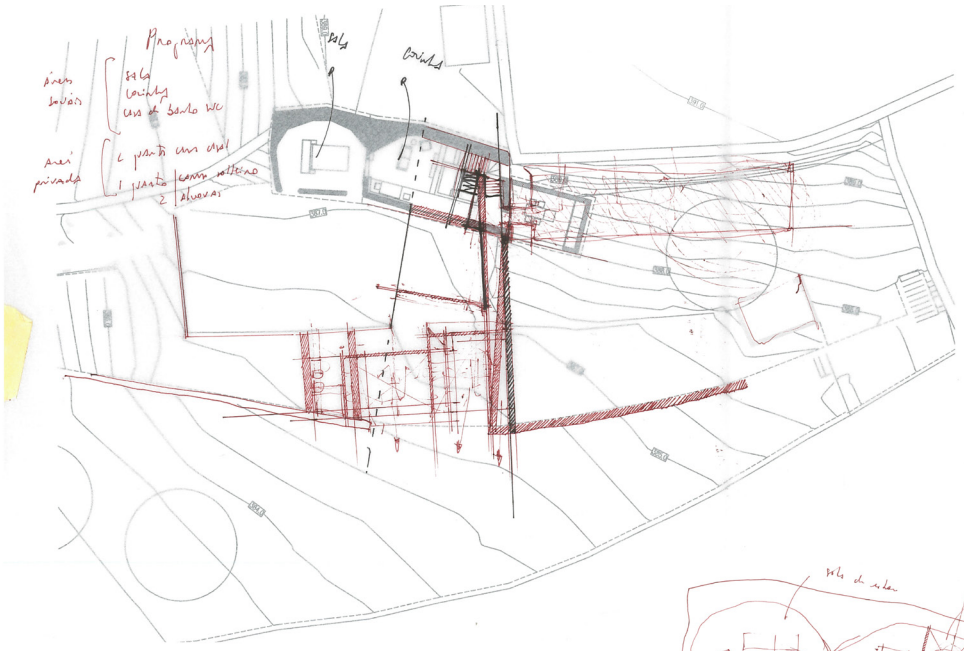


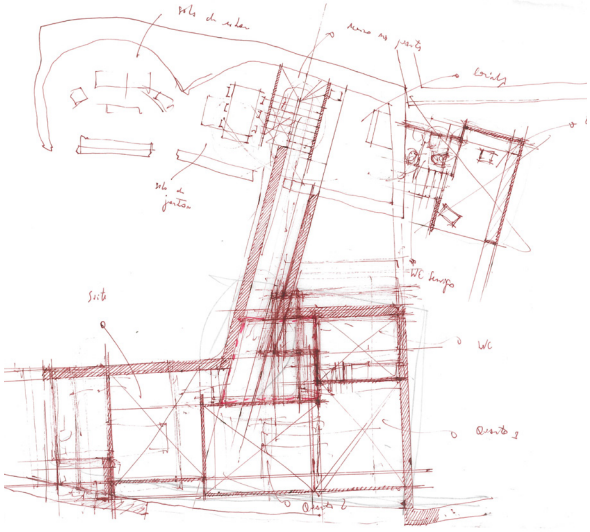
Alçado lateral [b]

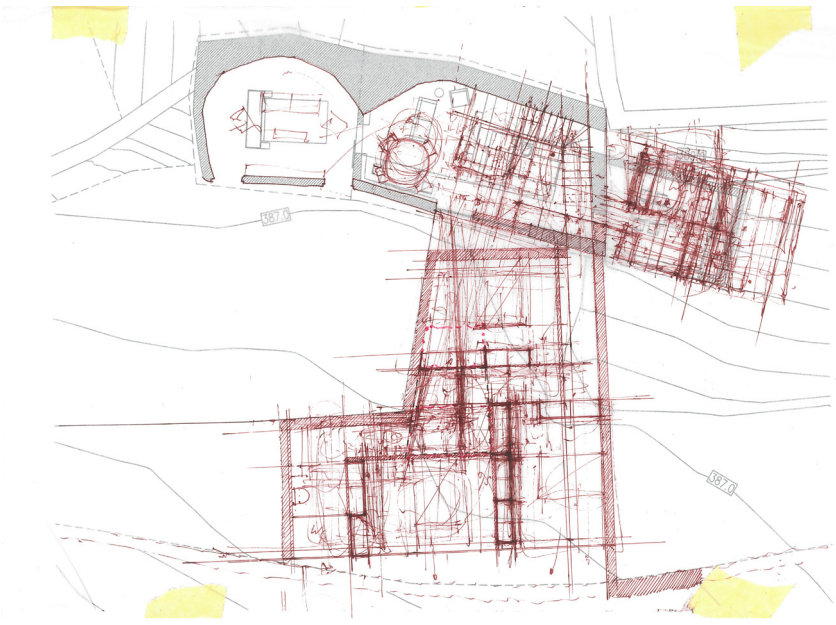


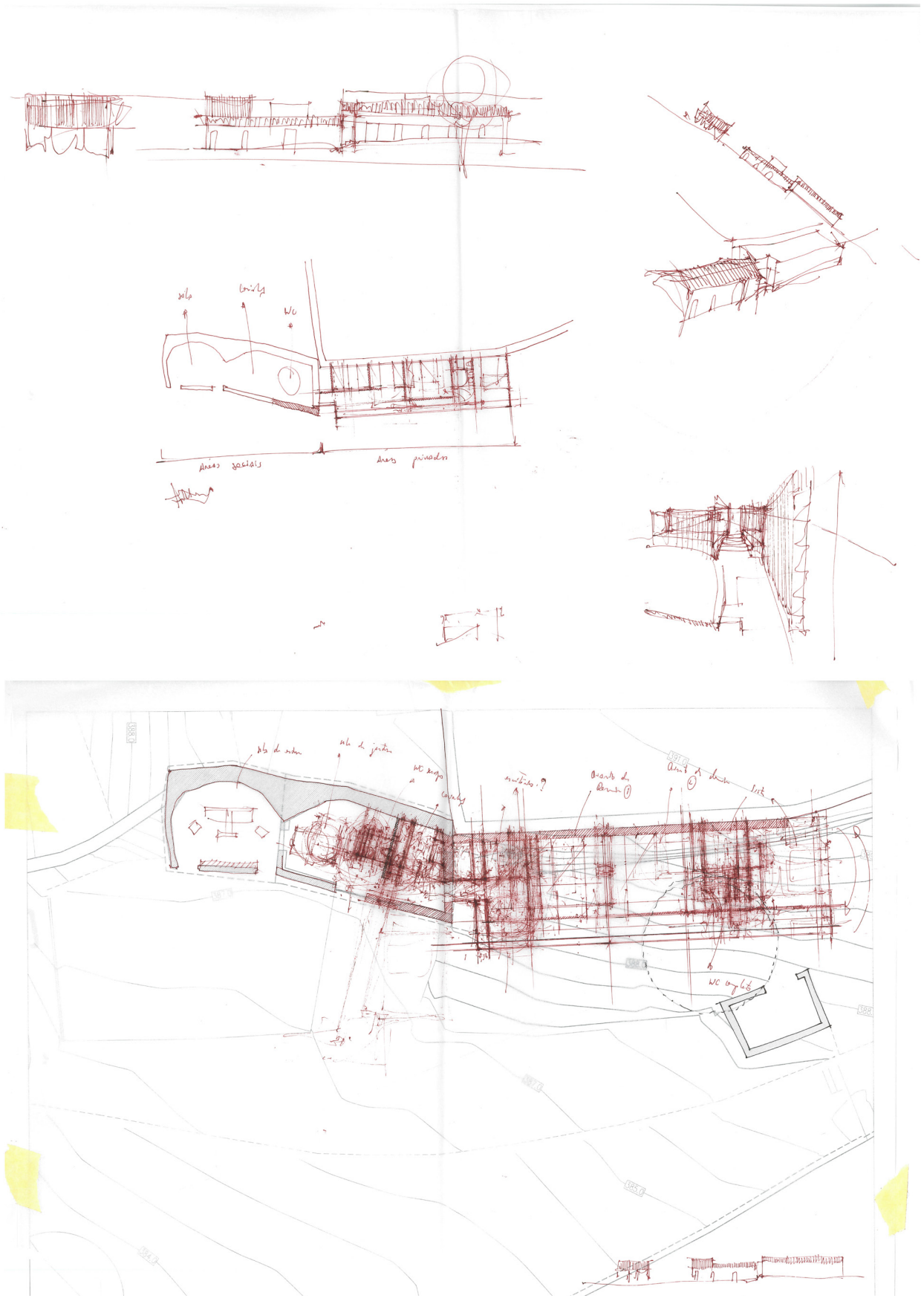
Alçado frente [c]

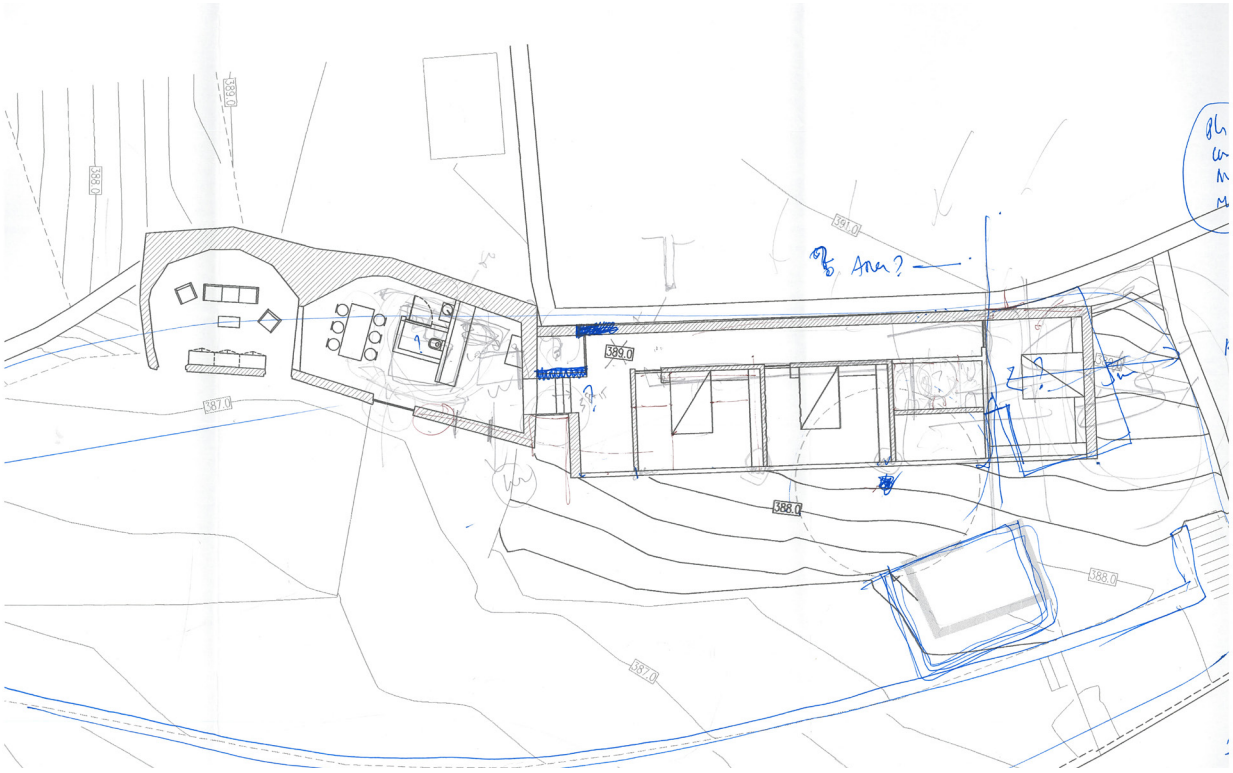

PROGRAMA:
Coisas incoerentes na sala
Interiores ou Exteriores?
13,5 metros
Vão 1
Vão 2
Vão 3
Entrada
Quarto
Sala
Cozinha
CASA...?!
Ver com os historiadores
Remover do projecto a obra
VALOR

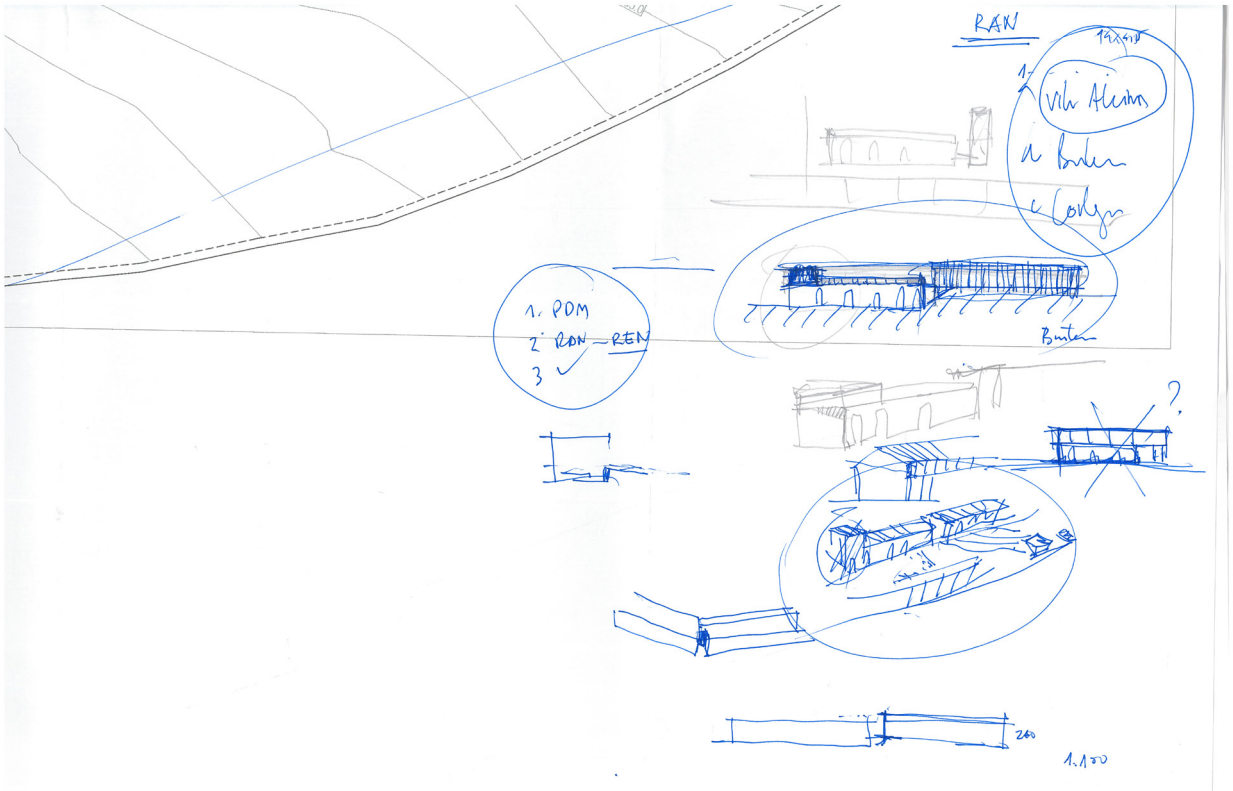

Propriedade
Área social
Área privada
Sala
Cozinha
Casa de banho WC
1 quarto com closet
1 quarto com terraço
2 alcovas


Sala de estar
Sala de jantar
Suite
WC
Quarto 1
Quarto 2



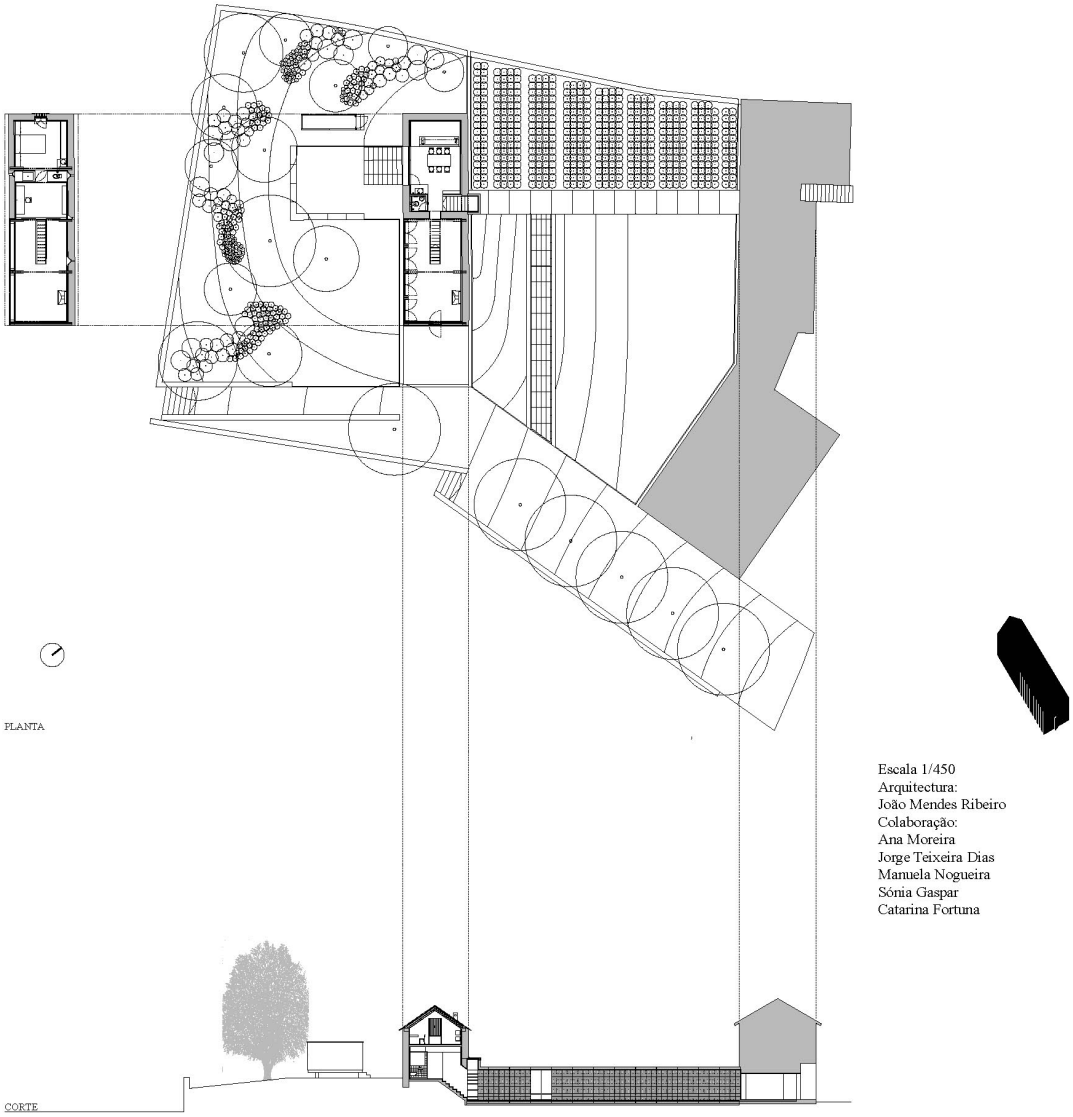

sala
WC
áreas sociais
área privada




RAN
1. PDM
2' RDN — REN
3

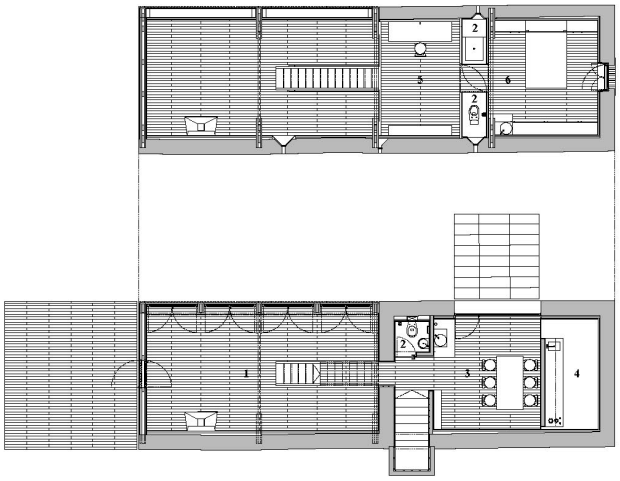
[Reconversão de um Palheiro, Cortegaça]

RECONVERSÃO DE PALHEIRO,
Cortegaça, Mortágua, 2000-2004

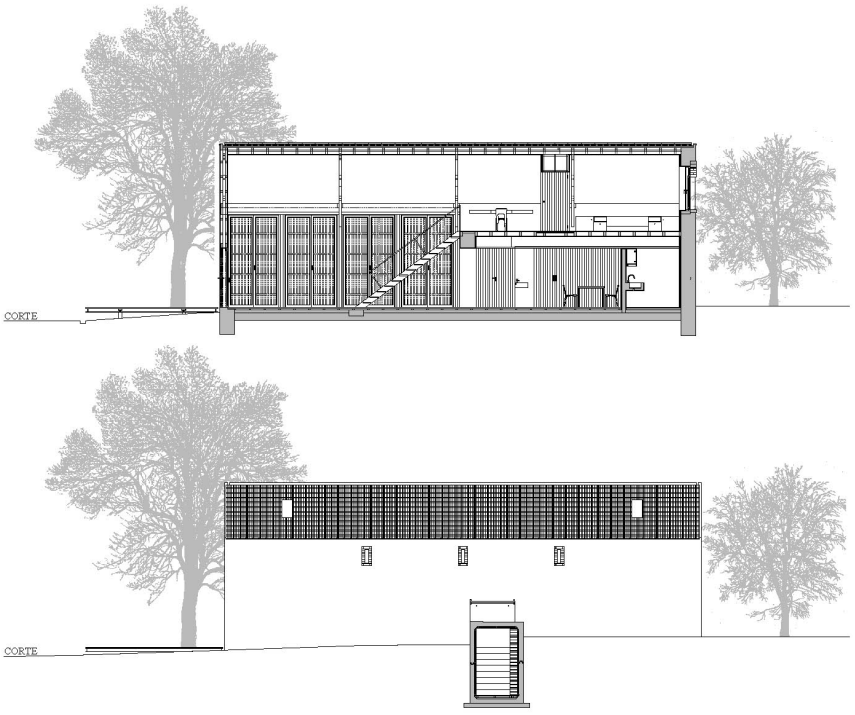


Escala 1/450
Arquitectura:
João Mendes Ribeiro
Colaboração:
Ana Moreira
Jorge Teixeira Dias
Manuela Nogueira
Sónia Gaspar
Catarina Fortuna

RECONVERSÃO DE PALHEIRO,
Cortegaça, Mortágua, 2000-2004

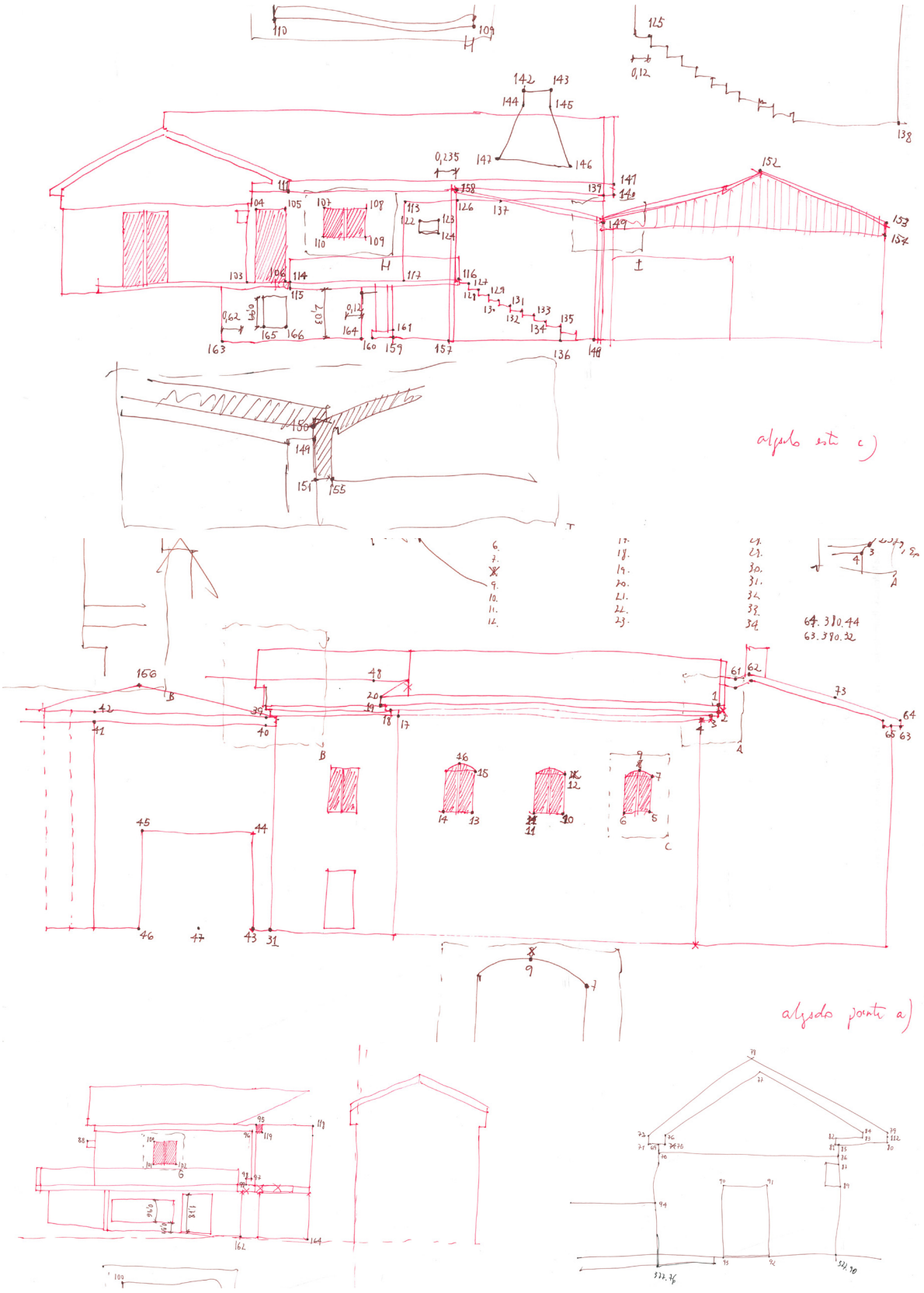


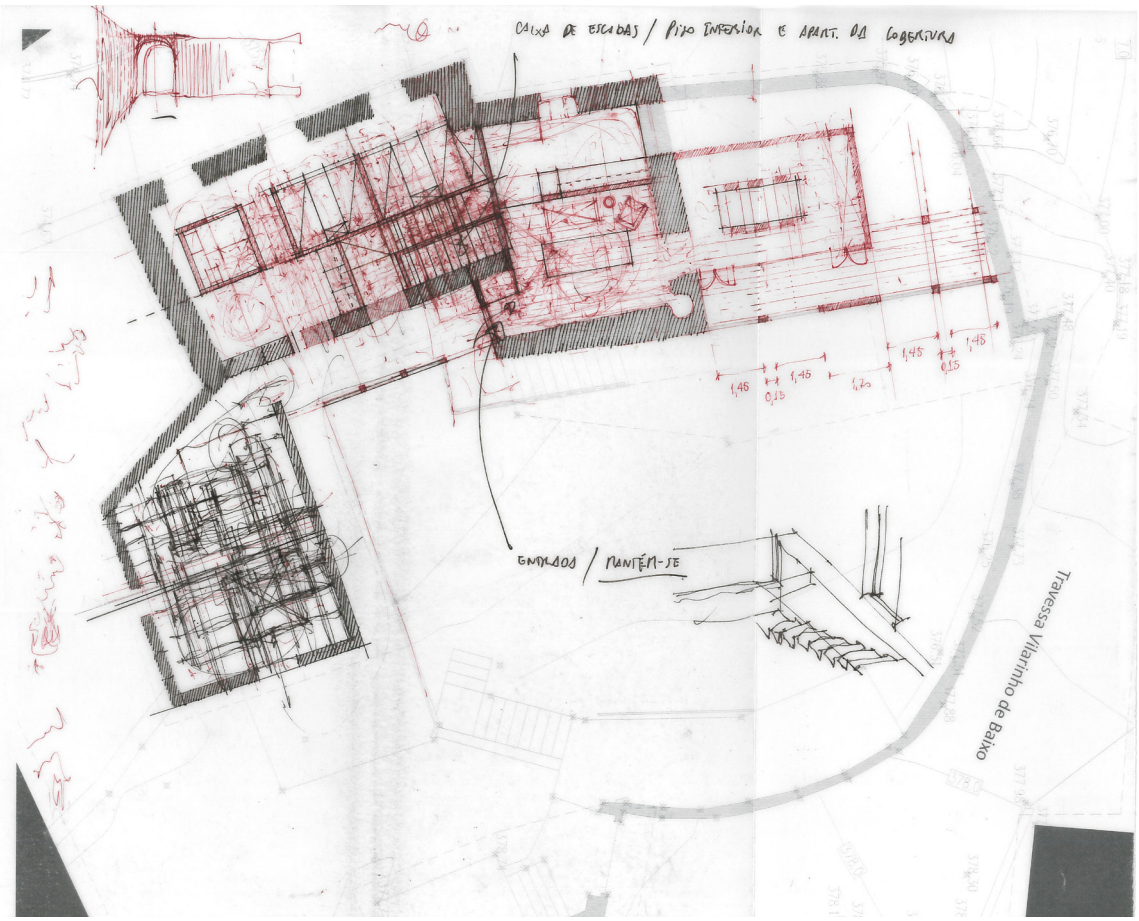
1. Sala
2. Quarto de banho
3. Sala de jantar
4. Cozinha
5. Escritório
6. Quarto de dormir

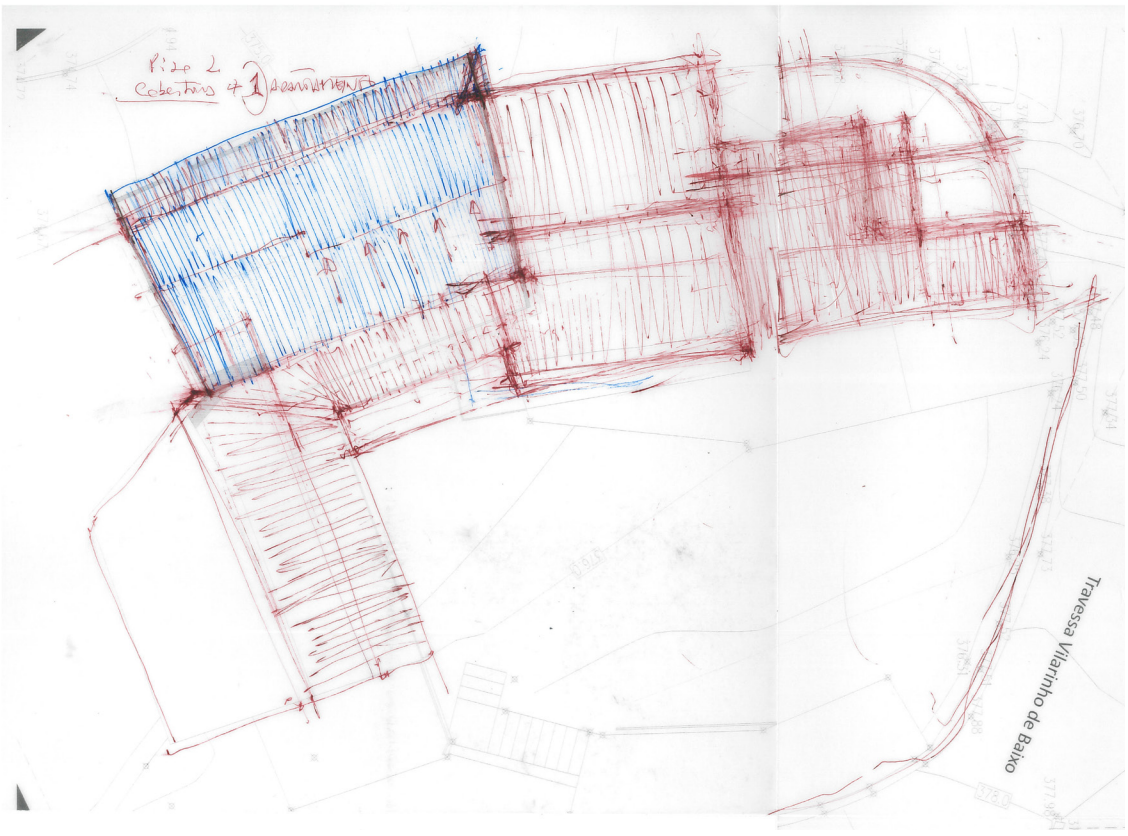


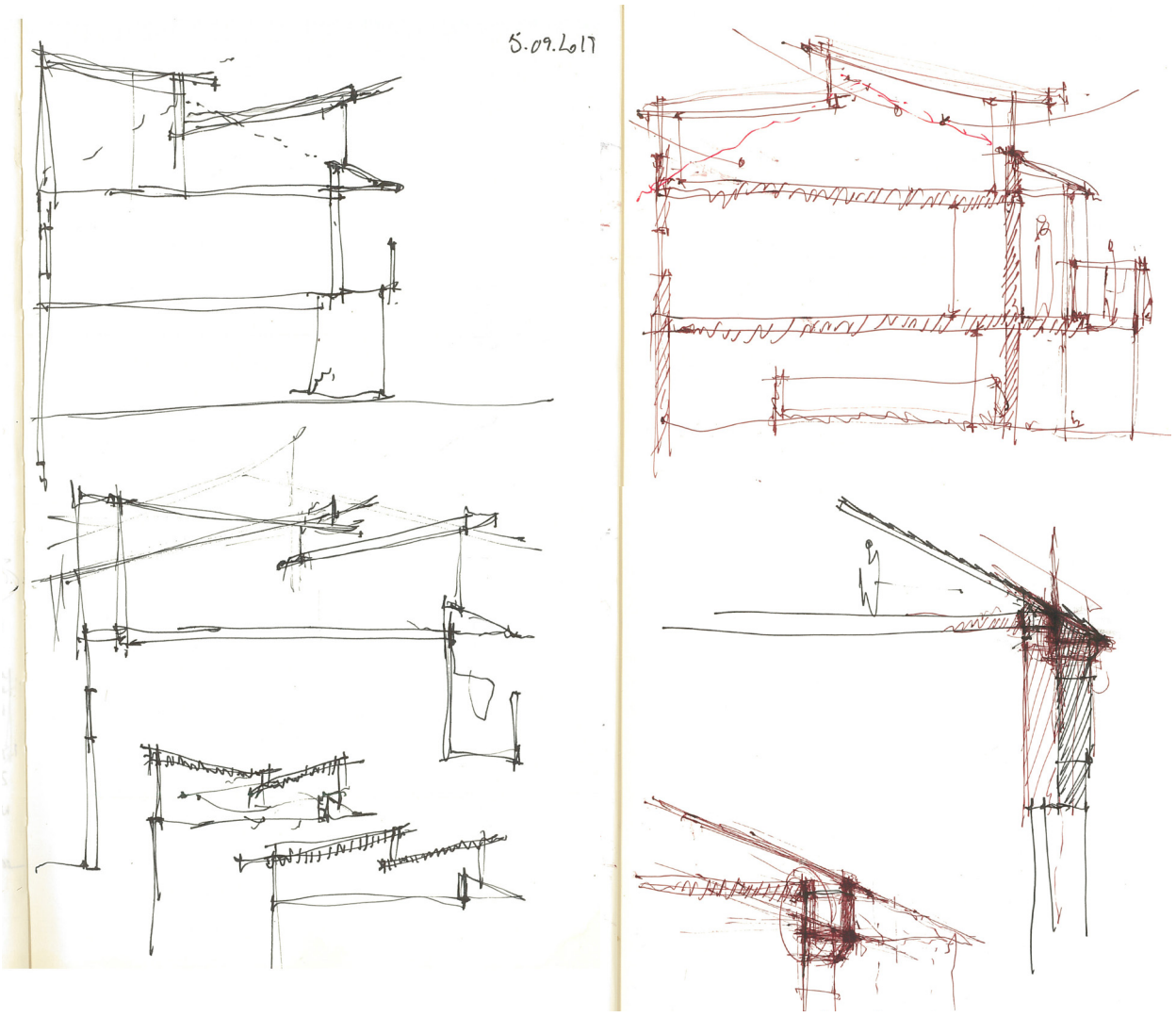
Escala 1/200
Arquitectura:
João Mendes Ribeiro
Colaboração:
Ana Moreira
Jorge Teixeira Dias
Manuela Nogueira
Sónia Gaspar
Catarina Fortuna

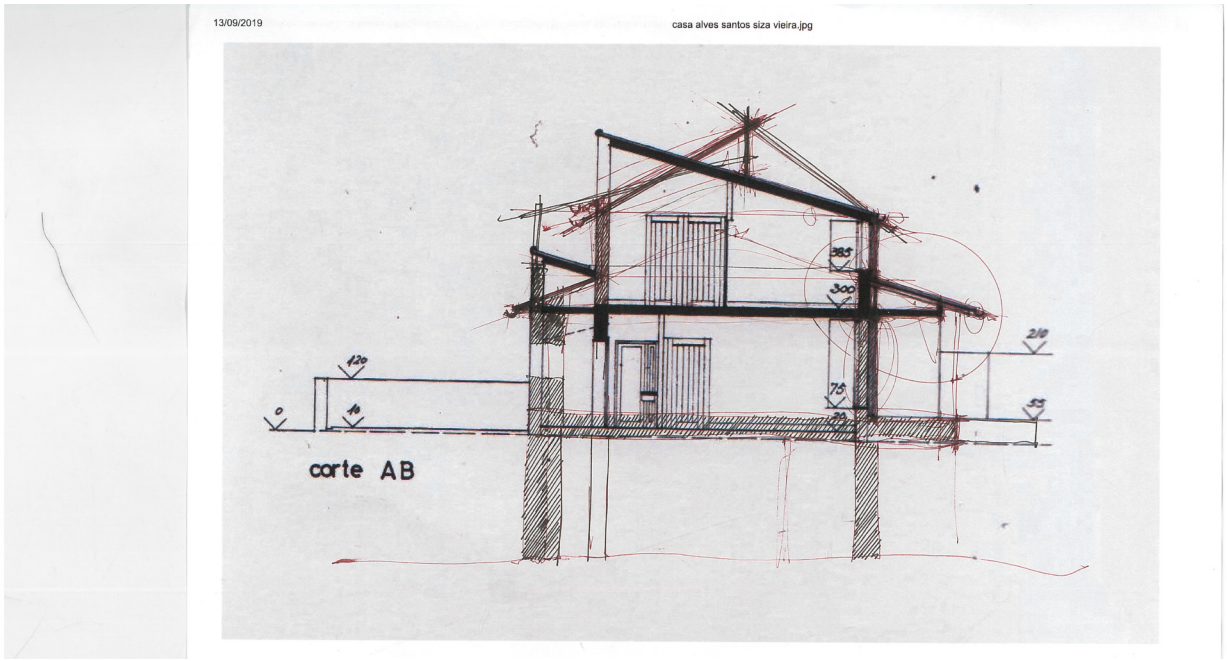
[Casa do Capela; processo de trabalho]

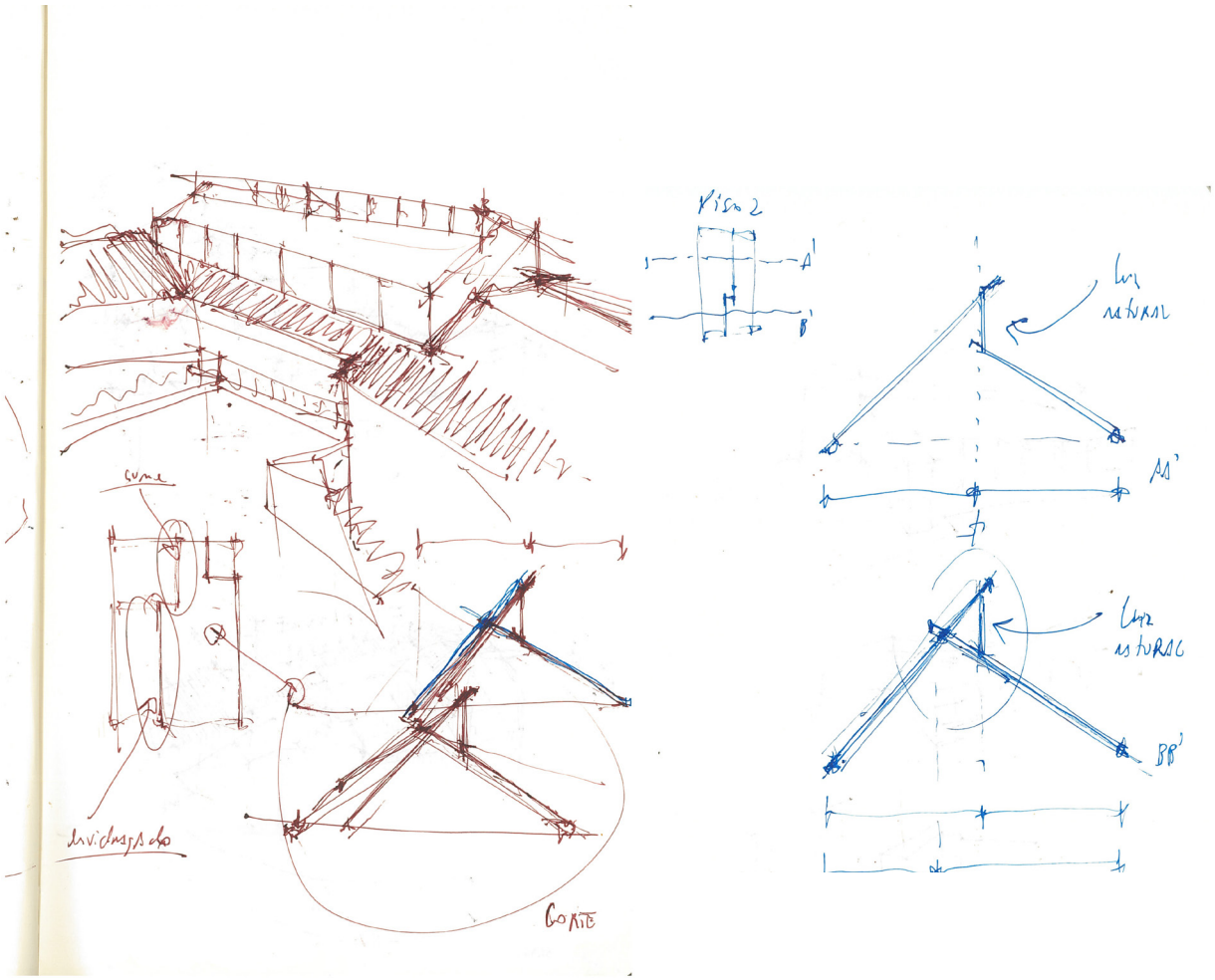


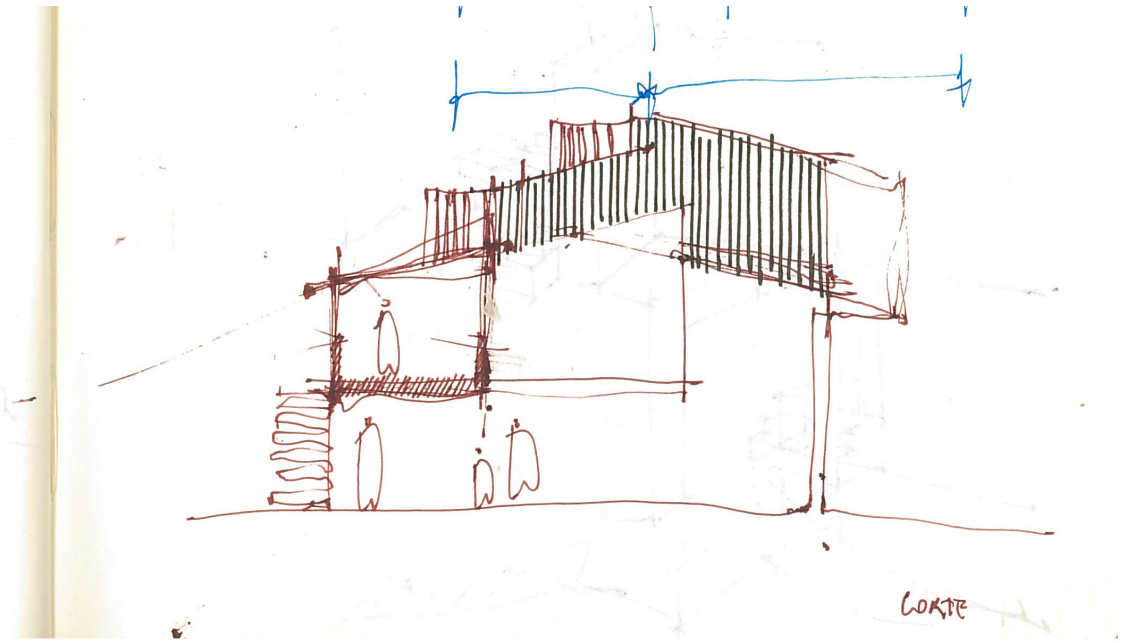

CAIXA DE ESCADAS / PISO INFERIOR E APART. DA COBERTURA
ENTULHOS / MANTÉM-SE
Travessa Vilarinho de Baixo

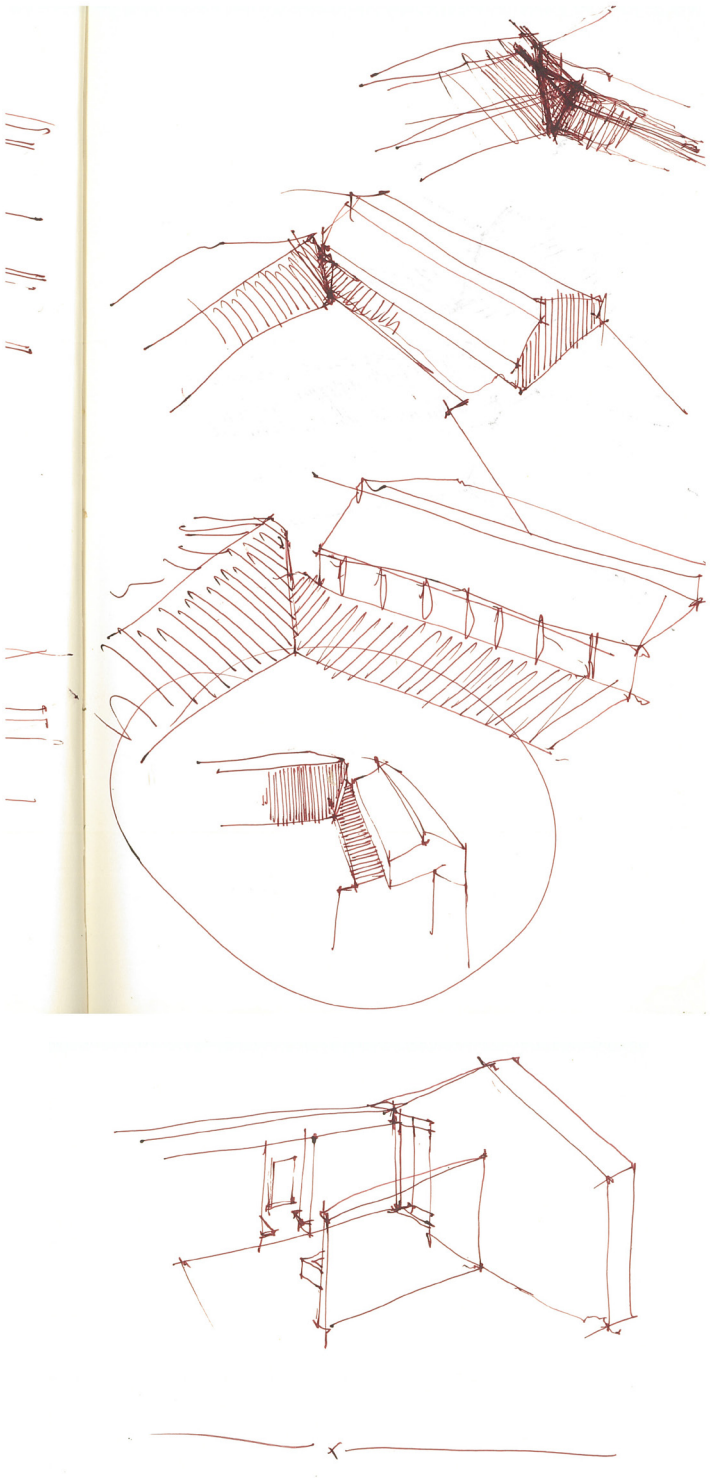

Piso 2
Travessa Vilarinho de Baixo

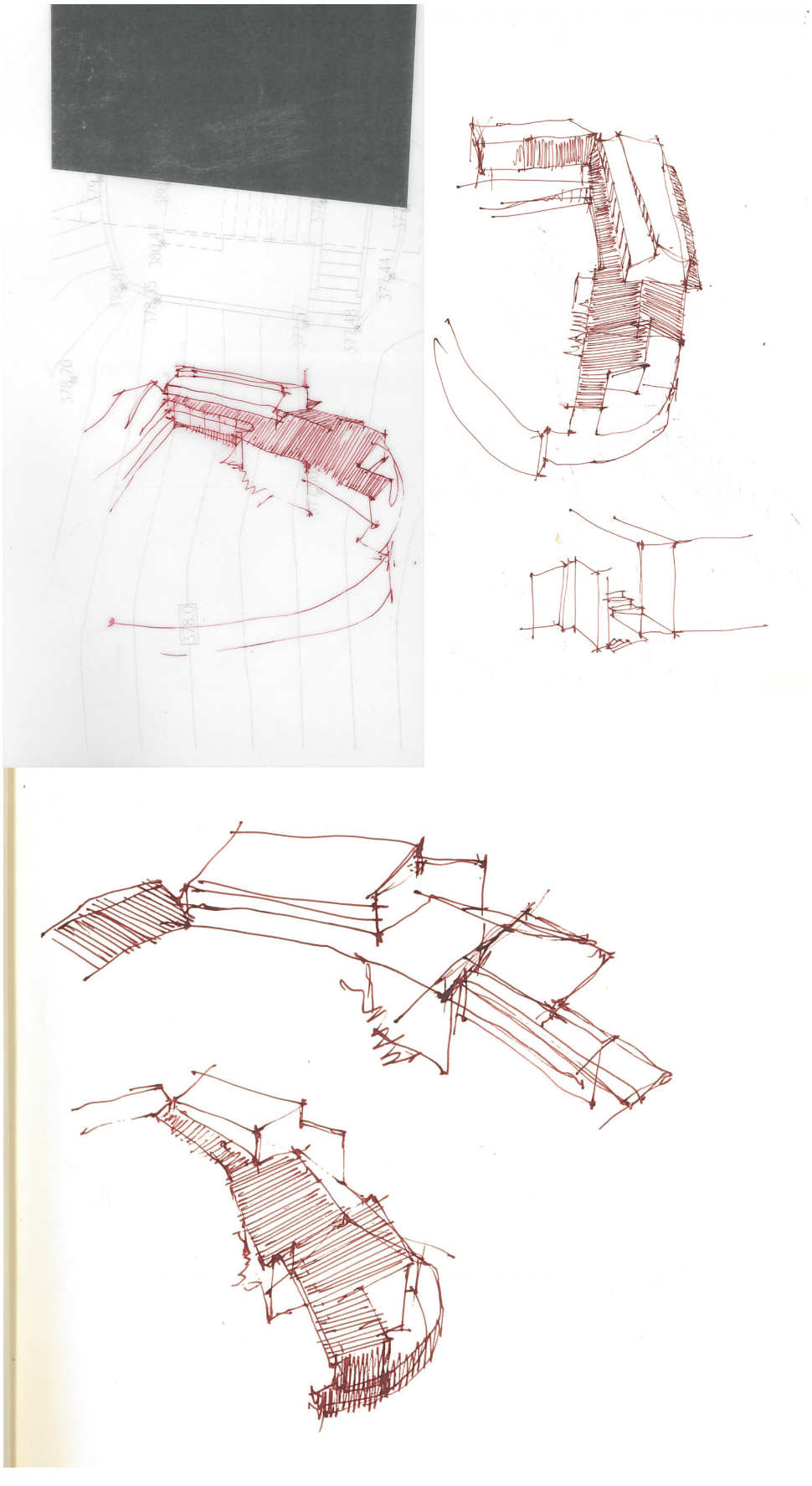

5.09.2017

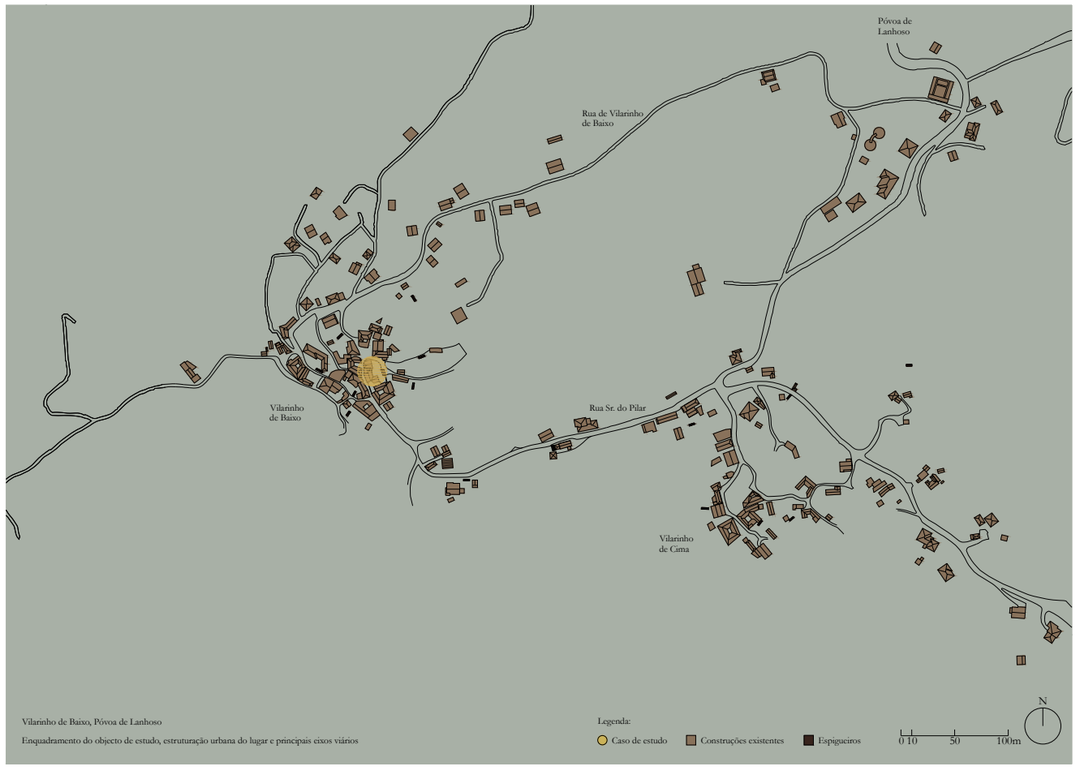

13/09/2019
casa alves santos siza vieira.jpg
corte AB


Vista 2
A
A'
B
B'
luz natural
AA'
Luz natural
BB'
Corte


Corte

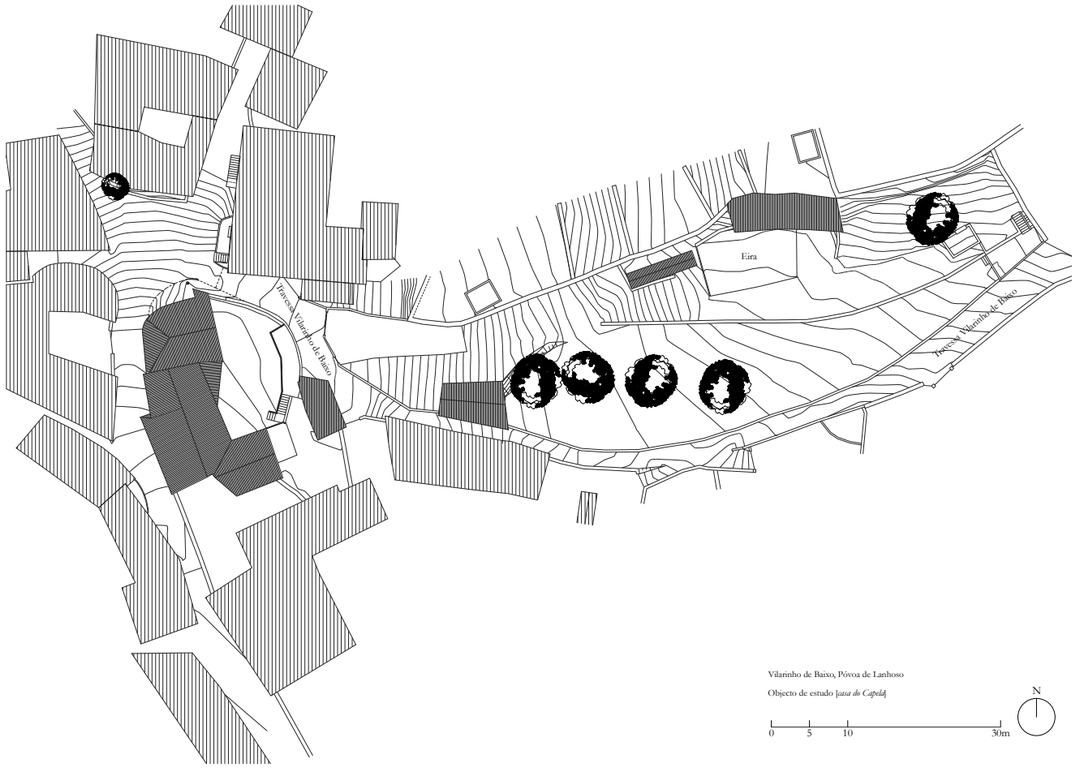






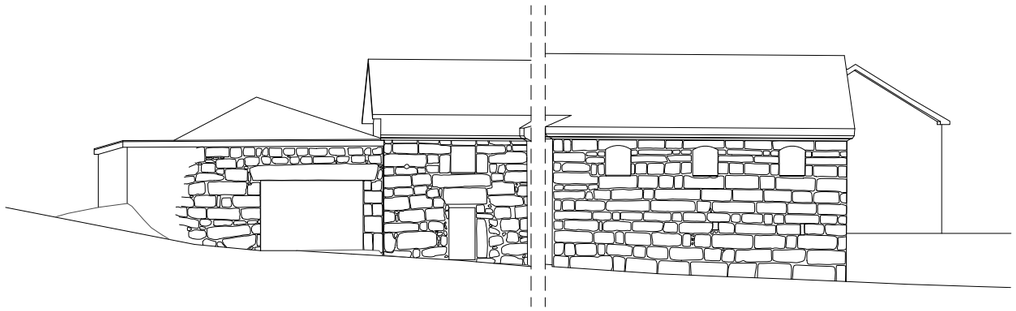
Vilarinho de Baixo, Póvoa de Lanhoso

Enquadramento do objecto de estudo, estruturação urbana do lugar e principais eixos viários

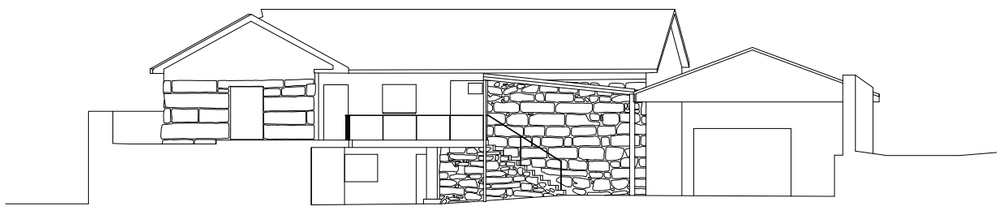


Vilarinho de Baixo, Póvoa de Lanhoso

Objecto de estudo [*casa do Capela*]



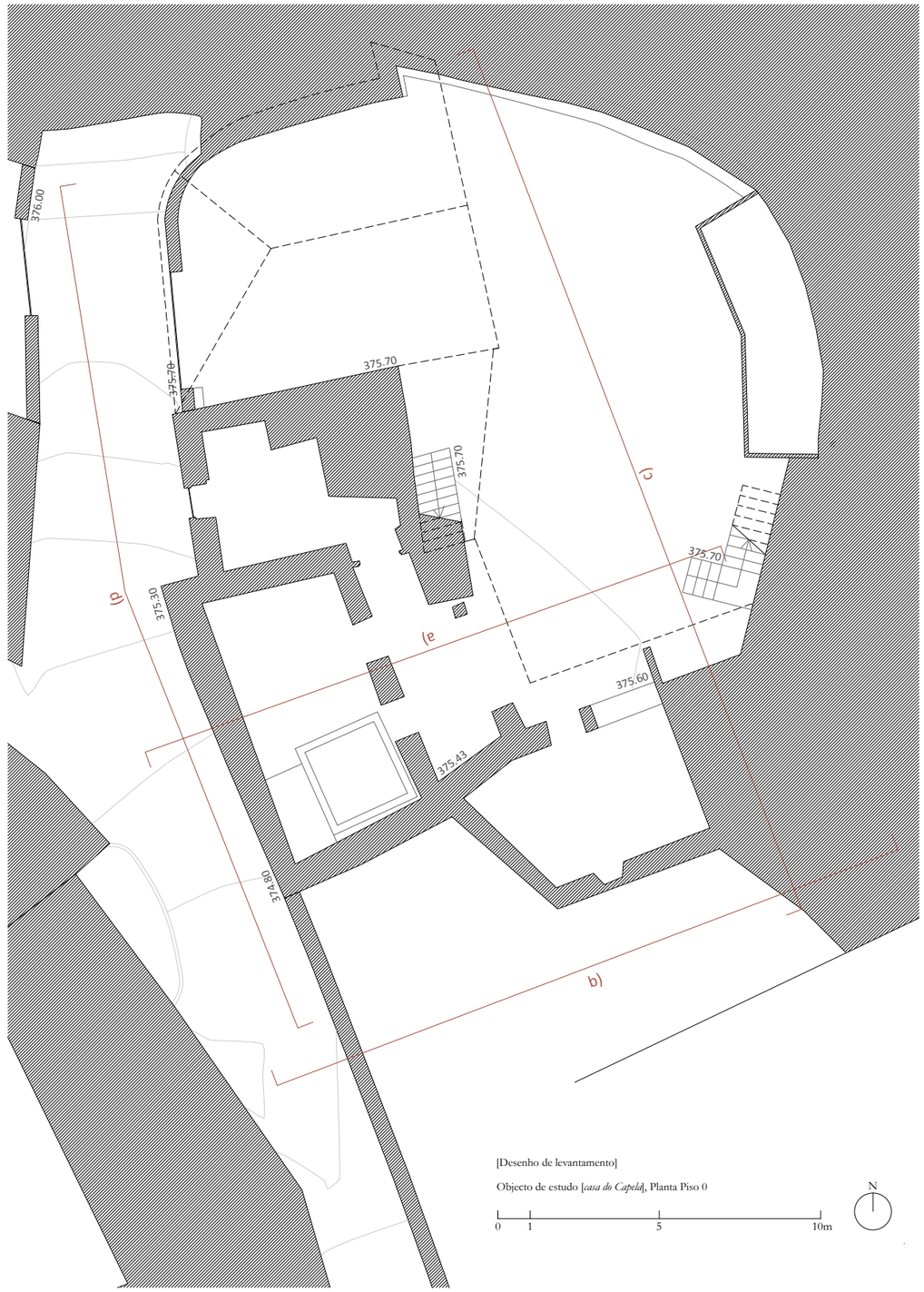
Alçado Poente d)



Alçado Nascente c)

Objecto de estudo [*casa do Capela*]

0 1 5 10m



[Desenho de levantamento]

Objecto de estudo [*casa do Capela*], Planta Piso 0

0 1 5 10m

N